

SP—ARTE

ROTAS

BRASILEIRAS

SP—ARTE

ROTAS
**GALERIA
FRENTE**

Estande B01

28 de agosto a 01 de setembro

[Confira nosso Preview](#)

A GALERIA FRENTE

Galeria Frente é uma das principais galerias especializadas no mercado secundário de arte moderna e contemporânea brasileira. Fundada por James Acacio Lisboa em 2015, possui 9 anos de existência, desde sua abertura, tem consistentemente fomentado um programa de exposições criterioso, comprometido em apresentar o melhor da arte brasileira, localizada em um dos bairros mais charmosos de São Paulo, Cerqueira César.

Em seu currículo de exposições já apresentou: Mira Schendel, 2015; Antonio Maluf e Hércules Barsotti, 2016; Frans Krajcberg, 2017; Iberê Camargo e Francisco Stockinger, 2018; Gilberto Salvador, 2021; Igor Rodrigues, 2022; Candido Portinari, 2023; e “A Realidade Máxima das Coisas”, , mostra coletiva dedicada a importante presença nipo-brasileira na arte nacional, 2024.

A Galeria Frente tem como missão facilitar e favorecer o colecionismo de arte no Brasil, por meio da comercialização de arte moderna e contemporânea, nacional e internacional.

Possuí em seu acervo obras dos principais artistas brasileiros modernos e contemporâneos como: Abraham Palatnik, Alberto da Veiga Guignard, Alfredo Volpi, Amilcar de Castro, Anita Malfatti, Antonio Bandeira, Beatriz Milhazes, Candido Portinari, Emiliano Di Cavalcanti, Frans Krajcberg, Genaro de Carvalho, Hércules Barsotti, José Leonilson, Manabu Mabe, Mira Schendel, Tarsila do Amaral, Tomie Ohtake, Vik Muniz, Willys de Castro **entre outros**.



GALERIA FRENTE NA FEIRA ROTAS BRASILEIRAS

A Galeria Frente vem marcando presença, desde a primeira edição do evento. Nesta 3ª edição da Feira Rotas Brasileiras o recorte curatorial apresentará uma seleção primorosa do acervo da Galeria, trazendo ao público o melhor da arte abstrata nacional, com obras dos artistas: Abraham Palatnik, Alfredo Volpi, Aluísio Carvão, Amilcar de Castro, Antonio Maluf, Antônio Bandeira, Arcangelo Ianelli, Arthur Luiz Piza, Ascânio MMM, Burle Marx, Eduardo Sued, Frans Krajcberg, Hércules Barsotti, Judith Lauand, Manabu Mabe, Maurício Nogueira Lima, Mira Schendel, Paulo Roberto Leal, Samson Flexor, Sérgio Camargo, Tomie Ohtake, Willys de Castro, **entre outros.**

Aguardamos por sua presença!

Acesse nosso site e confira.

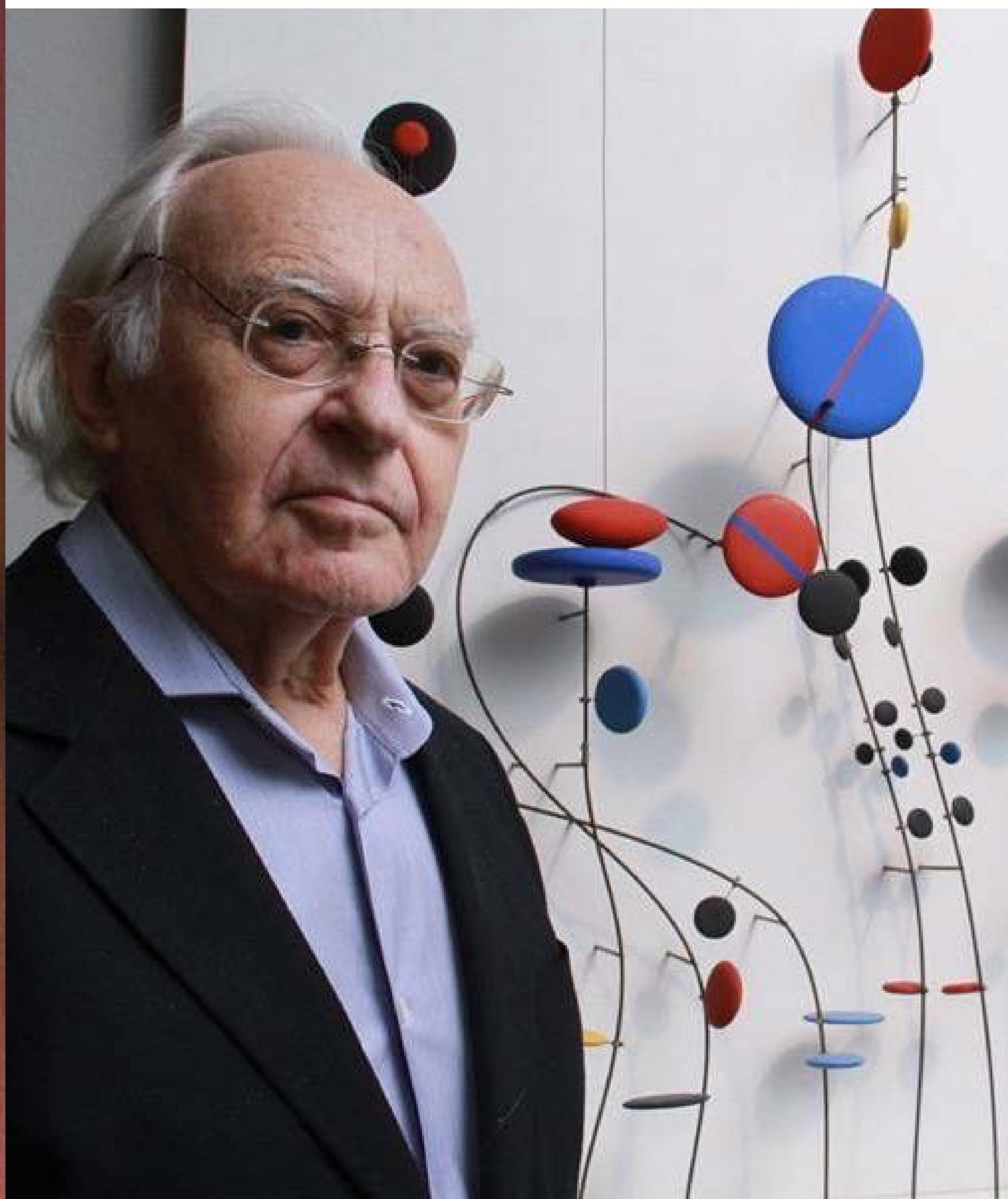
<https://www.galeriafrente.com.br/>

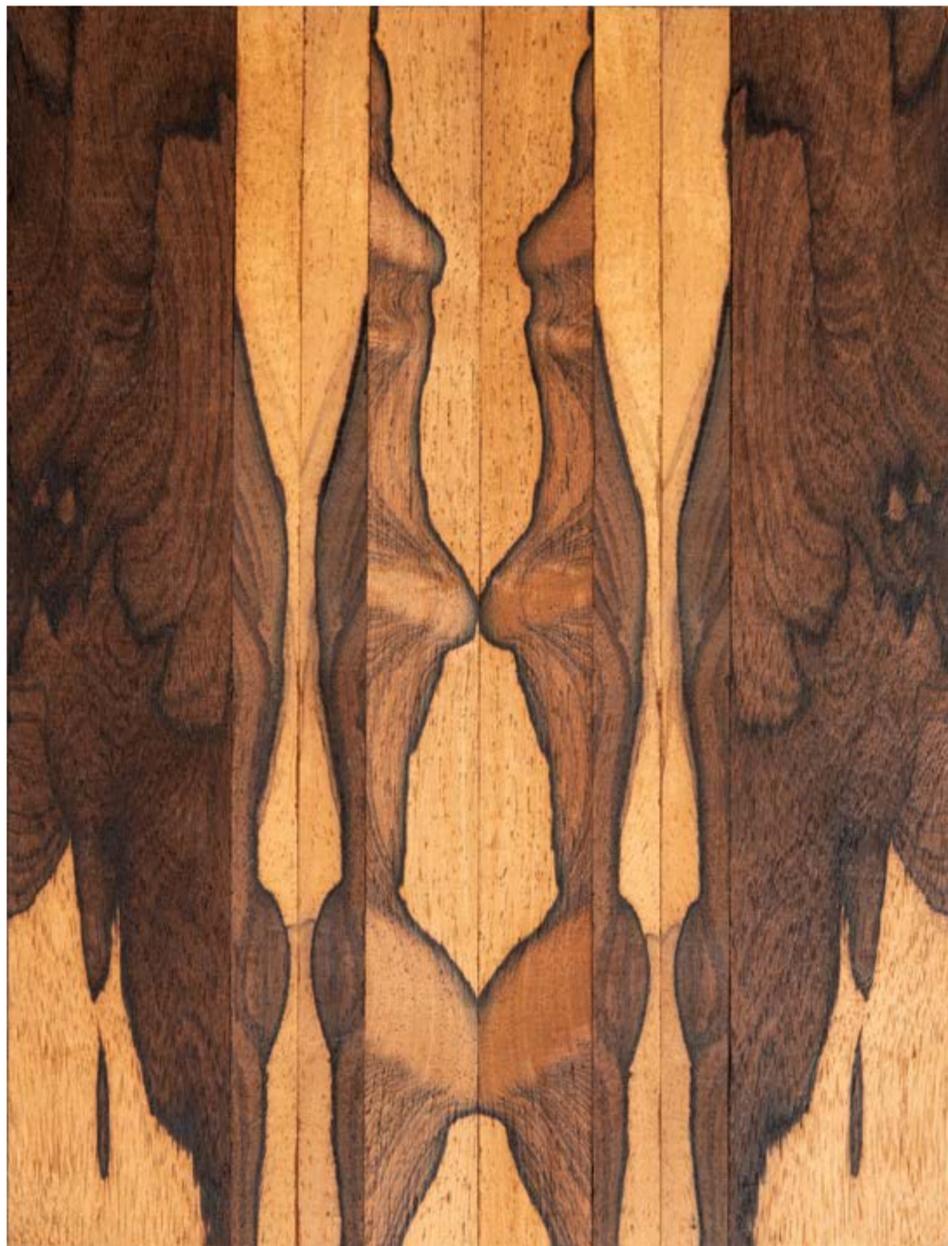
ABRAHAM PALATNIK

Abraham Palatnik

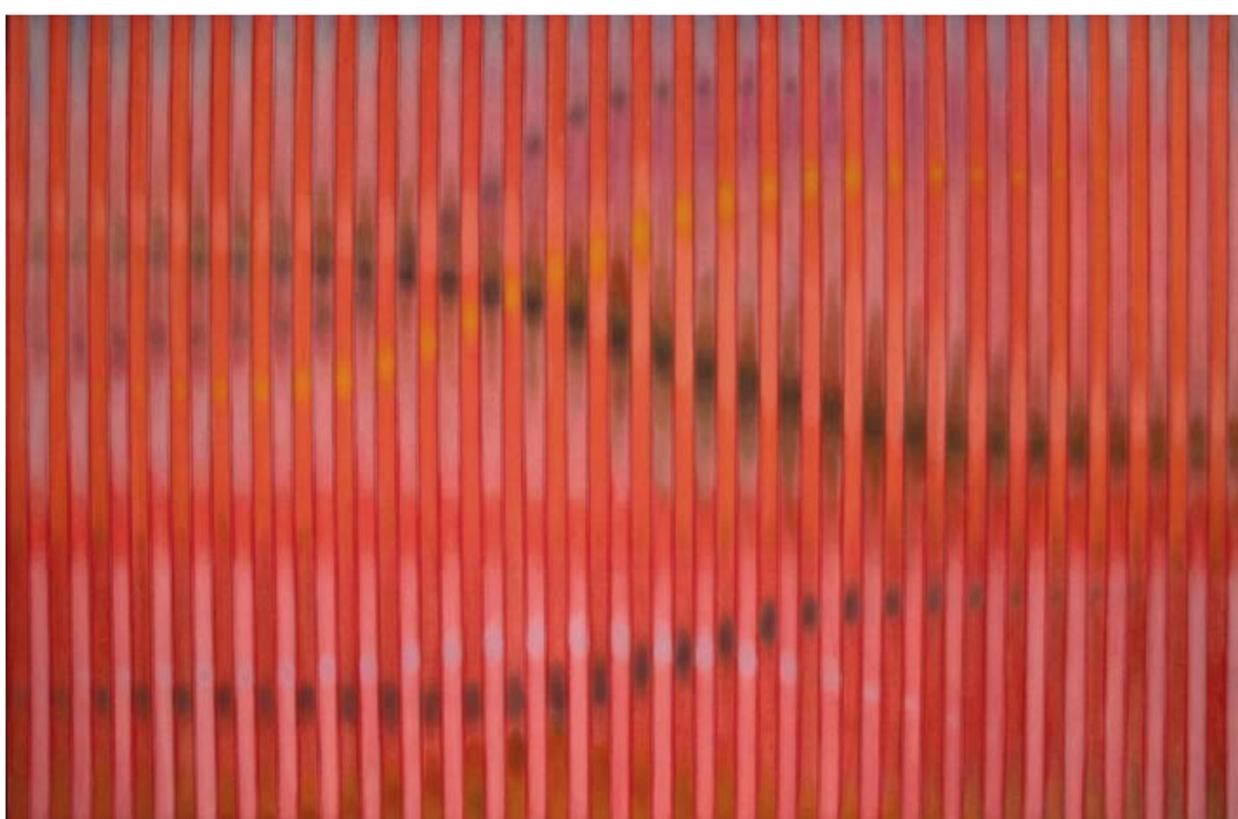
(Natal, Rio Grande do Norte, 1928 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020).

Artista cinético, pintor, desenhista. Considerado um dos pioneiros da chamada arte cinética no Brasil, expande os caminhos das artes visuais ao relacionar arte, ciência e tecnologia. De modo criativo, e ao longo de seus mais de 60 anos de carreira, desenvolve maquinários com experimentações artísticas e estéticas diversas. Ao criar composições que partem da cor, mas ultrapassam o limite da pintura, o artista é consagrado pioneiro em explorar as conquistas tecnológicas na criação de vanguarda brasileira, habilitando as máquinas para gerar obras de arte.





Abraham Palatnik
Progressão, 1967
jacarandá
40 x 30 cm
assinatura no verso



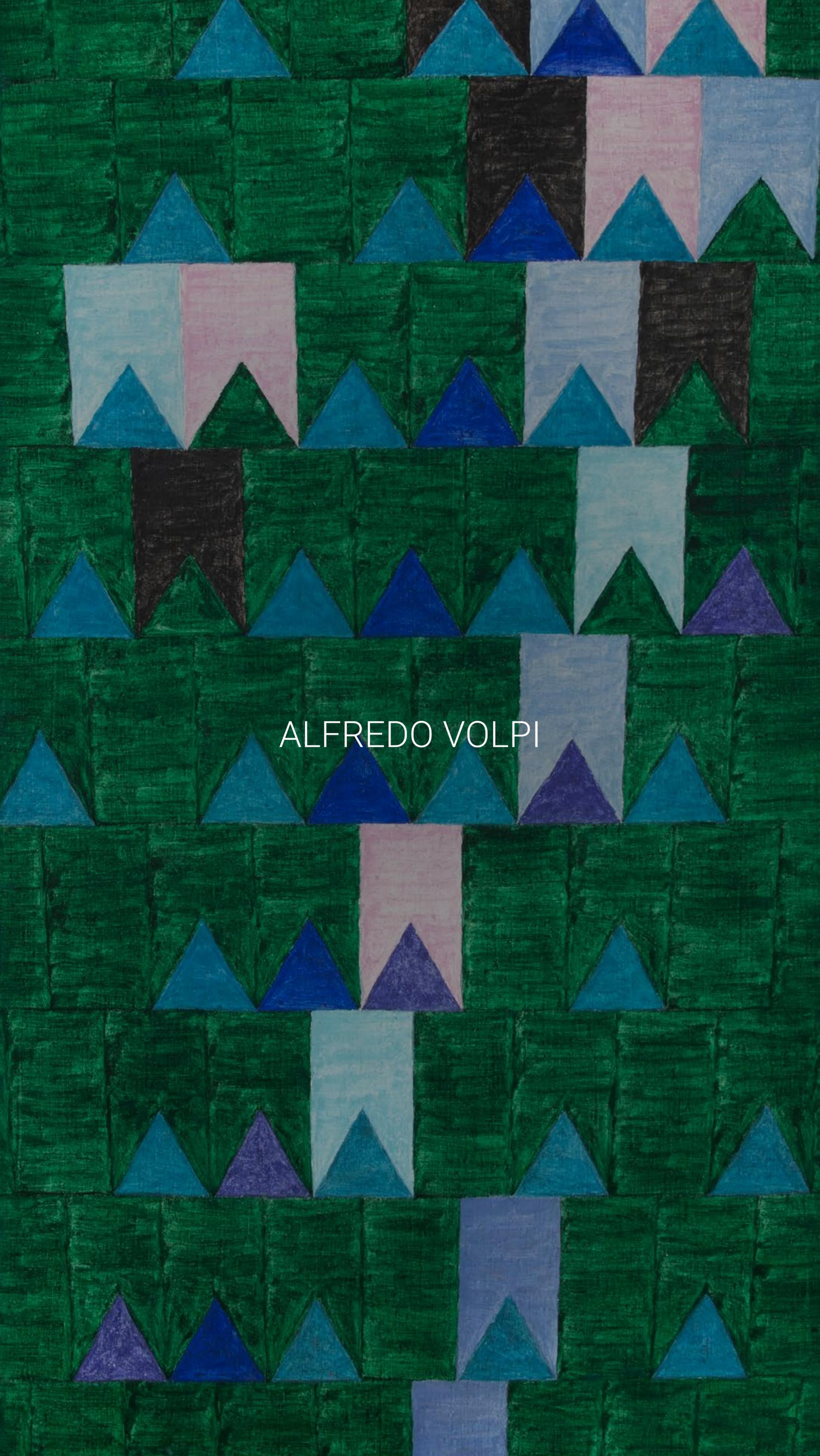
Abraham Palatnik

Progressão C-11, 1999

óleo e barbante sobre tela colada em madeira

100 x 150 cm

assinatura no verso

The image is a vertical abstract artwork by Alfredo Volpi. It features a grid of green squares. Within this grid, there are various colored shapes: triangles pointing up and down, and rectangles. The colors used include shades of blue, purple, pink, light blue, and brown. The overall composition is rhythmic and geometric. The text 'ALFREDO VOLPI' is centered in the middle of the image.

ALFREDO VOLPI

Alfredo Volpi

(Lucca, Itália 1896 – São Paulo, São Paulo, 1988).

Foi um pintor ítalo-brasileiro considerado um dos mais destacados pintores da Segunda Geração da Arte Moderna Brasileira. Suas pinturas são caracterizadas por casarios e bandeirinhas coloridas. Com uma trajetória singular e passagem por distintas vertentes da pintura, Volpi destaca-se por suas paisagens, temas populares e religiosos, como a série de bandeirinhas de festa junina.

Em 1897, chega ao Brasil com pouco mais de um ano e instala-se com a família no Cambuci, tradicional bairro de São Paulo. Estuda na Escola Profissional Masculina do Brás e, na juventude, trabalha como marceneiro, entalhador e encadernador. Em 1911, inicia a carreira como aprendiz de decorador de parede, pintando frisos, florões e painéis de residências. Na mesma época começa a pintar sobre madeira e tela.

Participa pela primeira vez de uma exposição coletiva no Palácio das Indústrias de São Paulo, em 1925, momento em que privilegia retratos e paisagens. Por causa da grande sensibilidade na representação da luz e da sutileza no uso das cores, é comparado aos impressionistas. Outras obras da década de 1920, no entanto, contam com traços que remetem a composições românticas.

Premiado em várias oportunidades, como o de melhor pintor brasileiro na II Bienal de São Paulo (1953), esteve na Bienal de Veneza (1952, 1954, 1962 e 1964), e integrou importantes exposições em cidades como Tóquio, Paris, Buenos Aires, Roma e Nova York. Em seu aniversário de 90 anos, o MAM-SP fez a exposição Volpi 90 Anos. Morreu em São Paulo em 1988 e a Pinacoteca do Estado de São Paulo expõe Volpi - projetos e estudos em retrospectiva, Décadas de 40-70.





Alfredo Volpi

Paisagem de Santos, déc. 1920/30

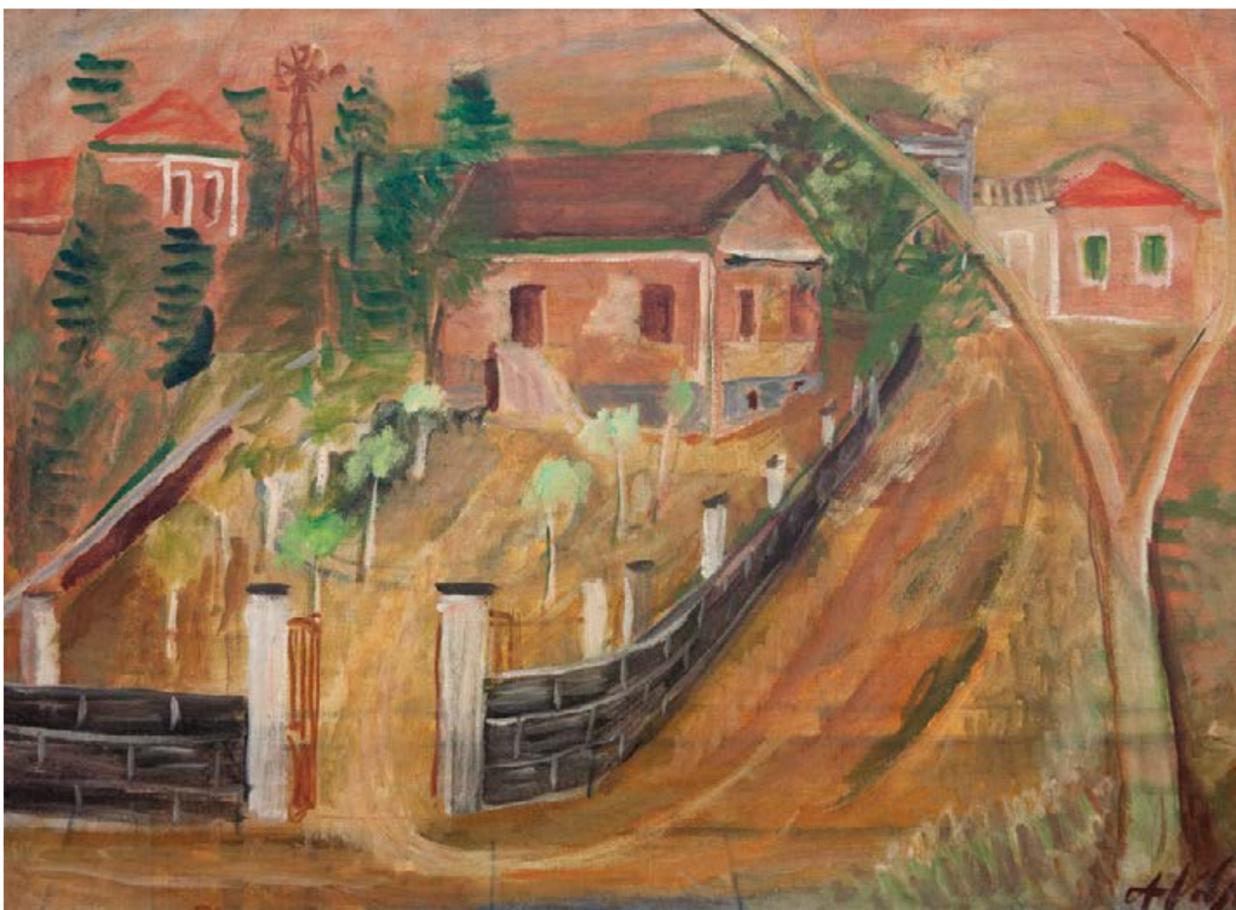
óleo sobre tela colado em placa

30 x 37 cm

assinatura inf. dir.

Registrada no Catálogo Raisonné de Volpi ACOAV 0071. Publicada no Alfredo Volpi: Catálogo de obras. Instituto Alfredo Volpi de Arte Moderna. São Paulo, 2015. P. 35.

Ex-coleção Domingos Giobbi.



Alfredo Volpi

A casa da ladeira - Mogi das Cruzes, déc. 1930

óleo sobre tela

60 x 80 cm

assinatura inf. dir.

Registrada no Catálogo Raisonné de Volpi IAVAM 2691. Publicada no Alfredo Volpi: Catálogo de obras. Instituto Alfredo Volpi de Arte Moderna. São Paulo, 2015. P. 76.

Participou da exposição "Entreolhares, poética d'alma brasileira", no Museu Afro Brasil, curadoria de Edna Matozinho de Pontes e Fabio Magalhães, 2016, reproduzido no catálogo da mostra na pág. 162.

livro

ARAÚJO, Olívio Tavares de. A. Volpi. São Paulo: Art Ed.: Círculo do Livro, 1984. (Grandes artistas brasileiros).p.36.

documentação de apoio

CATALOGAÇÃO da obra de Alfredo Volpi. Coord. Pietro Maria Bardi. São Paulo: Masp, 1978. reprodução p&b. sem página.



Alfredo Volpi

Itanhaém, 1940

óleo sobre tela

57 x 80 cm

assinatura inf. dir.

Registrada no Catálogo Raisonné de Volpi ACOAV 0053. Publicada no Alfredo Volpi: Catálogo de obras. Instituto Alfredo Volpi de Arte Moderna. São Paulo, 2015. P. 94.

Participou da exposição: Retrospectiva Volpi, Museu de Arte Moderna de São Paulo - 10/1975 - 11/1975. Reproduzido no catálogo da mostra: COELHO, Diná Lopes (Org.). Retrospectiva Alfredo Volpi. Apres. Paulo Mendes de Almeida. São Paulo: Museu de Arte Moderna, 1975. sem página.

Ex-coleção Domingos Giobbi



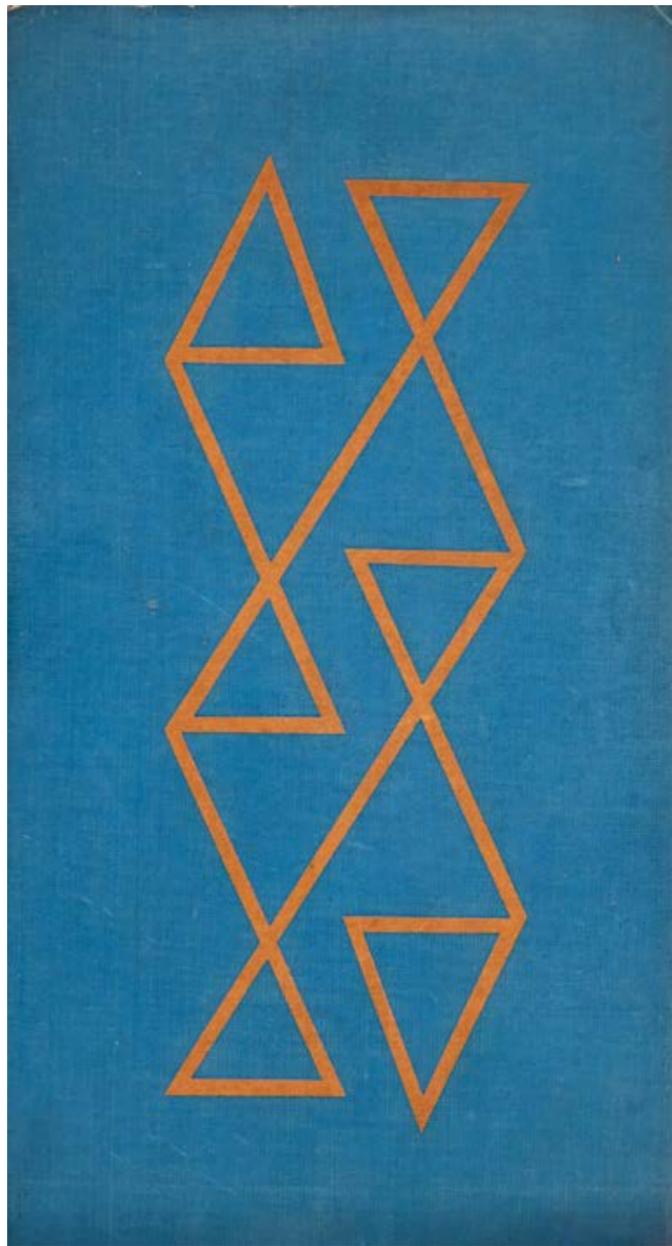
Alfredo Volpi

Sem Título, 1970

têmpera sobre tela

136 x 67,5 cm

Registrada no Catálogo Raisonné de Volpi ACOAV0335. Publicada no Alfredo Volpi: Catálogo de obras. Instituto Alfredo Volpi de Arte Moderna. São Paulo, 2015. P. 356

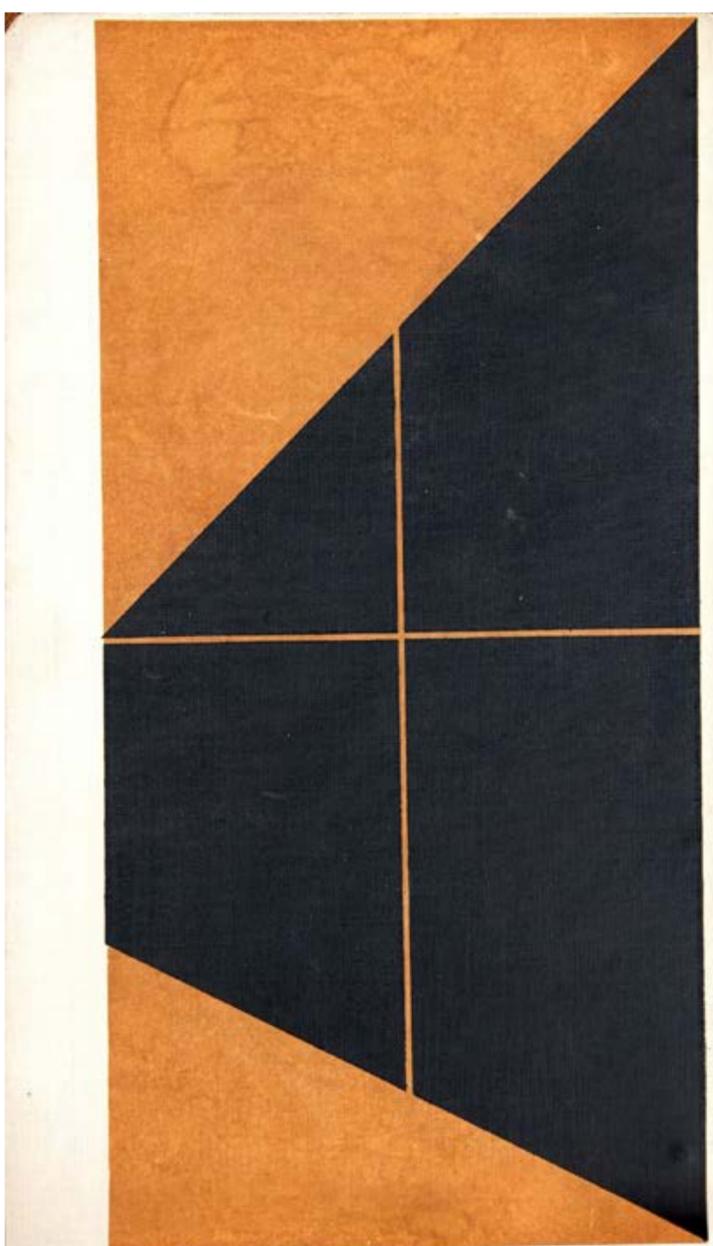


Alfredo Volpi

Sem Título
têmpera sobre cartão
23,5 x 13 cm
Assinatura no Verso

Ex coleção:
Augusto de Campos

Ex coleção:
Orandi Momesso



Alfredo Volpi

Sem Título

têmpera sobre cartão

23,5 x 13 cm

Ex coleção:

Augusto de Campos

Ex coleção:

Orandi Momesso



ALUÍSIO CARVÃO

Aluísio Carvão

(Belém, Pará, 1920 – Poços de Caldas, Minas Gerais, 2001).

As cores assumem força expressiva na obra de Aluísio Carvão, que também pesquisa as potencialidades das formas geométricas.

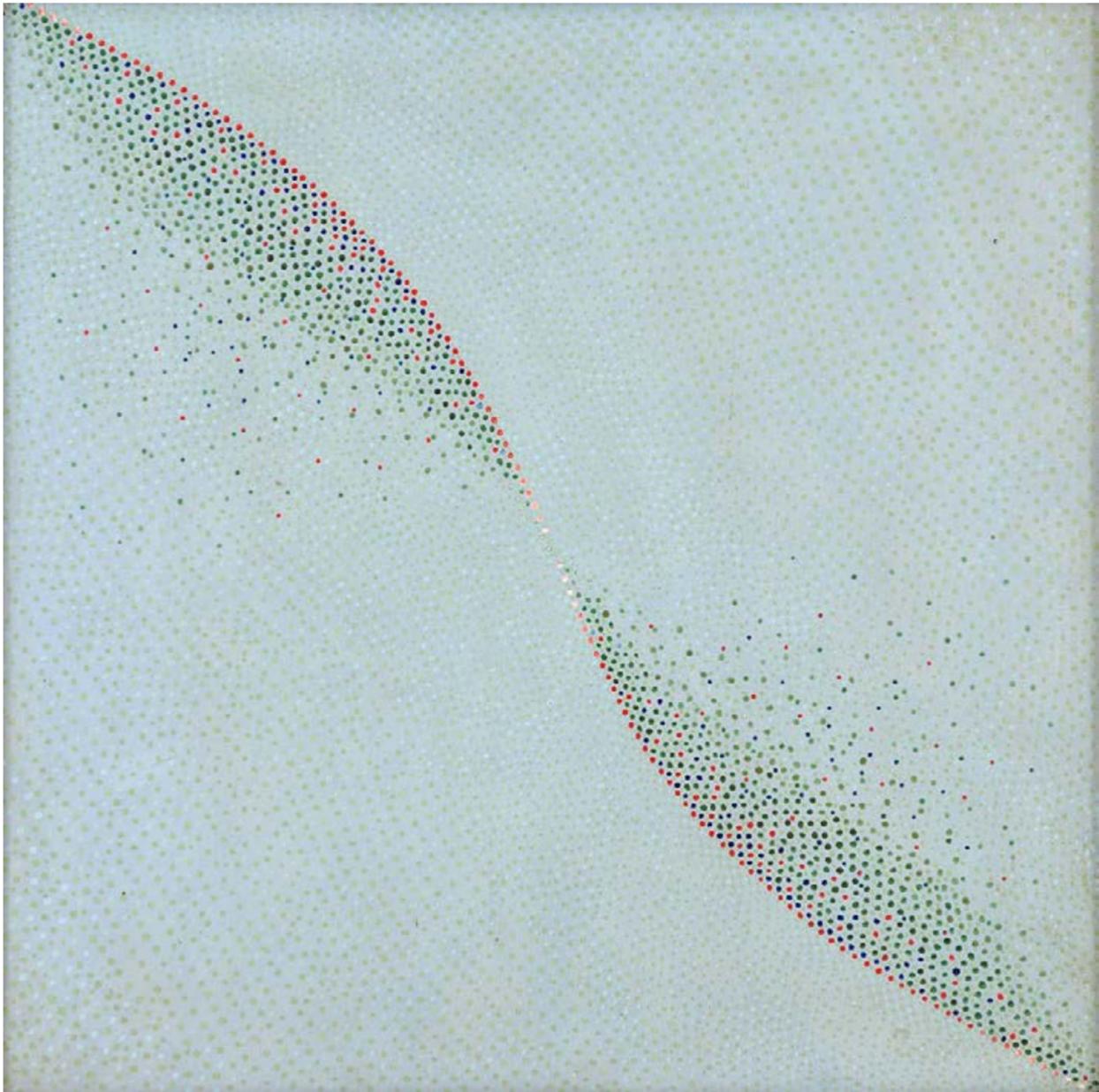
Em 1949 é contemplado pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC) com uma bolsa destinada a professores de artes e se muda para o Rio de Janeiro. Em 1952, ingressa no curso livre de pintura de Ivan Serpa (1923-1973), no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ). De 1953 a 1956, faz parte do Grupo Frente e participa das principais exposições coletivas ligadas ao concretismo brasileiro. Em 1959, assina o Manifesto neoconcreto, escrito por Ferreira Gullar (1930-2016), com artistas como Amilcar de Castro (1920-2002), Franz Weissmann (1911-2005) e Lygia Clark (1920-1988).

A adesão ao neoconcretismo leva o artista a abandonar as estruturas formais geométricas em favor de uma construção que se faz diretamente com a cor, em telas que suspendem a diferenciação entre forma, cor e fundo.

Em 1960, participa da mostra *Konkrete Kunst*, em Zurique (Suíça), e da Exposição de Arte Neoconcreta, em Munique (Alemanha). É contemplado no Salão Nacional de Arte Moderna com o prêmio de viagem ao exterior. Como artista visitante, ingressa na Hochschule für Gestaltung (HfG), na cidade alemã de Ulm. Depois da estadia na Europa, volta para o Rio de Janeiro em 1963 e intensifica sua atuação como professor, ministrando cursos no MAM do Rio de Janeiro e na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV/Parque Lage).

Importante figura do concretismo e do neoconcretismo, Aluísio Carvão explora as nuances cromáticas e os contornos formais com ousadia, a ponto de jogar com dimensões espaciais. Dialogando eventualmente com abordagem figurativa, constrói um estilo alusivo e inventivo.





Aluísio Carvão

Sem Título, 1950

óleo sobre placa

40 x 40 cm

Reproduzido no livro "Carvão" na pág. 51.

AMILCAR DE CASTRO

AMILCAR DE CASTRO

(Paraisópolis, Minas Gerais, 1920 – Belo Horizonte, Minas Gerais, 2002).

Escultor, gravador, desenhista, diagramador, cenógrafo, professor. Um dos principais artistas plásticos brasileiros do século XX, Amilcar de Castro promoveu inflexões radicais e inovadoras no campo da escultura e da geometria, tornando-se referência incontornável para essa forma de expressão artística, tanto no Brasil quanto no mundo.

Em 1960, participa da Mostra Internacional de Arte Concreta, organizada em Zurique por Max Bill. Em 1968, vai para os Estados Unidos, conjugando bolsa de estudo da Guggenheim Memorial Foundation com o prêmio de viagem ao exterior obtido na edição de 1967 do Salão Nacional de Arte Moderna (SNAM). Nesse período, realiza algumas esculturas que partem de anéis, chapas e fios de aço. Essas peças, às quais não dá sequência, possuem diferentes pontos de equilíbrio no solo.

De volta ao Brasil, em 1971, fixa residência em Belo Horizonte. Torna-se professor de composição e escultura da Escola Guignard, na qual trabalha até 1977, inclusive como diretor. Entre as décadas de 1970 e 1980, leciona na Faculdade de Belas Artes da UFMG. Nesse período, retoma intensamente o desenho e dá continuidade à escultura anterior ao período americano.





Amilcar de Castro

Sem Título, dec. 80
escultura em aço cortém
50 x 50 x 2,5 cm
assinatura na peça

Registrada no Instituto Amilcar de Castro sob nº CA 001.334.



Amilcar de Castro

Sem Título, 1985
escultura em aço
30 x 30 x 5 cm
assinatura inf. dir.



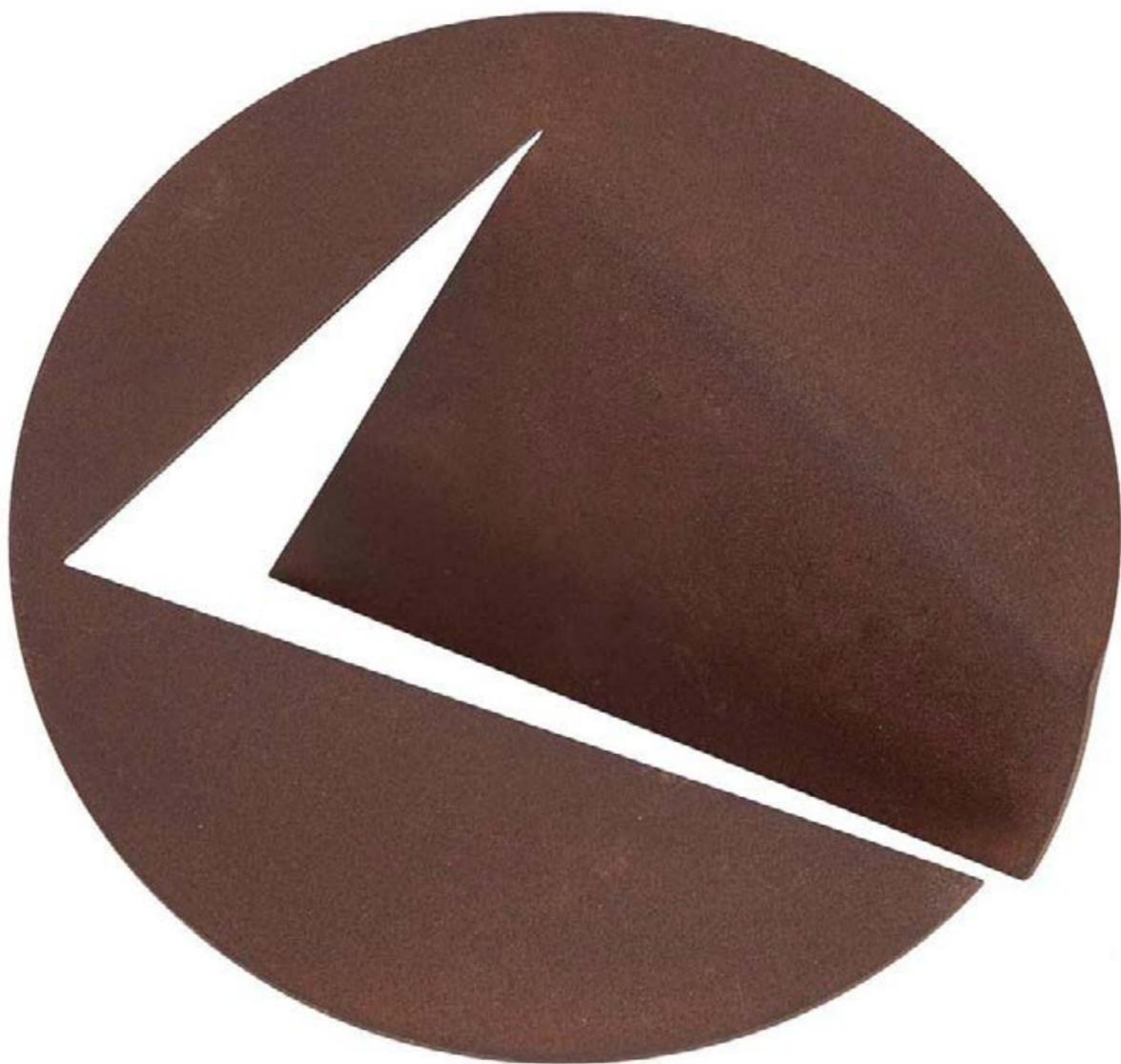
Amilcar de Castro

Sem Título, 1987

escultura em aço

38 x 37,5 x 13 cm

assinatura na peça



Amilcar de Castro

Sem Título, 1998

corte e dobra chapa redonda

23 x 0,3 cm

assinatura na peça

Certificado nº CA 000.675. Reproduzido no livro: Amilcar de Castro: corte e dobra. Texto Tadeu Chiarelli. Rodrigo de Castro e Marília Razuk (coordenadores). São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 85, sob registro CDR 12.



Amilcar de Castro

Sem Título, 1998

dobra de chapa irregular

23 x 23 x 0,3 cm

assinatura na peça

Certificado nº CA 000.798. Reproduzido no livro: Amilcar de Castro: corte e dobra. Texto Tadeu Chiarelli. Rodrigo de Castro e Marília Razuk (coordenadores). São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 139, sob registro IRR 45.



Amilcar de Castro

Sem Título, 1998

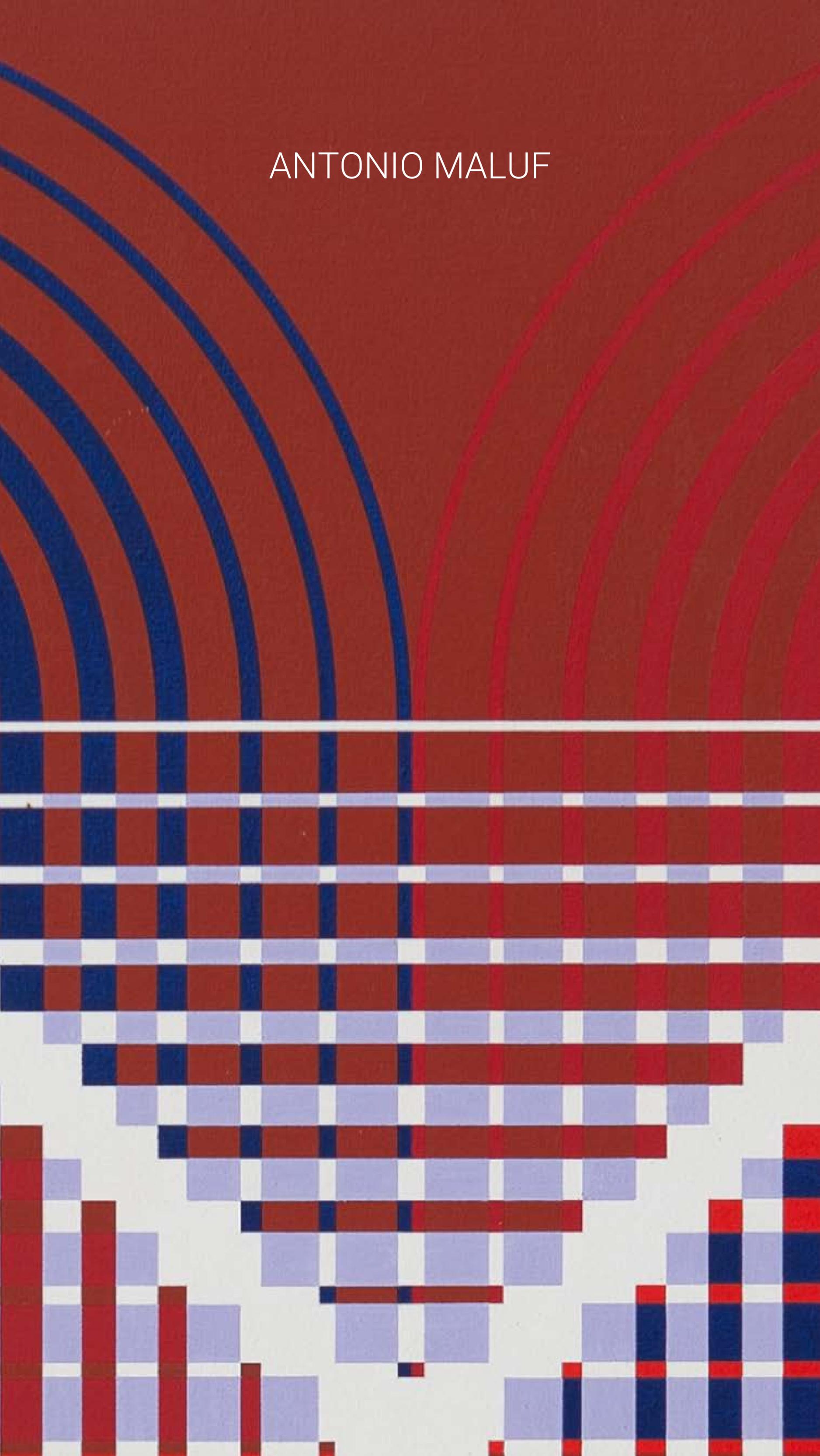
corte e dobra chapa verticala

30 x 10 x 0,3 cm

assinatura na peça

Certificado nº CA 000.750. Reproduzido no livro: Amilcar de Castro: corte e dobra. Texto Tadeu Chiarelli. Rodrigo de Castro e Marília Razuk (coordenadores). São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p.112, sob registro CDV 12.

ANTONIO MALUF



ANTONIO MALUF

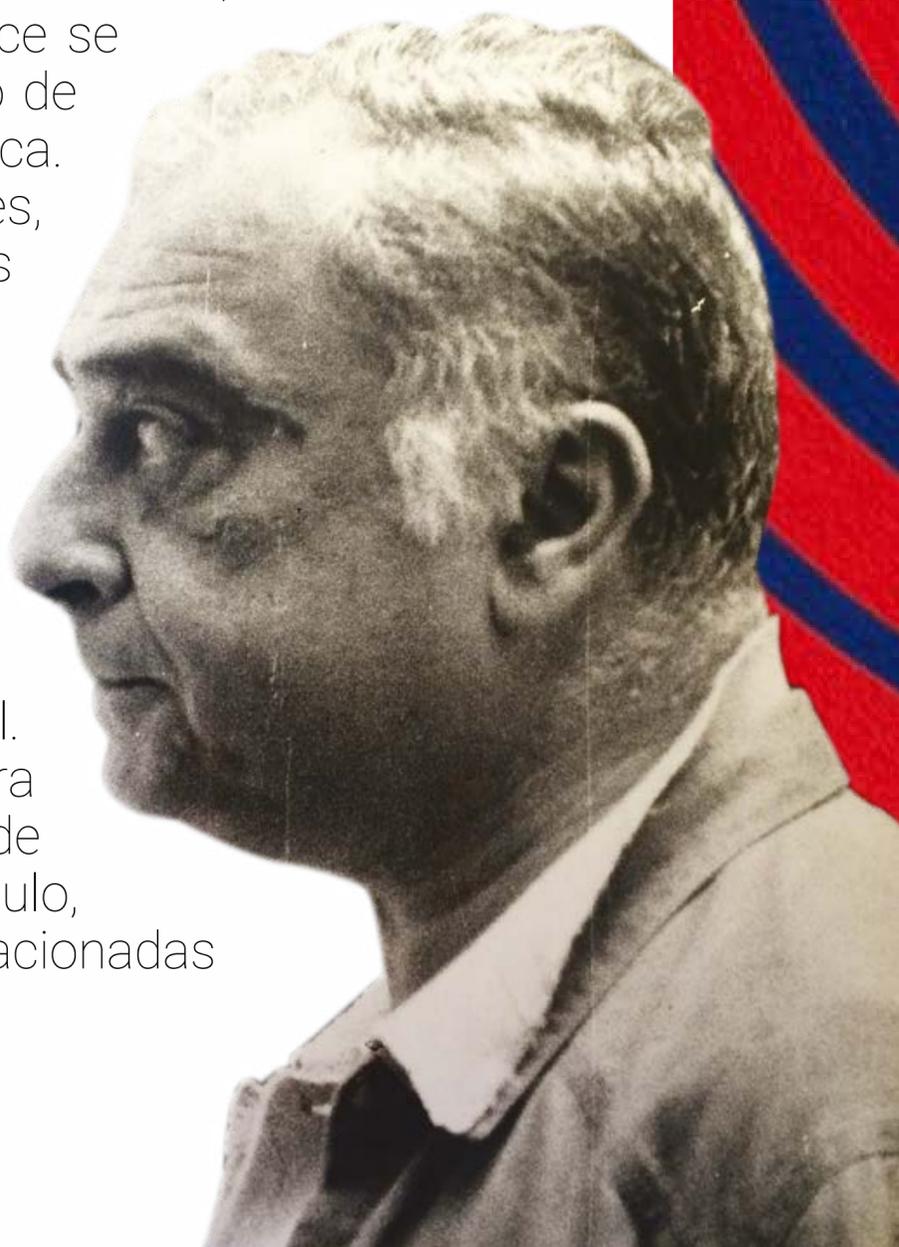
(São Paulo, São Paulo, 1926 - idem 2005).

Antônio Maluf estuda na Escola Livre de Artes Plásticas, em São Paulo, na década de 1940, e também cursa pintura nos ateliês de Waldemar da Costa (1904-1982) e Flexor (1907-1971). Em 1951, matricula-se no primeiro curso de desenho industrial da América Latina, no Instituto de Arte Contemporânea - IAC do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - Masp. Entre os colegas do IAC, encontram-se futuros grandes designers e artistas concretos brasileiros como Alexandre Wollner (1928) e Maurício Nogueira Lima (1930 - 1999).

Maluf segue uma trajetória singular, pois apesar de adotar a linguagem construtiva, compartilhada por vários artistas a partir da década de 1950, não se vincula a nenhum grupo.

Elabora, em 1951, um de seus primeiros trabalhos concretos, Equação dos Desenvolvimentos em Progressões Crescentes e Decrescentes, que é adaptado para participar do concurso de cartazes da 1ª Bienal Internacional de São Paulo. Ele vence o concurso e seu trabalho é considerado um marco no design gráfico brasileiro. O cartaz traz retângulos que se adensam, à medida em que são reduzidos, em direção ao centro do papel. Apresenta assim uma vibração ótica resultante da sugestão de movimento criada pelas linhas paralelas. Já nas séries Progressões Crescentes e Decrescentes, o artista cria um ritmo que parece se ampliar ao infinito, pela repetição de uma mesma estrutura geométrica. Maluf utiliza variados suportes, dedicando-se a pinturas murais em azulejos e estampas para tecidos, sempre norteados por sua visão da arte concreta.

A tendência construtiva caracteriza sua trajetória como artista e suas atividades de designer e programador visual. Com seus trabalhos, colabora para a transformação da identidade visual da cidade de São Paulo, integrando a arte às atividades relacionadas ao cotidiano da população.





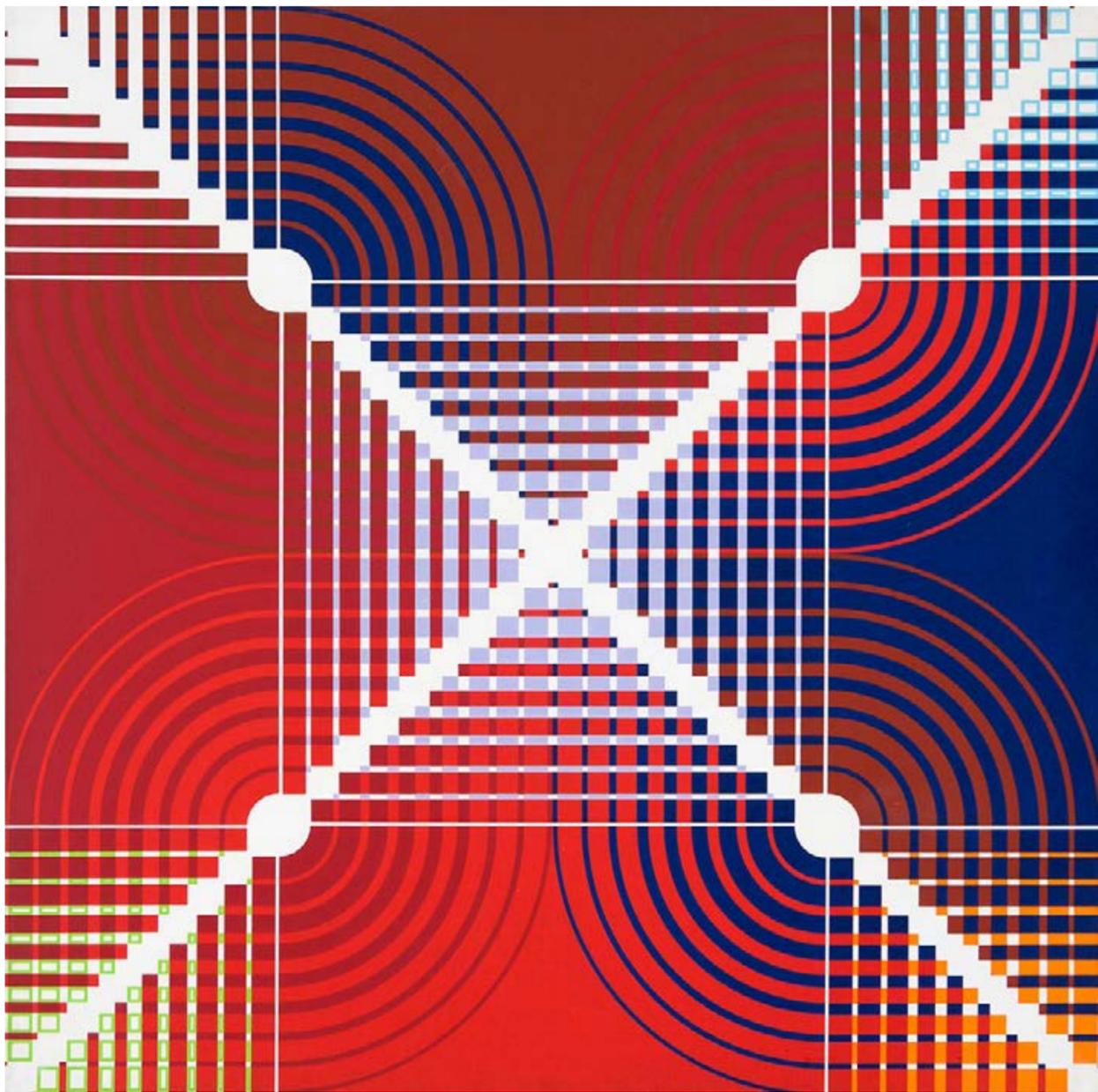
Antonio Maluf

Sem Título, Dec 50

guache sobre cartão colado em madeira

44 x 44 x 3 cm

Participou da exposição "Antonio Maluf, construções de uma equação", na Galeria Frente, São Paulo, 2016, reproduzido no livro da mostra na pág. 50.



Antonio Maluf

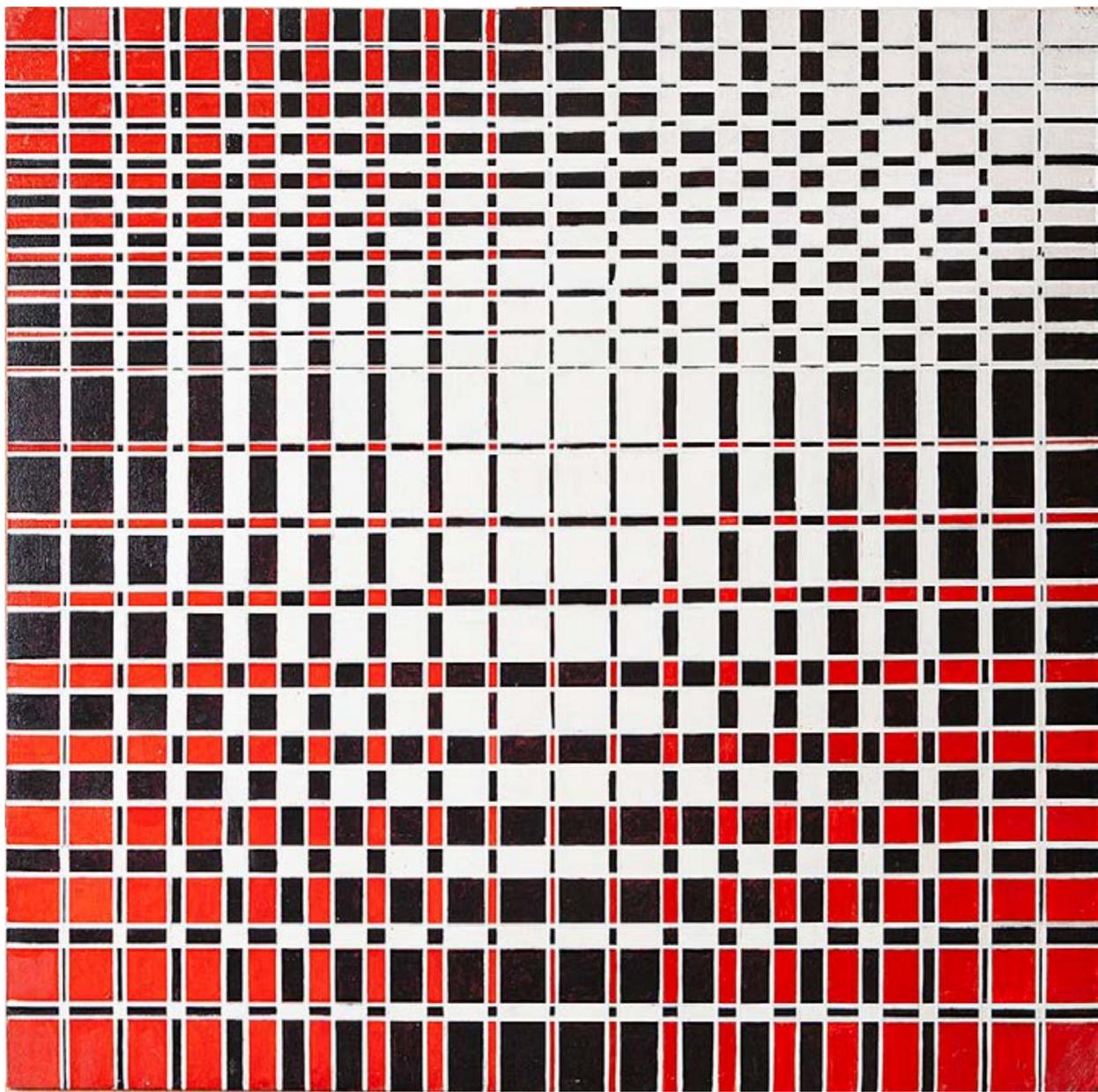
Progressões Crescentes e Decrescentes com Curvas,
déc. 90

acrílica sobre tela

100 x 100 cm

assinatura no verso

Participou da exposição "Antonio Maluf, construções de uma equação",
curadoria de Fabio Magalhães, na Galeria Frente, 2016, reproduzido no
livro da mostra na pág. 65.



Antonio Maluf

Sem Título,
acrílica sobre madeira
60 x 60 cm

ANTÔNIO BANDEIRA





ANTÔNIO BANDEIRA

(Fortaleza, CE, 1922 - Paris, França, 1967).

Inicia-se na pintura como autodidata. Em 1941, em Fortaleza, participa, ao lado de Mário Baratta (1915-1983), entre outros, da criação do Centro Cultural de Belas Artes - CCBA, que dá origem, em 1943, à Sociedade Cearense de Artes Plásticas - SCAP.

Em 1945, transfere-se para o Rio de Janeiro e, no ano seguinte, realiza sua primeira exposição individual, no Instituto dos Arquitetos do Brasil - IAB/RJ. Contemplado pelo governo francês com bolsa de estudos, permanece em Paris de 1946 a 1950. Freqüenta a École Nationale Supérieure des Beaux-Arts e a Académie de la Grande Chaumière, mas, em busca de uma arte não acadêmica, deixa essas instituições.

Entre 1947 e 1948 participa de dois importantes eventos: o Salon d'Automne e o Salon d'Art Libre. Em Saint-Germain-des-Près toma parte em reuniões de artistas como Camille Bryen (1907 - 1977) e Bernard Quentin. De volta ao Brasil, em 1951, expõe na 1ª Bienal Internacional de São Paulo. Retorna a Paris em 1954 em razão do Prêmio Fiat, obtido na 2ª Bienal Internacional de São Paulo, mas não deixa de expor no Brasil. Permanece na Europa até 1959, passando pela Inglaterra e Bélgica, onde, em 1958, realiza um painel para o Palais des Beaux-Arts.



Antônio Bandeira

Cidade, 1959

óleo sobre tela

46 x 55 cm

assinatura inf. dir.

ARCANGELO IANELLI

ARCANGELO IANELLI

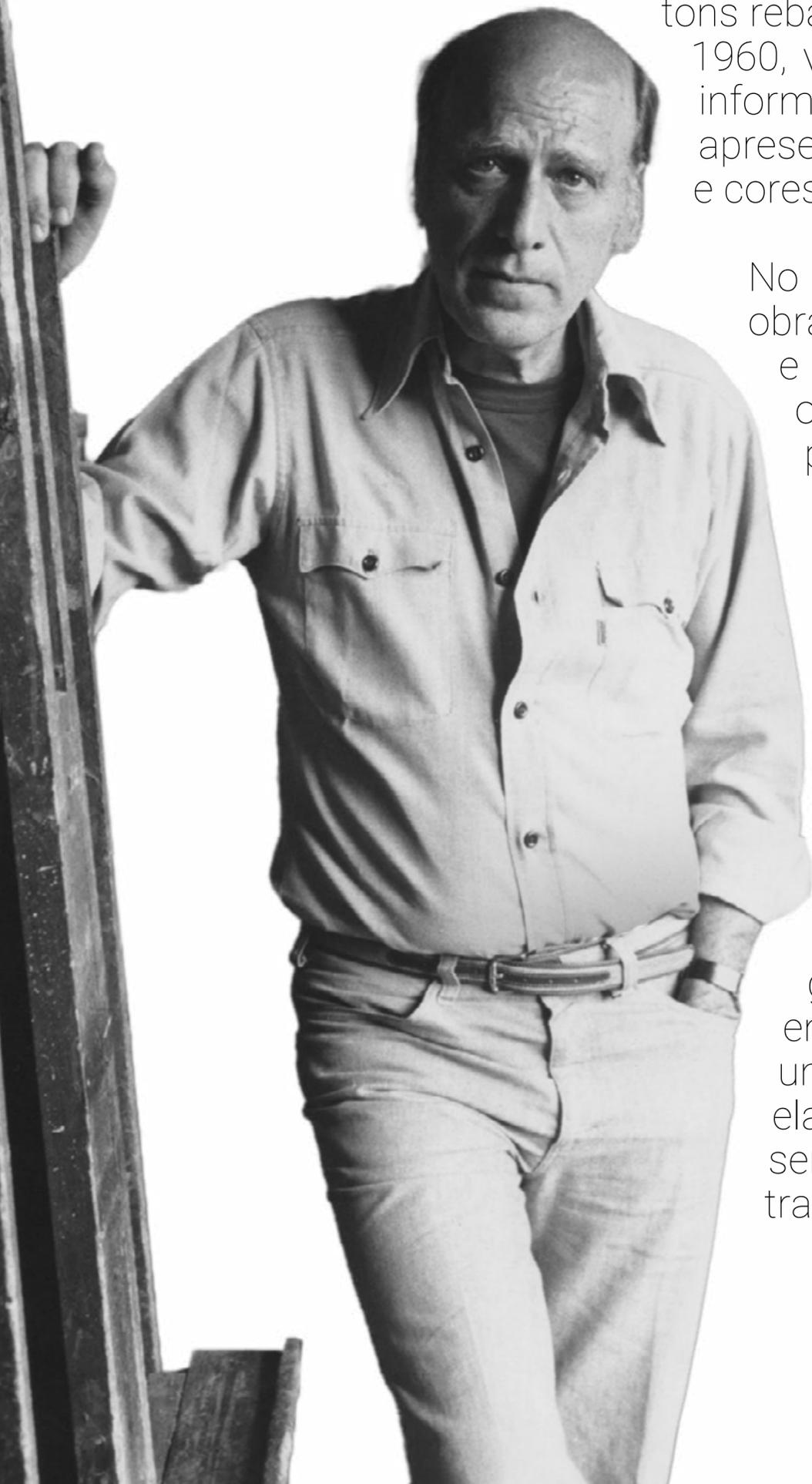
(São Paulo, SP, 1922 - idem 2009).

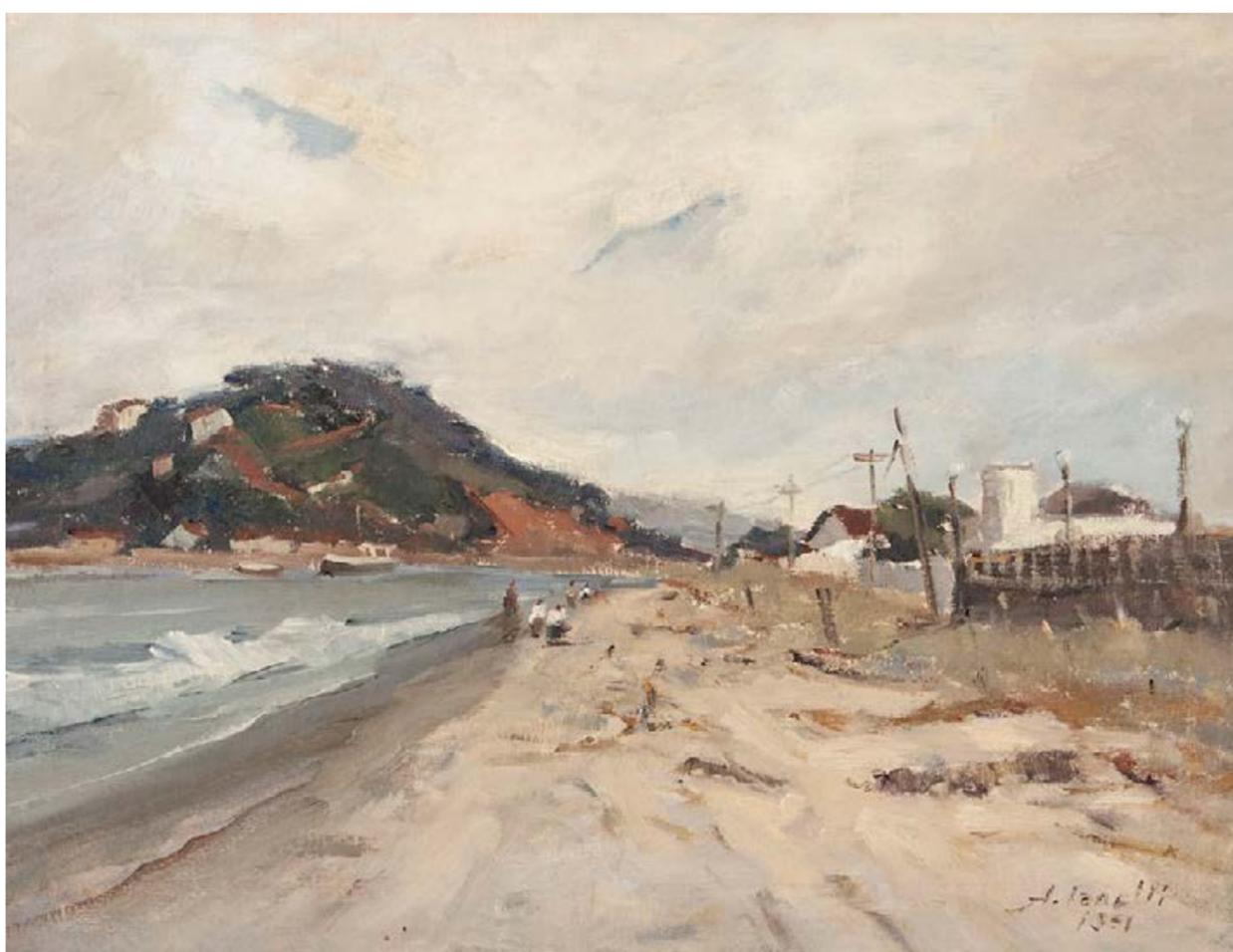
Inicia-se no desenho como autodidata. Em 1940, estuda perspectiva na Associação Paulista de Belas Artes e, em 1942, recebe orientação em pintura de Colette Pujol (1913-1999). Dois anos depois, frequenta o ateliê de Waldemar da Costa (1904-1982) com Lothar Charoux (1912-1987), Hermelindo Fiaminghi (1920-2004) e Maria Leontina (1917-1984).

Durante a década de 1950 integra o Grupo Guanabara juntamente com Manabu Mabe (1924-1997), Yoshiya Takaoka (1909-1978), Jorge Mori (1932), Tomoo Handa (1906-1996), Tikashi Fukushima (1920-2001) e Wega Nery (1912-2007), entre outros. A partir da década de 1940, produz cenas cotidianas, paisagens urbanas e marinhas, que revelam grande síntese formal e uma gama cromática em tons rebaixados. Por volta dos anos 1960, volta-se ao abstracionismo informal e produz telas que apresentam densidade matérica e cores escuras.

No fim dos anos 1960, sua obra é ao mesmo tempo linear e pictórica, onde se destaca o uso de grafismos. Já a partir de 1970, volta-se à abstração geométrica e emprega principalmente retângulos e quadrados, que se apresentam como planos superpostos e interpenetrados.

Em 1973, Ianelli radicaliza o processo de estruturação de suas telas e parte para a abstração geométrica. Divide a tela em formas regulares e busca uma relação rítmica entre elas. As pinturas guardam semelhanças com alguns trabalhos do concretismo.





Arcangelo Ianelli

Praia, 1951

óleo sobre tela

50 x 67 cm

assinatura inf. dir.

Registrado sob TOMBO FOST 295.



Arcangelo Ianelli

Parque com Lago, 1958

óleo sobre tela

46 x 61 cm

assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Paisagem Brasileira, Galeria Marcelo Guarnieri, Ribeirão Preto, de 12 de agosto a 30 de setembro de 2023.



Arcangelo Ianelli

Sem Título, 1964

óleo sobre tela

91 x 73 cm

assinatura inf. dir.

Registrado sob o TOMBO MOST 33.



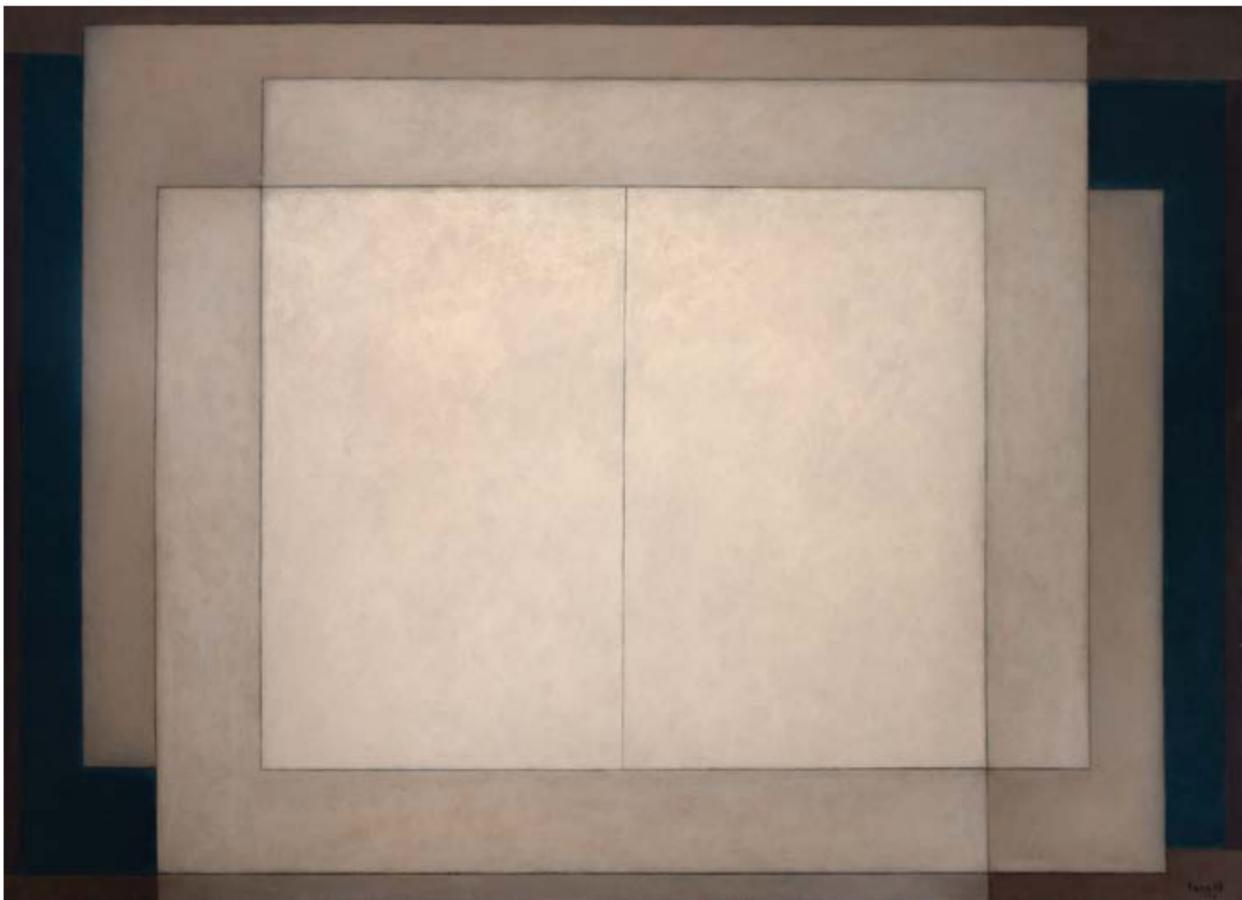
Arcangelo Ianelli

Sem Título, 1968

óleo sobre tela

95 x 76 cm

assinatura inf. dir.



Arcangelo Ianelli

Sem Título, 1976

óleo sobre tela

130 x 180 cm

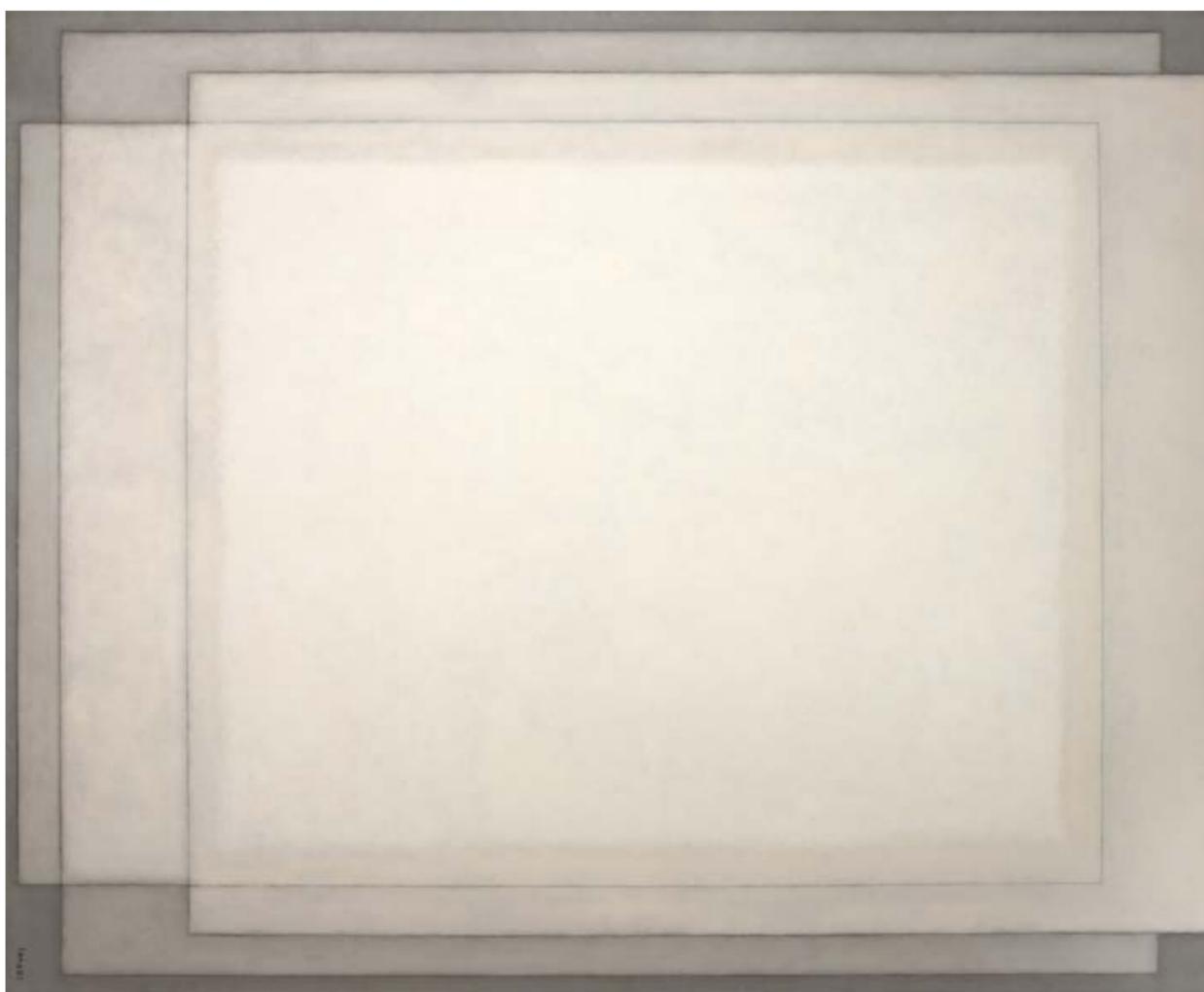
assinatura inf. dir.

Registrado sob tomo: GOST 44

Reproduzido nos livros:

“Ianelli”, pág. 181

Catálogo do MAM - “Ianelli 100 anos”: O artista essencial



Arcangelo Ianelli

Sem Título, 1976

óleo sobre tela

180 x 145 cm

assinatura inf. dir.

Registrado sob tomo: GOST 21

Reproduzido nos livros:

“Ianelli”, pág. 176

Catálogo do MAM - “Ianelli 100 anos”: O artista essencial



Arcangelo Ianelli

Sem Título, 1993

óleo sobre tela

98 x 78 cm

assinatura inf. dir.

Registrado sob o TOMBO VOST 289



ARTHUR LUIZ PIZA

ARTHUR LUIZ PIZA

(São Paulo, São Paulo, 1928 – Paris, França, 2017).

Gravador, desenhista, escultor. Apesar de ser pouco conhecido pelo público, é reconhecido pela crítica como um dos maiores artistas na história da gravura. Tratado como o mestre das gravuras construtivistas em relevo, tem uma vasta produção que reflete sua constante pesquisa por novos materiais e os modos de empregá-los. Explorando o contraste entre linhas fluidas e formas geométricas, equilibra o racionalismo do construtivismo e a liberdade do informalismo, vertentes da arte abstrata, destacando-se como um dos mais importantes gravuristas do mundo.

Inicia a formação artística em 1943, estudando pintura e afresco com Antonio Gomide (1895-1967). Após participar da 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, viaja para a Europa e passa a residir em Paris. Lá estuda com o alemão Johnny Friedlaender (1912-1992), importante artista do século XX, e se aperfeiçoa nas técnicas de gravura em metal, água-forte, talho-doce, água-tinta e ponta-seca. Suas primeiras gravuras dialogam com as de Friedlaender pelo grafismo irregular e pelas nuances surrealistas.

Gradualmente, suas obras apresentam maior preocupação construtiva, com a geometrização dos elementos. Introduz na gravura uma nova forma de trabalho: passa a esculpir, na placa de metal, formas geométricas – arredondadas, retangulares ou triangulares – com a utilização de buril, diferentes goivas, prego e martelo. As gravuras geradas exploram a transição entre as áreas de diferentes profundidades e também o jogo criado com a luz.

Piza percebe então que é possível traduzir esse procedimento para a pintura. Em 1959, passa a fazer relevos, picotando algumas aquarelas feitas à época e aproveitando os pequenos fragmentos para realizar colagens sobre tela, papel, cobre e madeira, à maneira de mosaicos, que, por vezes, são recobertos com camadas de tinta. Segundo o artista, o material é organizado com base na procura do ritmo próprio de cada composição, independentemente das outras já prontas.

O cuidado com que Arthur Luiz Piza concilia ordem e liberdade, assim como a constante exploração de novos materiais e meios para produzir suas obras, faz dele um dos grandes nomes da gravura no cenário internacional e também da arte abstrata no Brasil.





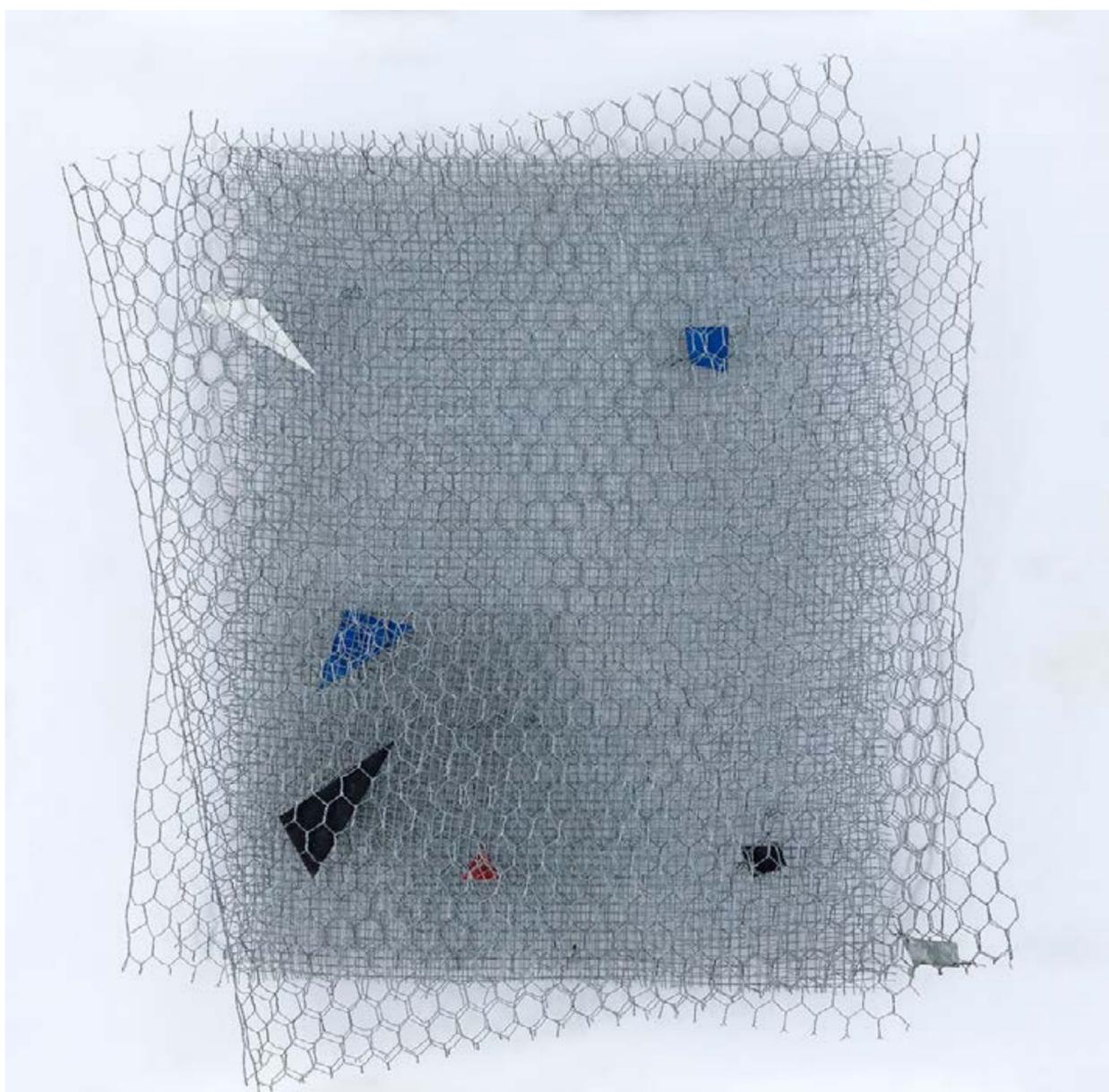
Arthur Piza

A 82, 1999

acrílico e colagem sobre cartão

39 x 27 cm

Etiqueta do Gabinete de Arte Raquel Arnaud.



Arthur Piza

Trama,
arame galvanizado e zinco montados em caixa de acrílico
60 x 60
assinatura na peça



ASCÂNIO MMM

ASCÂNIO MMM

(Fão, Portugal, 1941).

Escultor, arquiteto. Importante nome do abstracionismo geométrico no Brasil. Sua obra é marcada pela experimentação com volumes e materiais.

Nascido em Portugal, aos 17 anos se muda para o Rio de Janeiro, onde, entre 1963 e 1964, frequenta a Escola de Belas Artes para se aperfeiçoar em técnicas de desenho. Em 1969, termina a graduação em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atuando como arquiteto, até 1976.

Durante os anos 1970, inicia experimentações volumétricas com módulos de ripas de madeira pintadas de branco e organizadas em eixo, emblemáticas em sua produção artística. O jogo de luz e sombra proposto por essas esculturas articula ritmo, ora em progressão ora em ruptura, com torções sempre relacionadas com a escala humana.

Na década seguinte, extingue o uso da tinta branca, incorporando às esculturas e aos objetos tridimensionais as cores e as texturas de madeiras como ipê, freijó e mogno, em estado cru. Na série Fitangulares (década de 1980), por exemplo, o módulo – fundamental na poética do escultor – aparece nas partições graduais, que criam um compasso regido pela forma delimitada pela própria madeira.

O artista associa o rigor matemático à intuição lírica. Sua trajetória é impulsionada pela formação acadêmica. Em suas próprias palavras: “foi através da arquitetura que cheguei à arte”. No entanto, se a geometria descritiva e a matemática possibilitam a organização do pensamento tridimensional, a sensibilidade do artista opera construindo formas que se projetam no espaço de modo calculadamente barroco.

Sua filiação estética – a abstração geométrica – é vinculada ao pensamento moderno da arquitetura e do urbanismo, como o sistema modular para escala humana do arquiteto suíço Le Corbusier (1887-1965). Também acomoda a influência das vanguardas de arte concreta e neoconcreta dos anos 1950 e 1960, como dos artistas brasileiros Lygia Clark (1920-1988) e Hélio Oiticica (1937-1980), do escultor suíço Max Bill (1908-1994) e do francês Jean Arp (1887-1966).

A poética ao mesmo tempo rigorosa e intuitiva de Ascânio MMM conjuga opostos em uma tensão harmoniosa. Com economia de meios e alta expressividade, sua obra situa o construtivismo barroco brasileiro em um lugar de destaque na trajetória do abstracionismo geométrico na América Latina.





Ascânio MMM

Fitangular 1, 1984

escultura em madeira freijó

94 x 210 x 2 cm

assinatura no verso



Ascânio MMM

Quadrados cinco, 1968

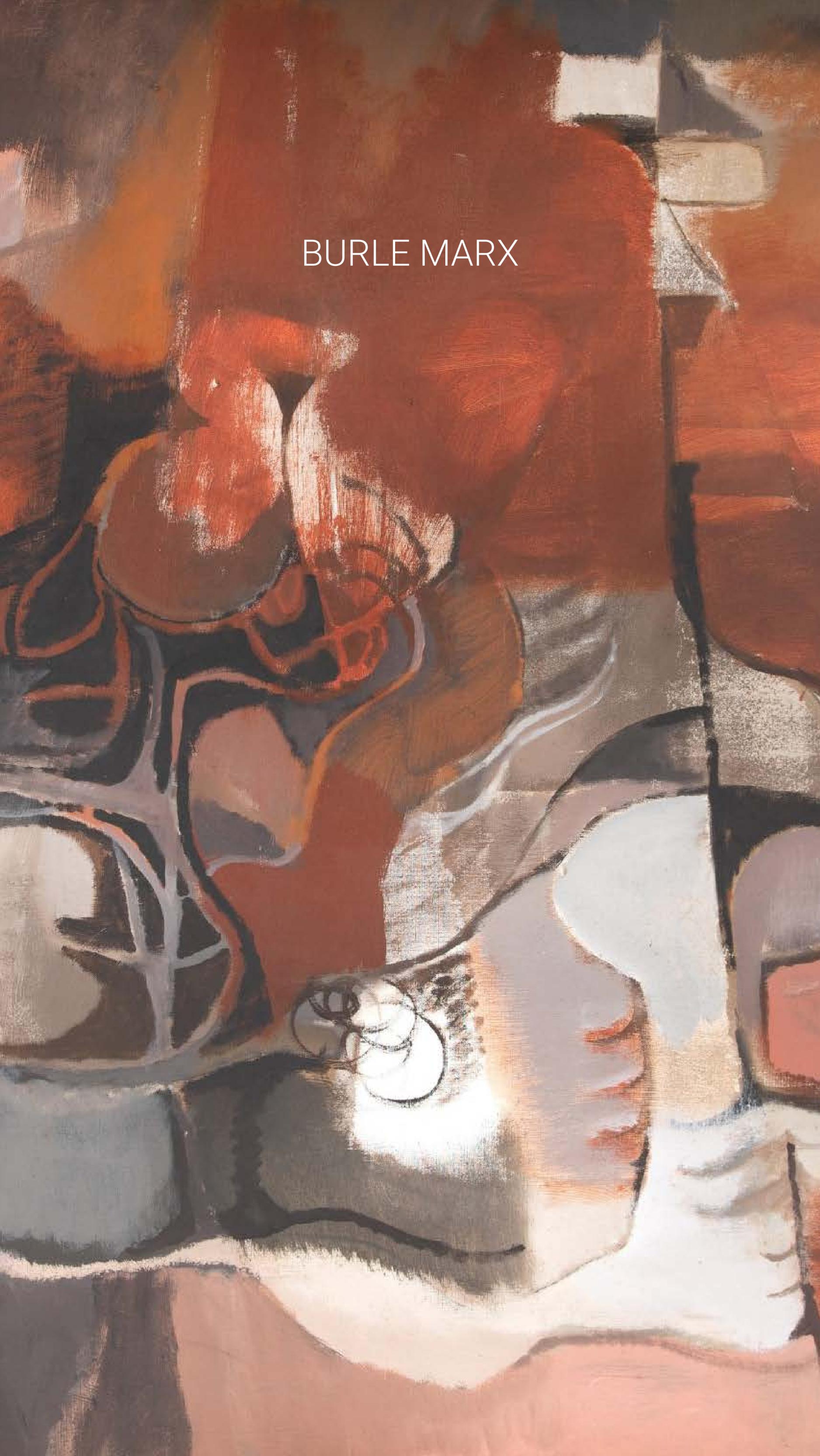
escultura em madeira monocromada

171 x 171 x 7 cm

assinatura no verso

Exemplar nº 2/3.

BURLE MARX



BURLE MARX

(São Paulo, SP, 1909 – Rio de Janeiro, RJ, 1994).

Durante a infância, vive no Rio de Janeiro. Em 1928, muda-se com a família para Berlim, na Alemanha, e entra em contato com as obras de artistas consagrados, como o holandês Vincent van Gogh (1853-1890), o espanhol Pablo Picasso (1881-1973) e o alemão Paul Klee (1879-1940).

Em 1929, frequenta o ateliê de pintura de Degner Klemn. De volta ao Rio de Janeiro, estuda entre 1930 e 1934 pintura e arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes (Enba). Na pintura, inicialmente se dedica a naturezas-mortas com motivos da flora brasileira, em traços sinuosos e uma paleta de tons sóbrios. Nos retratos, realistas, aproxima-se de Candido Portinari e Di Cavalcanti (1897-1976).



A partir da década de 1950, sua pintura atinge uma linguagem particular: a tendência para a abstração se consolida e a paleta passa a incluir nuances de azul, verde e amarelo mais vivos. O trabalho com a cor está associado ao desenho, que se sobrepõe e estrutura a composição.

Nos anos 1980, passa a realizar composições geométricas em acrílico: com contornos desenhados com a cor, as telas têm aspecto fluído e flexível, ganhando leveza. Embora tenham como base a natureza, apresentam essencialmente caráter abstrato, com predominância de elementos lineares.



Burle Marx

Natureza Morta, 1933

óleo sobre tela

50 x 65 cm

assinatura inf. dir.

Reproduzido no Catálogo da Exposição da Bolsa de Arte do RJ.



Burle Marx

Nu Feminino, déc. 40
óleo sobre tela
55 x 45 cm

Reproduzido no Catálogo da Exposição individual do artista "Burle Marx 10 anos depois", 2004, James Lisboa Escritório de Arte-SP. Reproduzido no livro "Burle Marx, paraísos inventados" org. de Guilherme Wisnik, 2020, na pág. 35.



Burle Marx

Natureza Morta - Begônias e Alocásia 1939

óleo sobre tela

73 x 60 cm

Reproduzida no livro "Burle Marx - Uma Poética da Modernidade", pág. 63. Etiqueta de Exposição do Museu de Arte da Prefeitura de Belo Horizonte/MG.



Burle Marx

Sem Título, 1980

óleo sobre tela

125 x 155 cm

assinatura inf. dir.

EDUARDO SUED

EDUARDO SUED

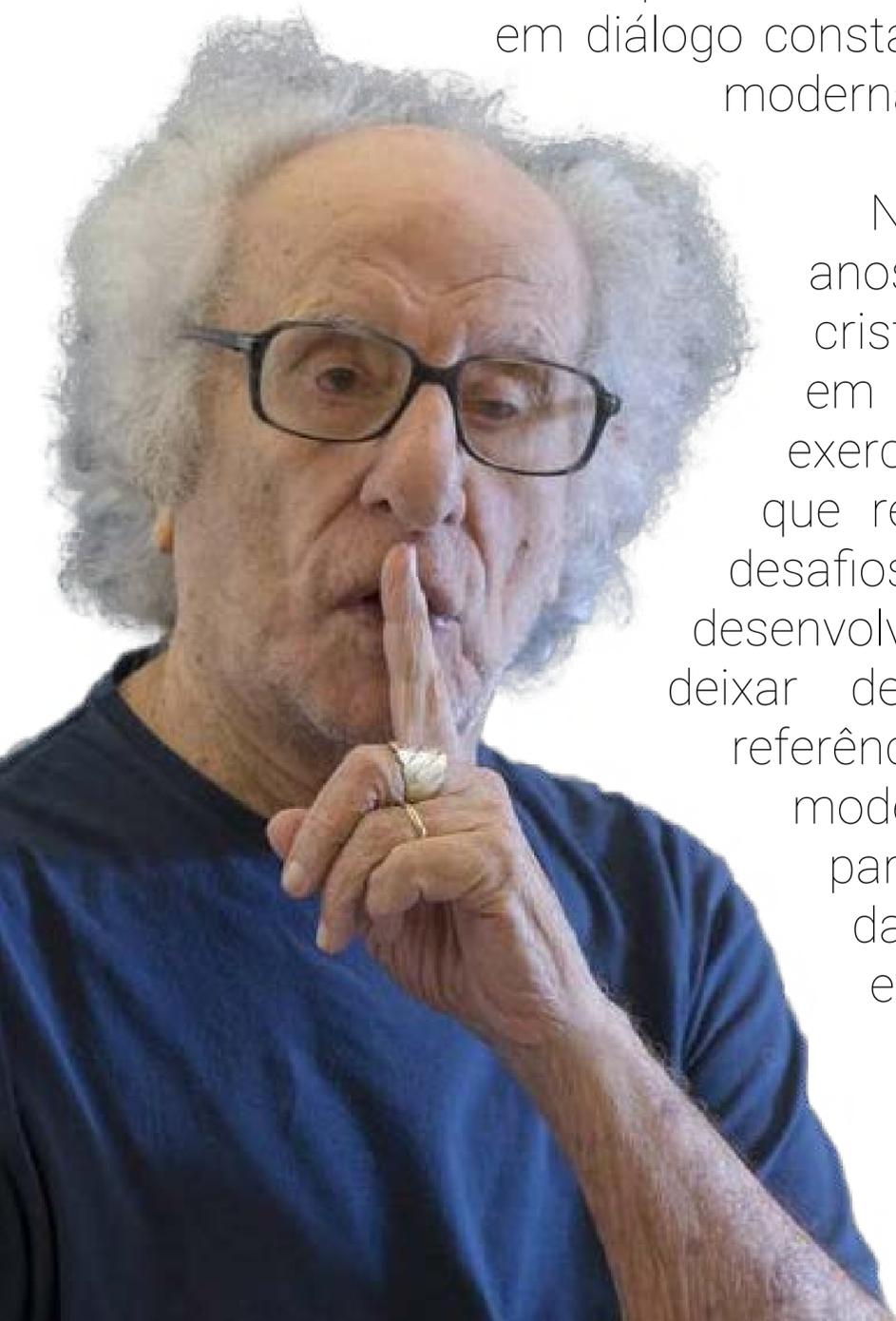
(São Paulo, SP, 1909 – Rio de Janeiro, RJ, 1994).

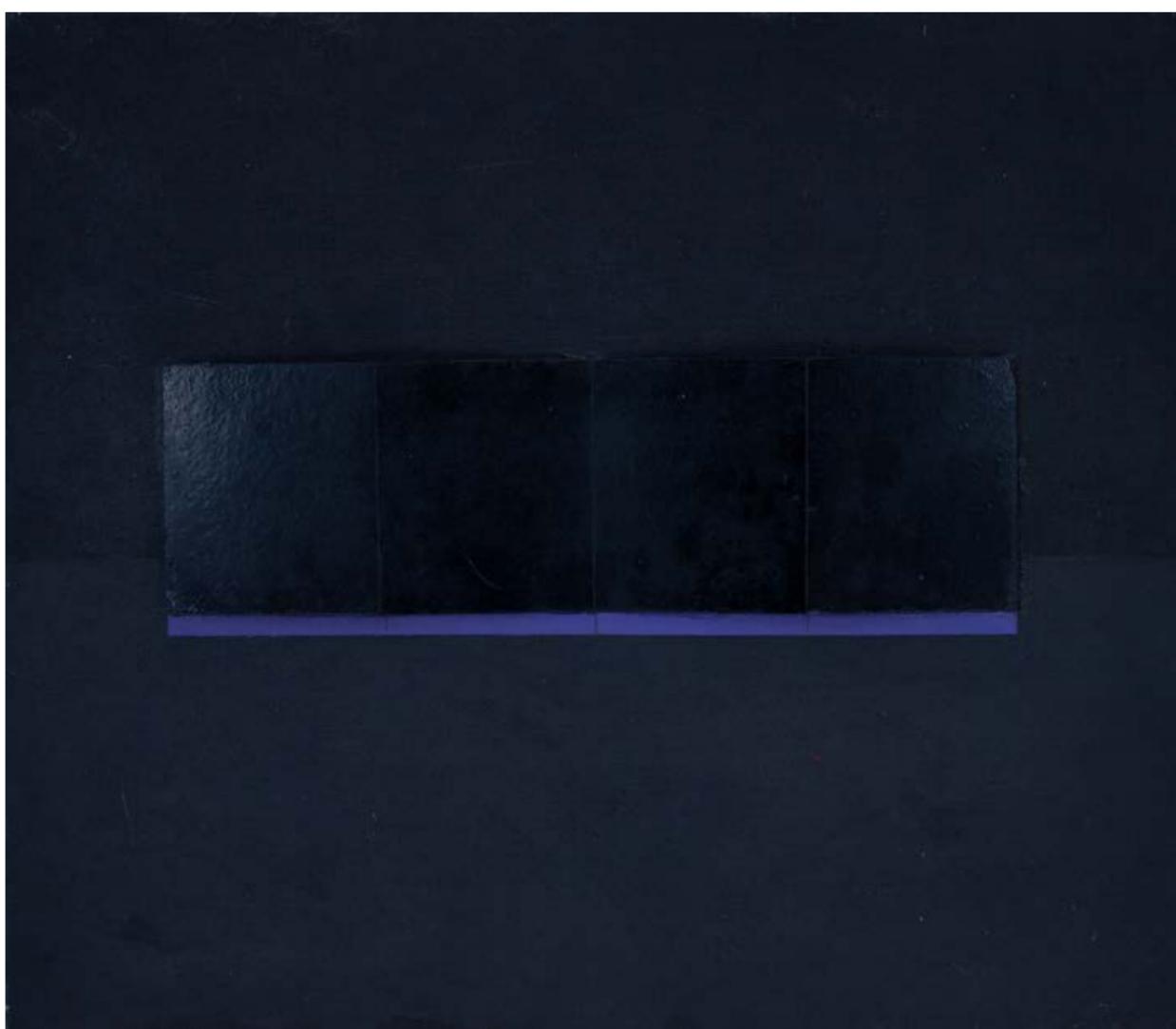
Pintor, gravador, ilustrador, desenhista, vitralista, professor. As pinturas e gravuras de Eduardo Sued exploram a espacialidade e as formas geométricas com cuidadosa composição cromática. Sued acredita na pintura como fazer intelectual, solitário e meditativo.

Antes de seguir a carreira artística, frequenta a Escola Nacional de Engenharia do Rio de Janeiro entre 1946 e 1948. Em 1949, inicia formação como artista plástico no curso livre de pintura e desenho do pintor alemão Henrique Boese (1897-1982). Entre 1950 e 1951, trabalha como desenhista no escritório do arquiteto Oscar Niemeyer (1907-2012).

Com o dinheiro da venda de algumas aquarelas, parte para Paris, onde frequenta as academias La Grande Chaumière e Julian. Nos anos em que vive na capital francesa, entra em contato com as obras dos espanhóis Pablo Picasso (1881-1973) e Joan Miró (1893-1983), e dos franceses Henri Matisse (1869-1954) e Georges Braque (1882-1963). Retorna ao Rio de Janeiro em 1953 e frequenta o ateliê de Iberê Camargo (1914-1994) para estudar gravura em metal, tornando-se mais tarde seu assistente. Não participa ativamente de nenhum movimento, mantendo-se ao largo das disputas travadas entre concretos e neoconcretos nos anos 1950 e também das discussões sobre a nova figuração dos anos 1960. Sua poética abstrata se forma pouco a pouco, em diálogo constante com a tradição da pintura moderna internacional e brasileira.

Nota-se que em mais de trinta anos de produção, o artista não cristalizou sua linguagem abstrata em estruturas pré-concebidas. Tal exercício se expressa na trajetória que reinventa constantemente seus desafios e soluções. Eduardo Sued desenvolve uma poética própria. Sem deixar de estabelecer diálogos com referências da pintura e da gravura modernas, prioriza uma pesquisa particular sobre a expressividade das cores, das formas geométricas e da espacialidade.





Eduardo Sued

Sem Título, 1995

óleo sobre tela

58 x 64 x 3 cm

assinatura no verso



Eduardo Sued

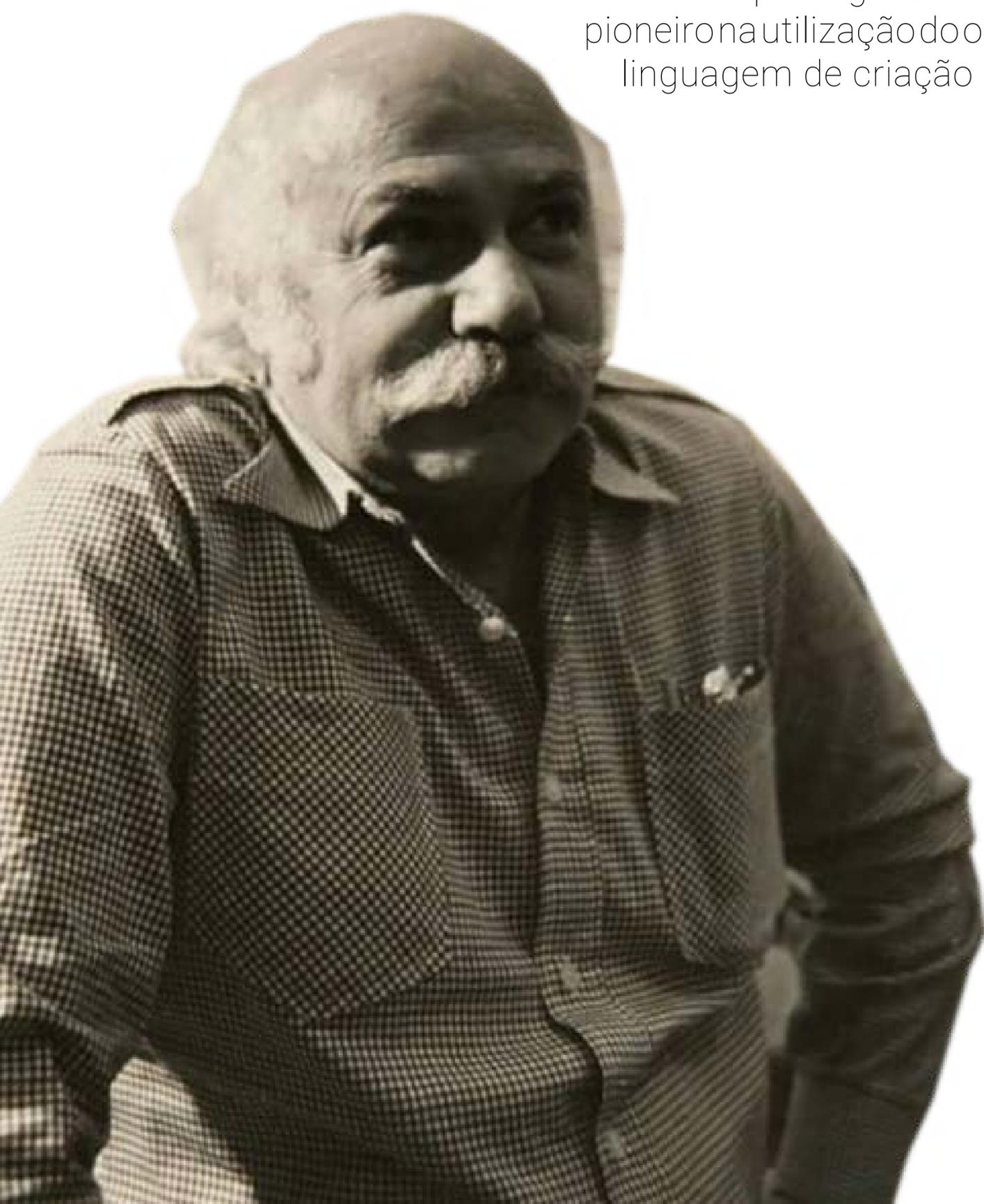
Sem Título,
óleo sobre tela
150 x 160 x 3,5 cm
assinatura no verso

HERMELINDO FIAMINGHI

HERMELINDO FIAMINGHI

(São Paulo SP 1914 - idem 2010).

Hermelindo Fiaminghi (São Paulo, São Paulo, 1920 - idem 2004). Hermelindo Fiaminghi frequenta o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, entre 1936 e 1941, onde estuda pintura com Waldemar da Costa. Cursa também artes gráficas, que exercerá ao longo de toda a sua carreira. Dedicar-se à litografia, trabalhando nas principais indústrias gráficas de São Paulo. A partir de 1946, atua em publicidade. Fiaminghi adere ao movimento concreto em 1955. Contribui na produção gráfica dos poemas-cartazes dos escritores concretos paulistas, como Haroldo de Campos (1929-2003) e Décio Pignatari (1927-2012). Em 1959, Fiaminghi rompe com Waldemar Cordeiro e o grupo de artistas concretistas de São Paulo. Entre 1959 e 1966, frequenta o ateliê de Alfredo Volpi, com quem aprende pintura a têmpera. Troca a madeira por telas de linho. Fiaminghi revela em sua produção grande liberdade no uso da cor. Ao longo de sua carreira, concilia a dupla atividade de artista plástico e de profissional de artes gráficas, sendo considerado por alguns críticos como pioneiro na utilização do off-set como linguagem de criação artística.





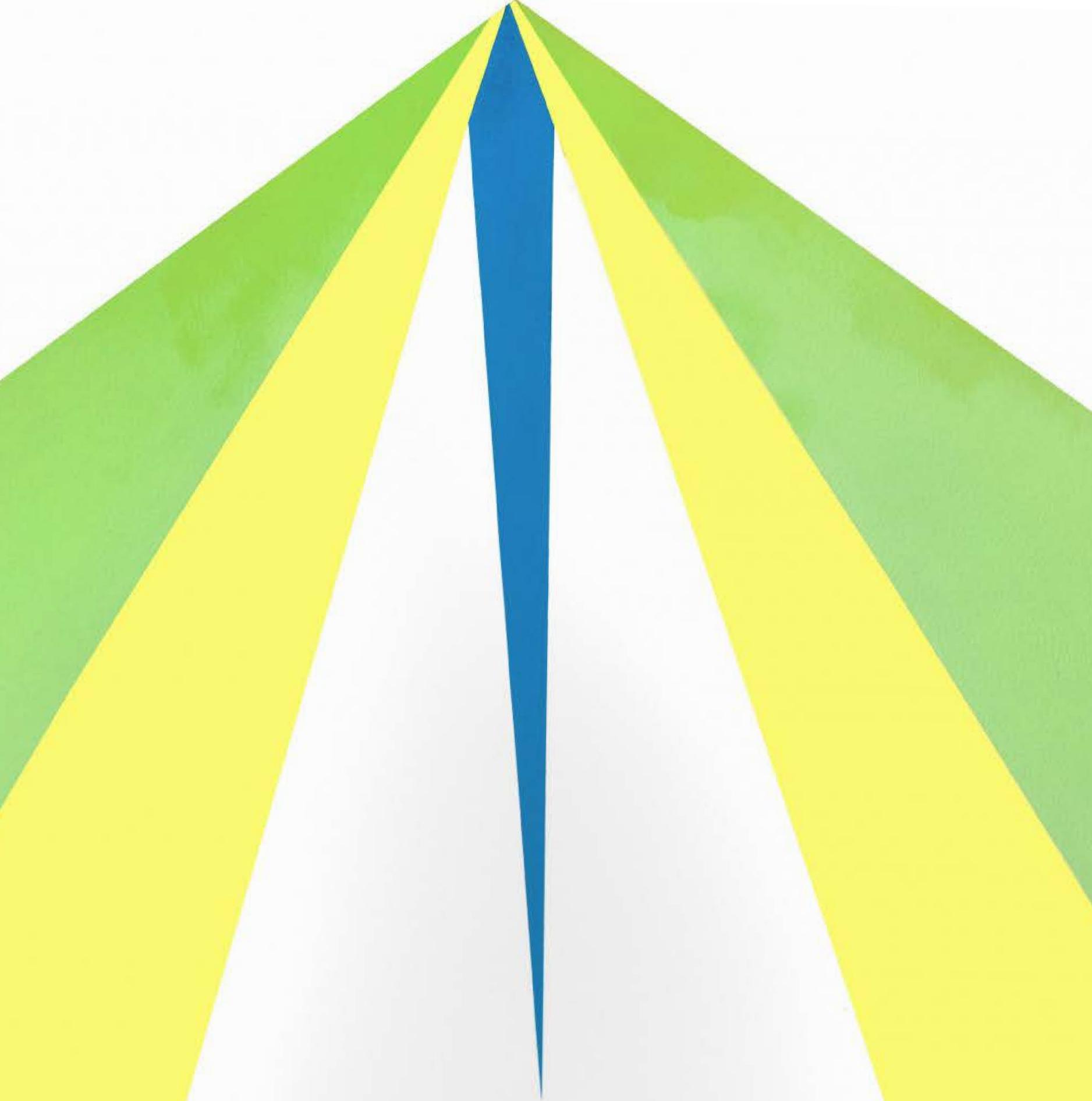
Hermelindo Fiaminghi

Alternado Horizontal III, 1955/1978

esmalte fosco sobre madeira

53 x 53 cm

assinatura no verso



HÉRCULES BARSOTTI

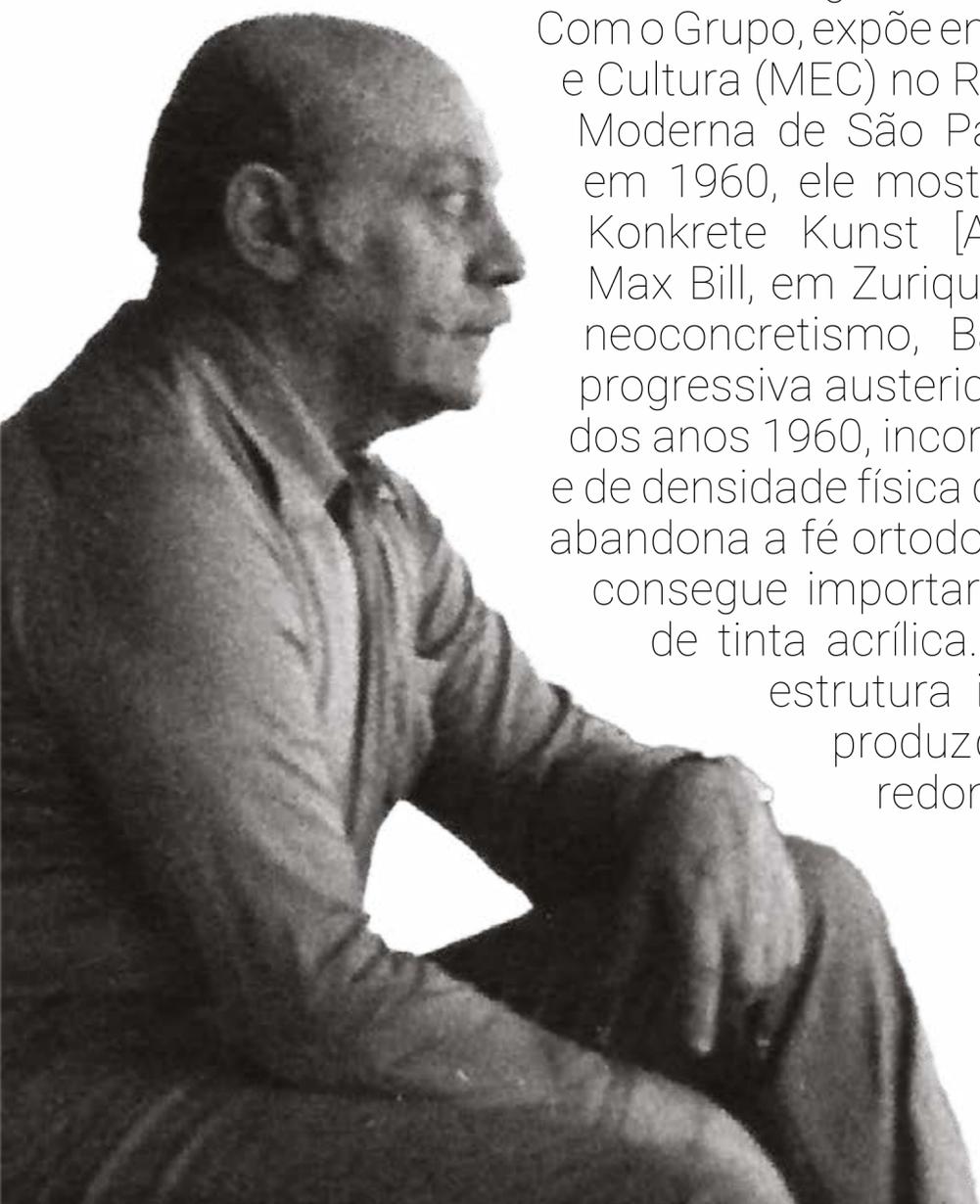
HÉRCULES BARSOTTI

(São Paulo SP 1914 - idem 2010).

Em 1954, Barsotti abre escritório de projetos gráficos com Willys de Castro. A ligação com Willys e o contato com uma lógica industrial de trabalho aproximam-no ainda mais das poéticas concretas. Então começa a atuar como artista gráfico e cria estampas para tecidos. A objetividade peculiar do concretismo, no entanto, só aparece em sua pintura a partir de 1957. Barsotti simplifica sua pintura e passa a utilizar formas geométricas impessoais, em preto e branco. Esses elementos evitam as marcas do pincel e, se articulando em série, sugerem volumes virtuais. No entanto, Barsotti não adere a nenhum grupo de vanguarda nem assina nenhum manifesto concretista. Expõe trabalhos na 4ª Bienal Internacional de São Paulo. Em 1958, Barsotti ganha a pequena medalha de prata do Salão Paulista de Arte Moderna e parte para a Europa com Willys de Castro. Lá estuda e visita Itália, Suíça, Espanha e Portugal. Durante a viagem o pintor conhece Max Bill (1908-1994), que será decisivo em sua pintura.

Ao voltar para o Brasil, em 1959, Barsotti realiza sua primeira exposição individual, na Galeria de Artes das Folhas. Nesse período, seu trabalho fica ainda mais austero. O artista pinta sobre superfícies homogêneas - pretas ou brancas - faixas que se afinam no centro ou nas margens da tela, dispõe elementos sugerindo diagonais que produzem a impressão de curvatura na superfície da tela. Sua pintura passa a trabalhar o quadro como um objeto que será desenvolvido como algo dúbio, um plano que sugere um volume.

Esta abordagem o aproxima do Grupo Neoconcreto. Com o Grupo, expõe em 1960 no Ministério da Educação e Cultura (MEC) no Rio de Janeiro e no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP) em 1961. Ainda em 1960, ele mostra seus trabalhos na exposição *Konkrete Kunst* [Arte Concreta], organizada por Max Bill, em Zurique. Junto com a aproximação ao neoconcretismo, Barsotti retorna à tendência de progressiva austeridade em sua pintura. Em meados dos anos 1960, incorpora a areia como fonte de brilho e de densidade física de suas pinturas. A partir de 1963, abandona a fé ortodoxa no preto e branco concreto, e consegue importar seus primeiros tubos coloridos de tinta acrílica. O formato da tela determina a estrutura interna dos trabalhos. O artista produz quadros em formatos hexagonais, redondos e pentagonais.





Hércules Barsotti

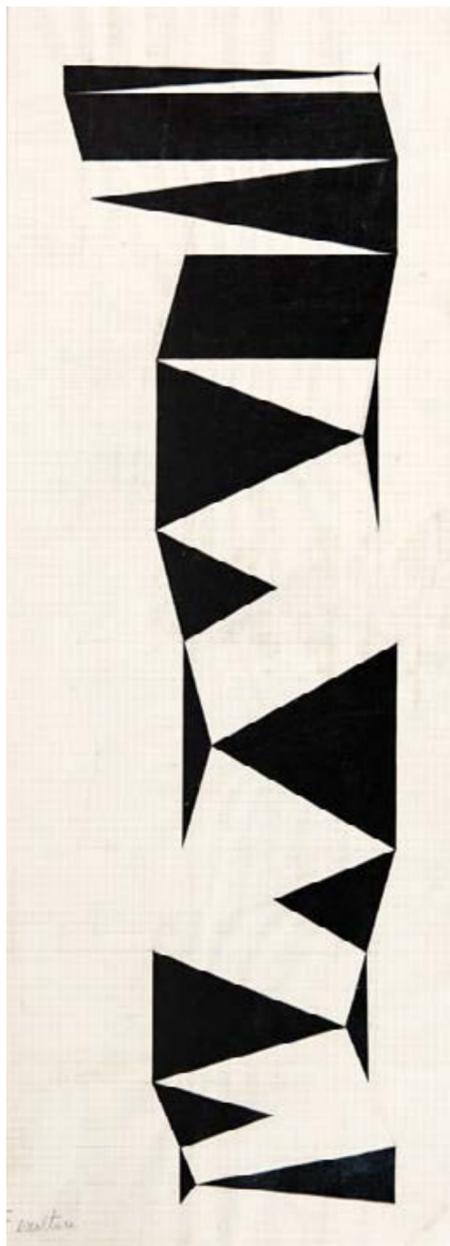
Sem Título, déc. 1950

guache sobre papel quadriculado

50 x 9 cm

assinatura inferior

Participou da exposição "Hércules Barsotti, opostos determinantes", curadoria de Marilúcia Bottallo, na Galeria Frente, 2016, reproduzido no livro da mostra na pág. 32.



Hércules Barsotti

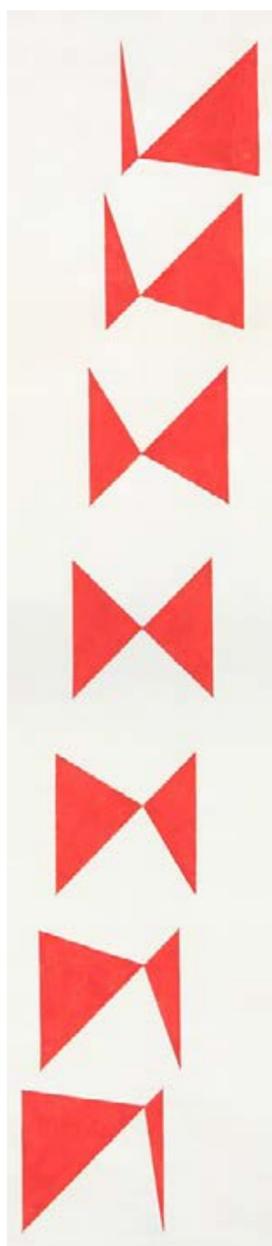
Sem Título, déc. 1950

guache sobre papel quadriculado

25 x 76 cm

assinado

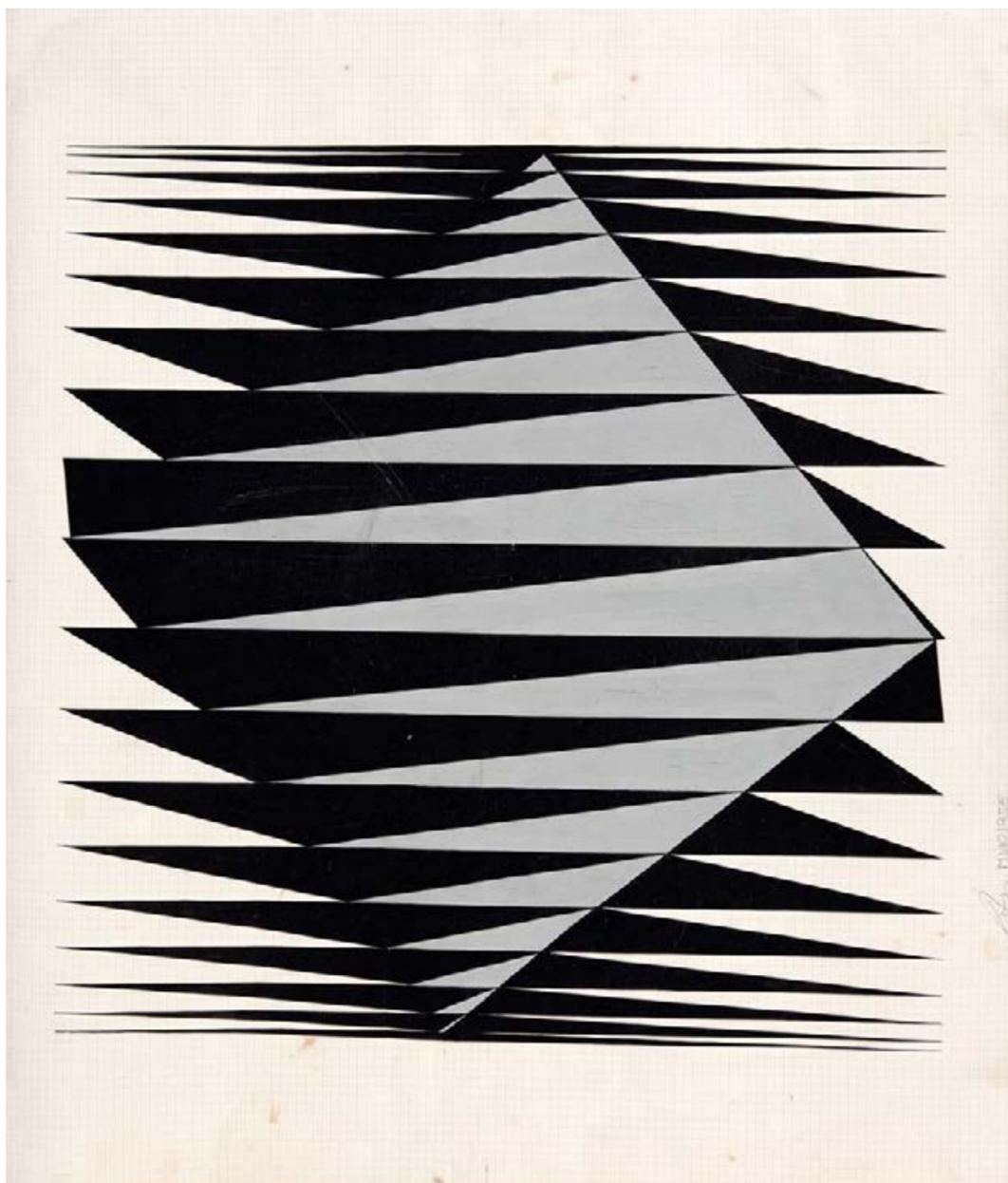
Participou da exposição "Hércules Barsotti, opostos determinantes", curadoria de Marilúcia Bottallo, na Galeria Frente, 2016, reproduzido no livro da mostra na pág. 32.



Hércules Barsotti

Sem Título, déc. 50
guache sobre papel
66 x 25 cm
assinado

Participou da exposição "Hércules Barsotti, opostos determinantes", curadoria de Marilúcia Bottallo, na Galeria Frente, 2016, reproduzido no livro da mostra na pág. 150.



Hércules Barsotti

Sem Título, déc. 1950

guache sobre papel

66 x 60 cm

assinatura inf. dir.

Participou da exposição "Hércules Barsotti, opostos determinantes", curadoria de Marilúcia Bottallo, na Galeria Frente, 2016, reproduzido no livro da mostra na pág. 45.



Hércules Barsotti

Sem Título, déc. 1950

guache sobre papel

58 x 66 cm

assinatura no verso

Participou da exposição "Hércules Barsotti, opostos determinantes", curadoria de Marilúcia Bottallo, na Galeria Frente, 2016, reproduzido no livro da mostra na pág. 40.



Hércules Barsotti

Cores Perfiladas, 1965

acrílica sobre tela

115 x 115 cm

assinatura no verso

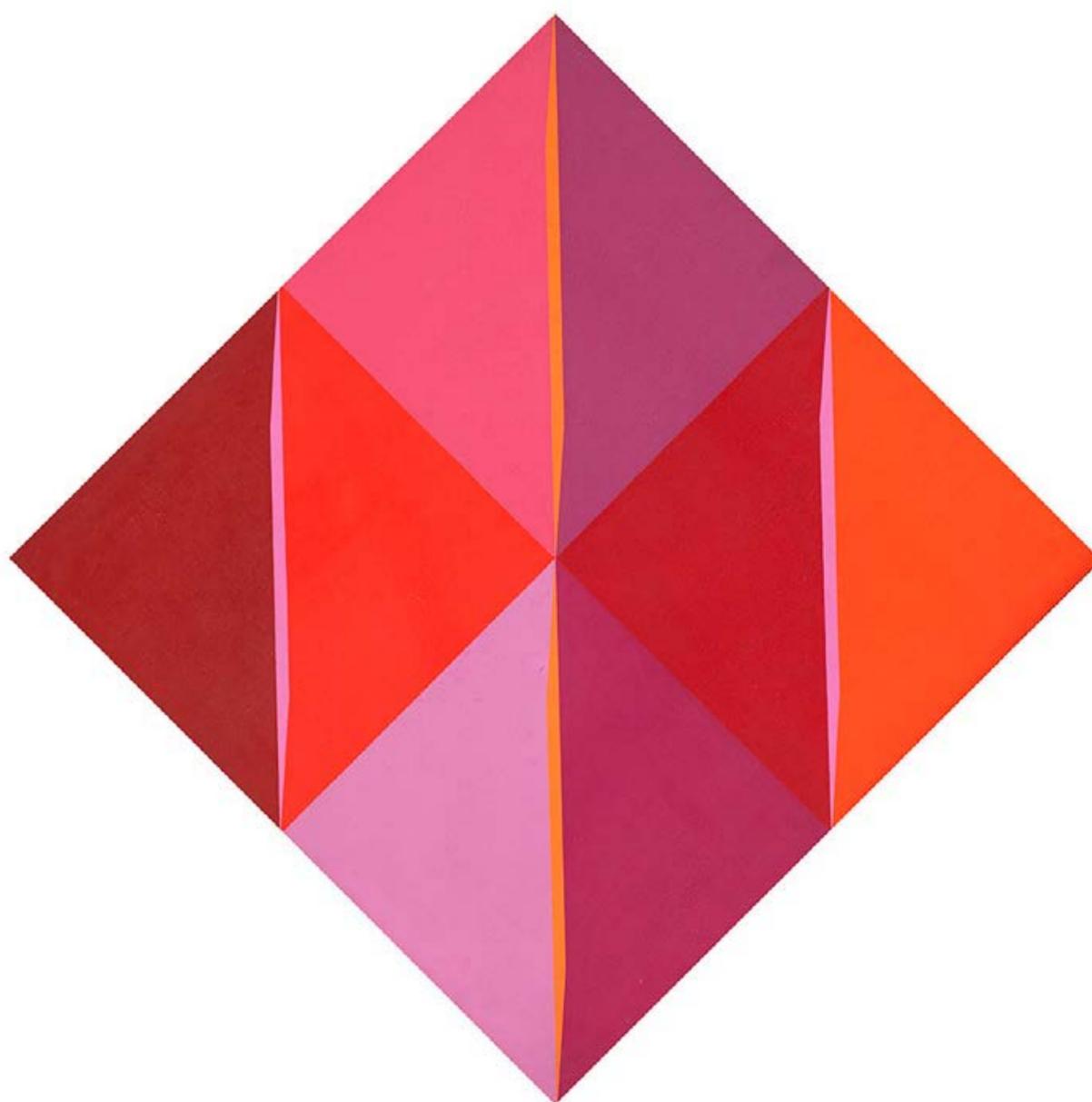
Etiqueta da Galeria Ralph Camargo.



Hércules Barsotti

Jogo claro, 1970
acrílica vinílica sobre tela
90 x 120 cm
assinatura no verso

Participou da exposição "Hércules Barsotti, opostos determinantes", curadoria de Marilúcia Bottallo, na Galeria Frente, 2016, reproduzido no livro da mostra na pág. 80.



Hércules Barsotti

Sequência Repartida I, 1977

acrílica sobre tela

60 x 60 cm

assinatura no verso



Hércules Barsotti

Nº 5, 1991

acrílica sobre tela sobre duratex

60 x 140 cm (em diagonal)

assinatura no verso

Com dedicatória para Marcelo



Hércules Barsotti

Nº 11, 1999

acrílica com areia sobre tela
50 cm diâm.

assinatura no verso



Hércules Barsotti

Nº 8 Amarelo, Laranja, Areia, 1999

acrílica com areia sobre tela

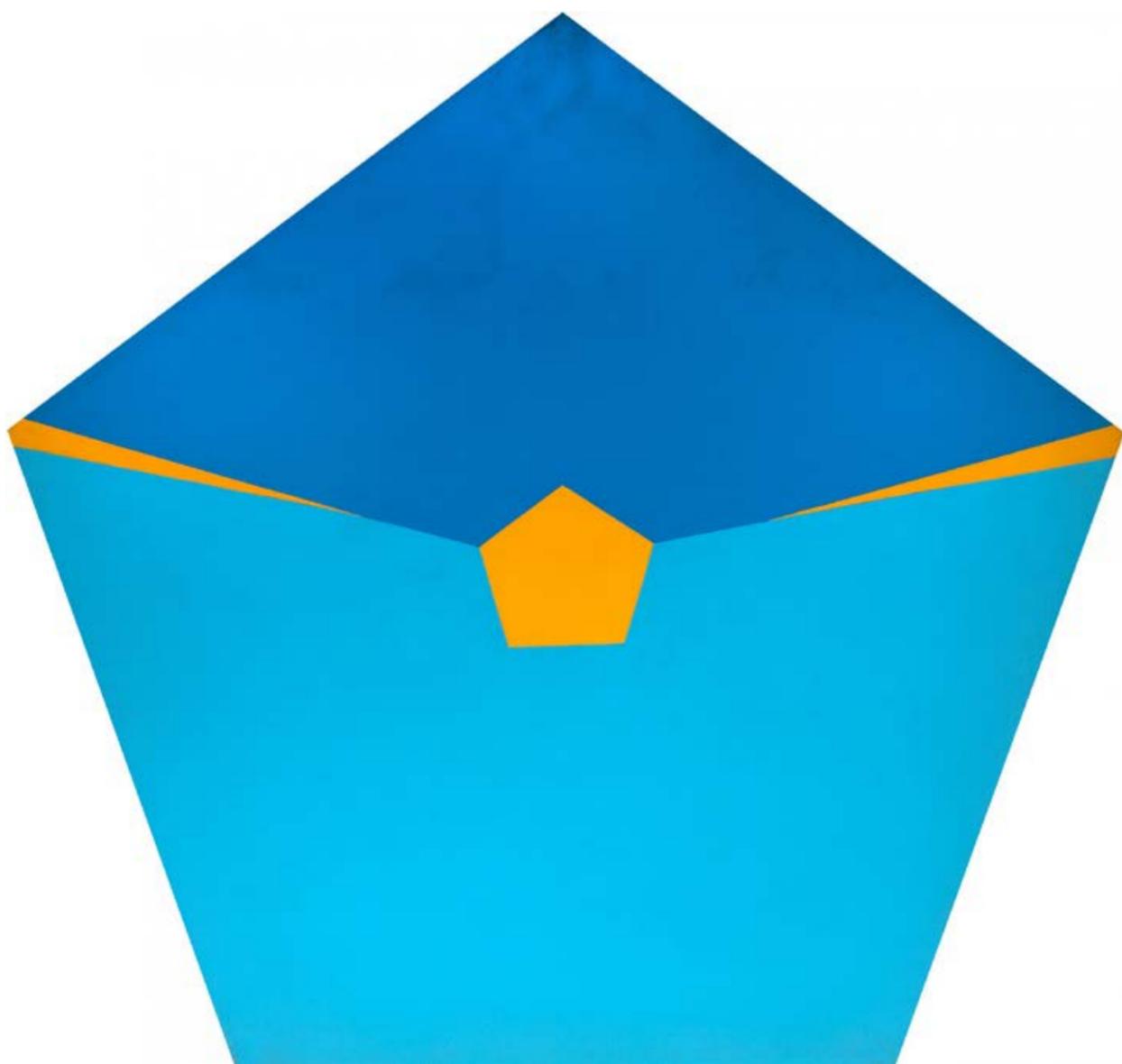
50 x 60 cm (oval)

assinatura no verso



Hércules Barsotti

N° 16 Lilás, Laranja, Areia,
acrílica com areia sobre tela
50 x 60 cm (oval)
assinatura no verso



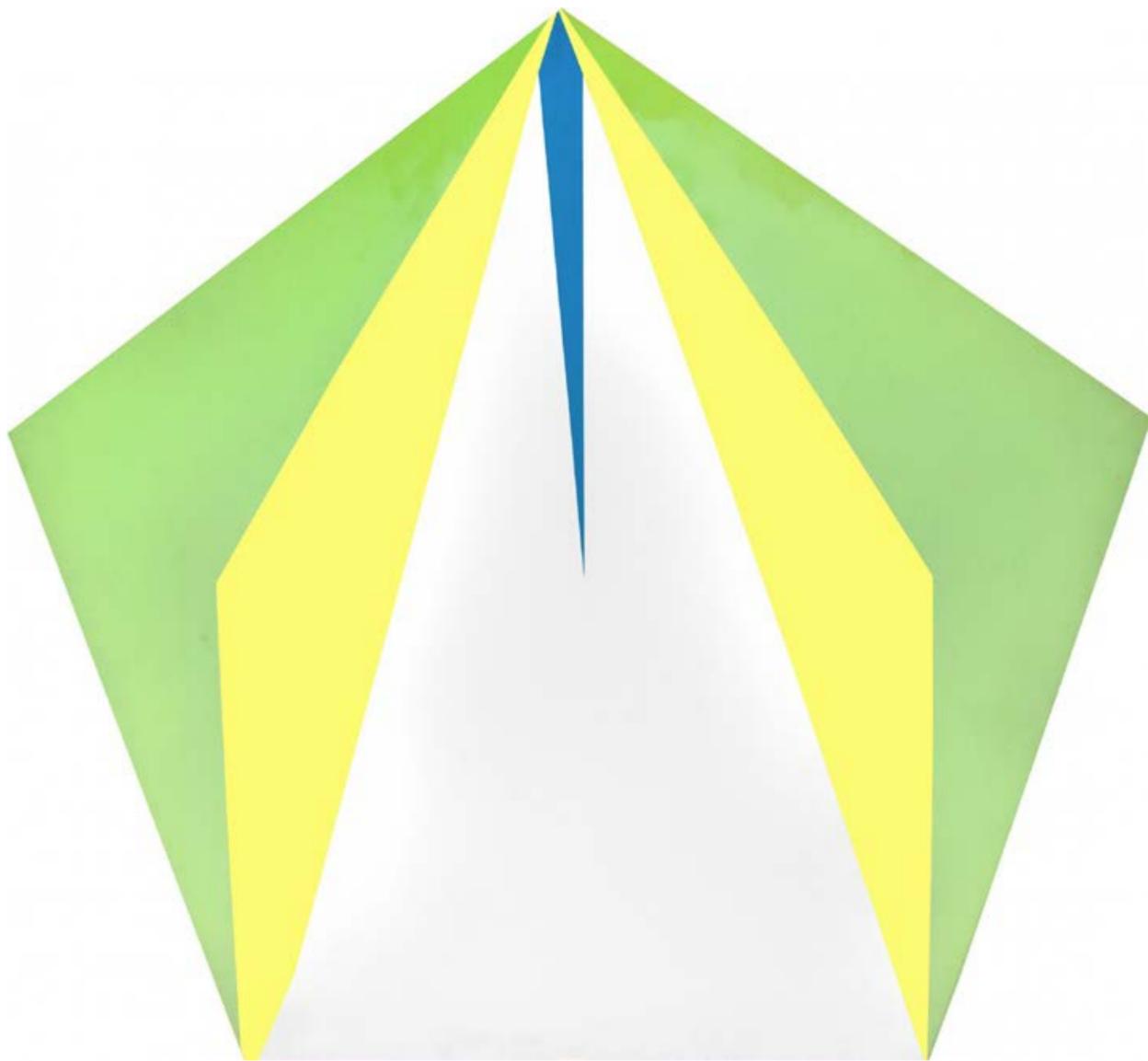
Hércules Barsotti

Nº 22, 2001

óleo sobre tela

80 x 85 cm

assinatura no verso



Hércules Barsotti

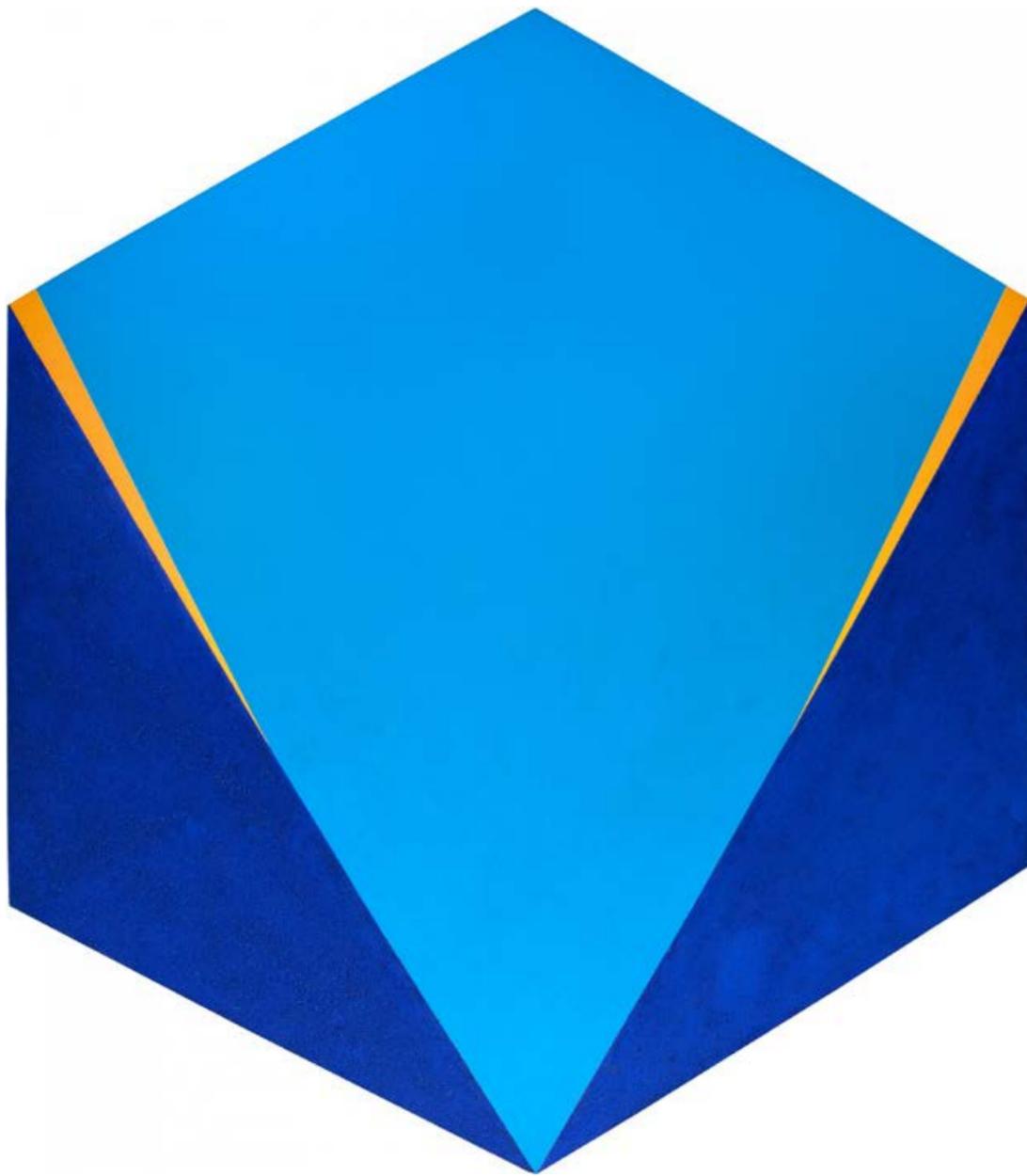
Nº 8, 2002

acrílica sobre tela

81 x 85 cm

assinatura no verso

Participou da exposição "Hércules Barsotti, opostos determinantes", curadoria de Marilúcia Bottallo, na Galeria Frente, 2016, reproduzido no livro da mostra na pág. 138.



Hércules Barsotti

Nº 13, 2001

acrílica e areia sobre tela

120 x 120 cm

assinatura no verso

Reproduzido no livro "Hércules Barsotti, opostos determinantes", de Marilúcia Bottallo, editado pela Galeria Frente, 2016, na pág. 139.



Hércules Barsotti

Sem Título,
impressão sobre cartão dobrado
17 x 17 cm
assinado



JUDITH LAUAND

JUDITH LAUAND

(Pontal, São Paulo, 1922 - São Paulo, SP, 2022).

Pintora e gravadora. Nome importante do movimento concretista, é reconhecida por suas obras com formas geométricas precisas, pelo rigor matemático de suas composições constituídas de linhas, planos e vetores, e mesclada com cores contrastantes. Ao longo de sua carreira, experimenta técnicas diferentes, como gravura, desenhos, guaches, colagens, xilogravuras, tapeçarias, bordados e esculturas.

Sua aproximação com as vanguardas artísticas se dá em 1953, ano em que trabalha como monitora da 2ª Bienal de São Paulo e entra em contato com obras de artistas como o suíço Paul Klee (1879-1940), nome importante do movimento expressionista, o modernista Piet Mondrian (1872-1944) e o escultor e pintor estadunidense famoso por seus móveis Alexander Calder (1898-1976).

Em 1955, ingressa no Grupo Ruptura e é conhecida como a única mulher a ter feito parte oficialmente do grupo, integrado por Waldemar Cordeiro (1925-1973), Geraldo de Barros (1923-1998) e Luiz Sacilotto (1924-2003). O convívio com os concretistas, tanto nas artes visuais, quanto na literatura, incentiva Lauand em sua busca por formas geométricas, com precisão matemática e reflexão sobre a composição de linhas, vetores e formas.

A artista tem reconhecimento nacional e internacional, participando de importantes exposições coletivas, como a 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta (1956), realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP); a Primeira Exposição Coletiva de Artistas Brasileiros na Europa (1959-1960), que passa por cidades como Munique, Lisboa, Madri e Paris; e Judith Lauand: Abstrações do Concretismo Brasileiro (2017), na galeria Driscoll Babcock, em Nova York, evidenciando sua constante atuação no sistema das artes.

Na década de 1960, Lauand passa por uma fase ligada à pop art e adiciona outros elementos às suas telas, como tachinhas, tecidos, alfinetes, barbantes e cliques, e insere palavras, também por influência da poesia concreta com que tem contato na época, como a de Décio Pignatari (1927-2012).

Judith Lauand tem intensa atividade desde o início de sua carreira, na época com pinturas mais figurativas e acadêmicas, mas firmando sua produção com as características da arte concretista. Experimenta a arte pop, porém, segue trabalhando com abstrações em seus desenhos. Notável pelo rigor matemático e pela precisão das formas, Judith Lauand evidencia em sua produção composições de linhas e vetores que denotam movimento, trabalhando também com escolhas cromáticas que conferem vivacidade às obras.





Judith Lauand

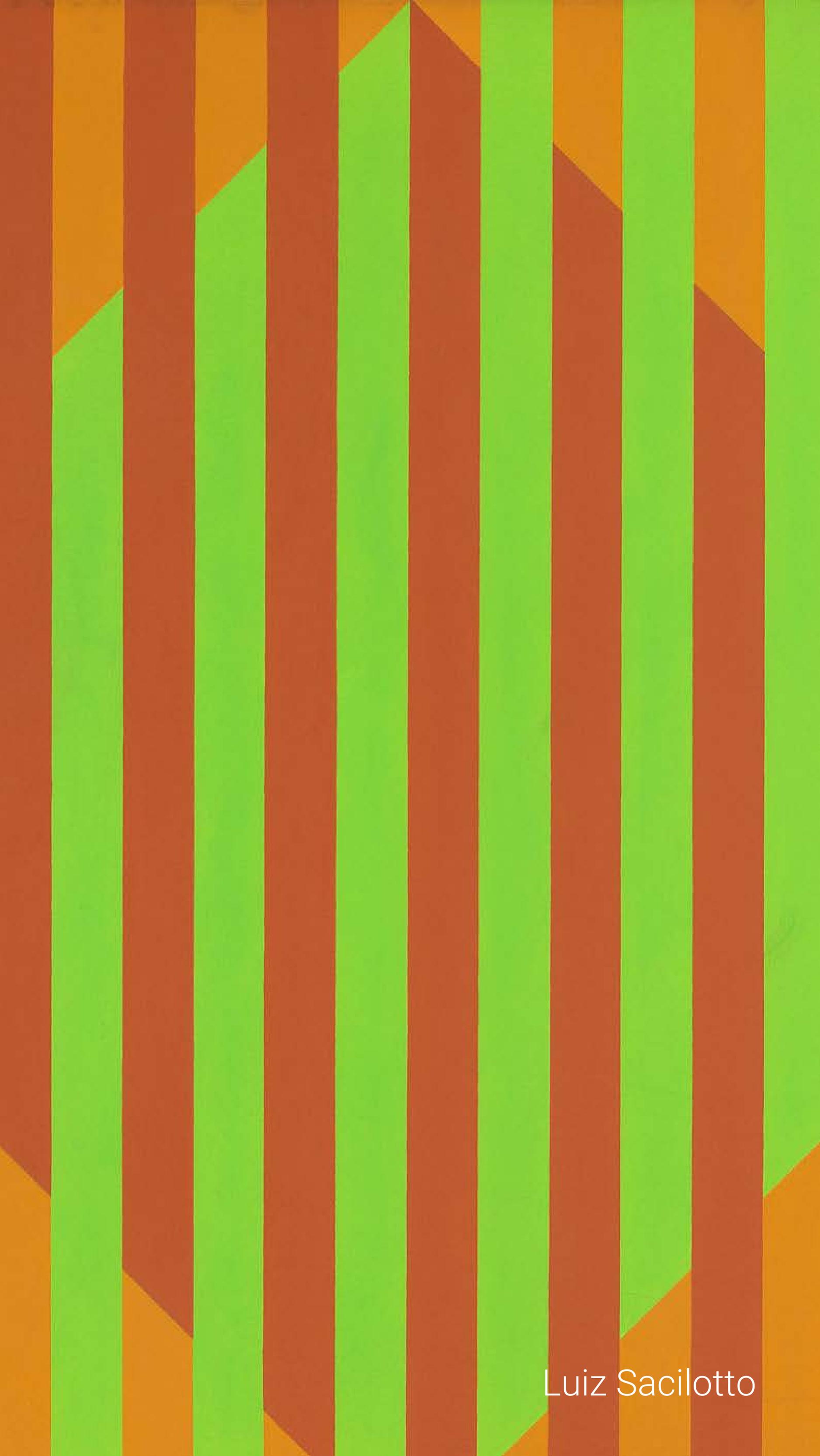
Sem título, 1964

óleo sobre tela

73 x 54 cm

assinatura inf. dir.

Participou da exposição: Judith Lauand: Desvio Concreto, curada por Adriano Pedrosa, Fernando Oliva, Matheus de Andrade, de 25 de novembro de 2022 a 02 de abril de 2023, MASP, São Paulo, reproduzida no livro da exposição, pág. 181

The background consists of vertical stripes of three colors: green, brown, and orange. The stripes are of varying widths and are arranged in a repeating pattern. The green stripes are the most prominent, followed by brown and orange. The colors are solid and vibrant.

Luiz Sacilotto

LUIZ SACILOTTO

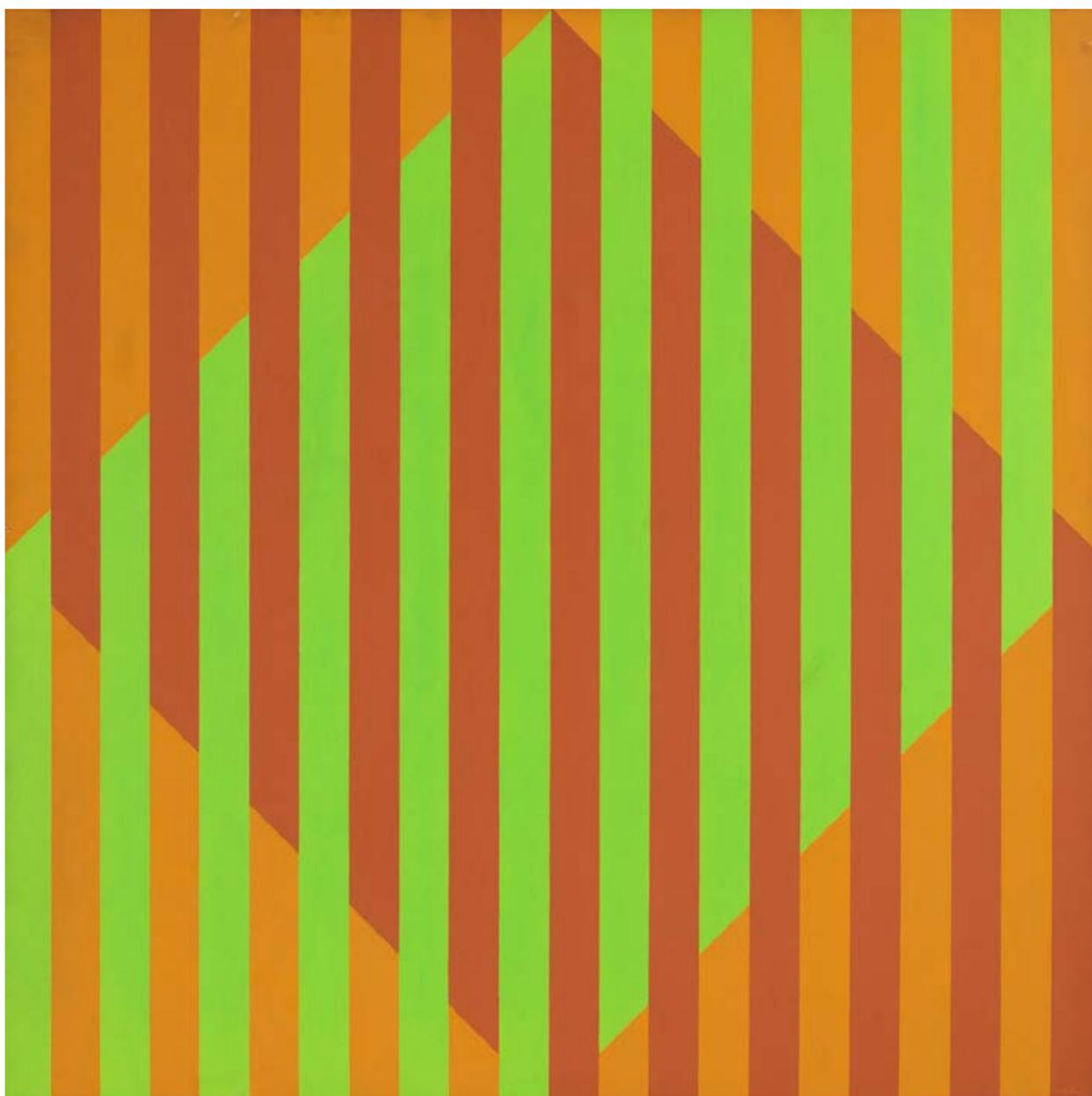
(Santo André, SP, 1924 – São Bernardo do Campo, SP, 2003).

Começando com referências expressionistas e passando pelo abstracionismo, Luiz Sacilotto é considerado um importante nome da arte concreta no Brasil. O pioneirismo do artista é expresso em suas pinturas com fenômenos ópticos e em suas esculturas tridimensionais. Inovador, Luiz Sacilotto tensiona a figuração e a abstração, até chegar à geometrização e aos desdobramentos do plano no espaço. Torna-se um dos grandes artistas concretos do Brasil.

Em 1950, abandona definitivamente a figuração e executa a Pintura I, que apresenta traços formais próximos aos da obra do pintor francês Piet Mondrian (1872-1944). Em 1952, funda o Grupo Ruptura, ao lado de Geraldo de Barros (1923-1998), Féjer (1923-1989), Leopoldo Haar (1910-1954) e Anatol Wladyslaw

(1913-2004). Também é pioneiro no âmbito da tridimensionalidade, ao desdobrar o plano no espaço. Nas composições, as cores destacam ou suavizam a geometria. O artista, com especial cuidado, coleciona pigmentos, classifica e numera gradações, perfazendo mais de trezentos tons, que incluem desde os das terras de Siena e Kassel até os azuis e verdes de jazidas de Minas Gerais.





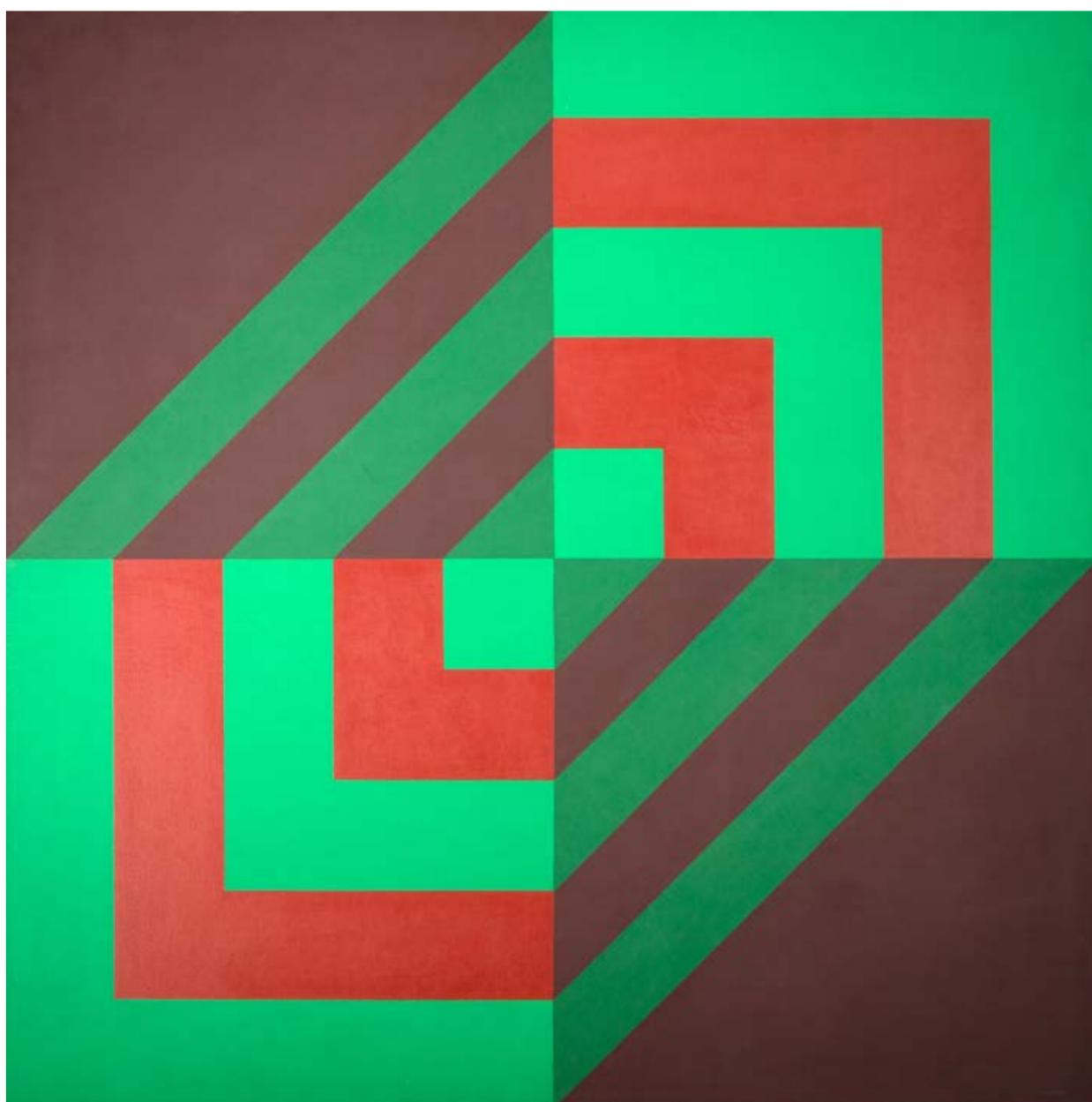
Luiz Sacilotto

C 8859

110 x 110 cm

têmpera vinílica sobre tela

assinatura inf. dir.



Luiz Sacilotto

C 8692

100 x 100 cm

têmpera vinílica sobre tela

assinatura inf. dir.



MANABU MABE

MANABU MABE

(Kumamoto, Japão 1924 – São Paulo, SP, 1997).

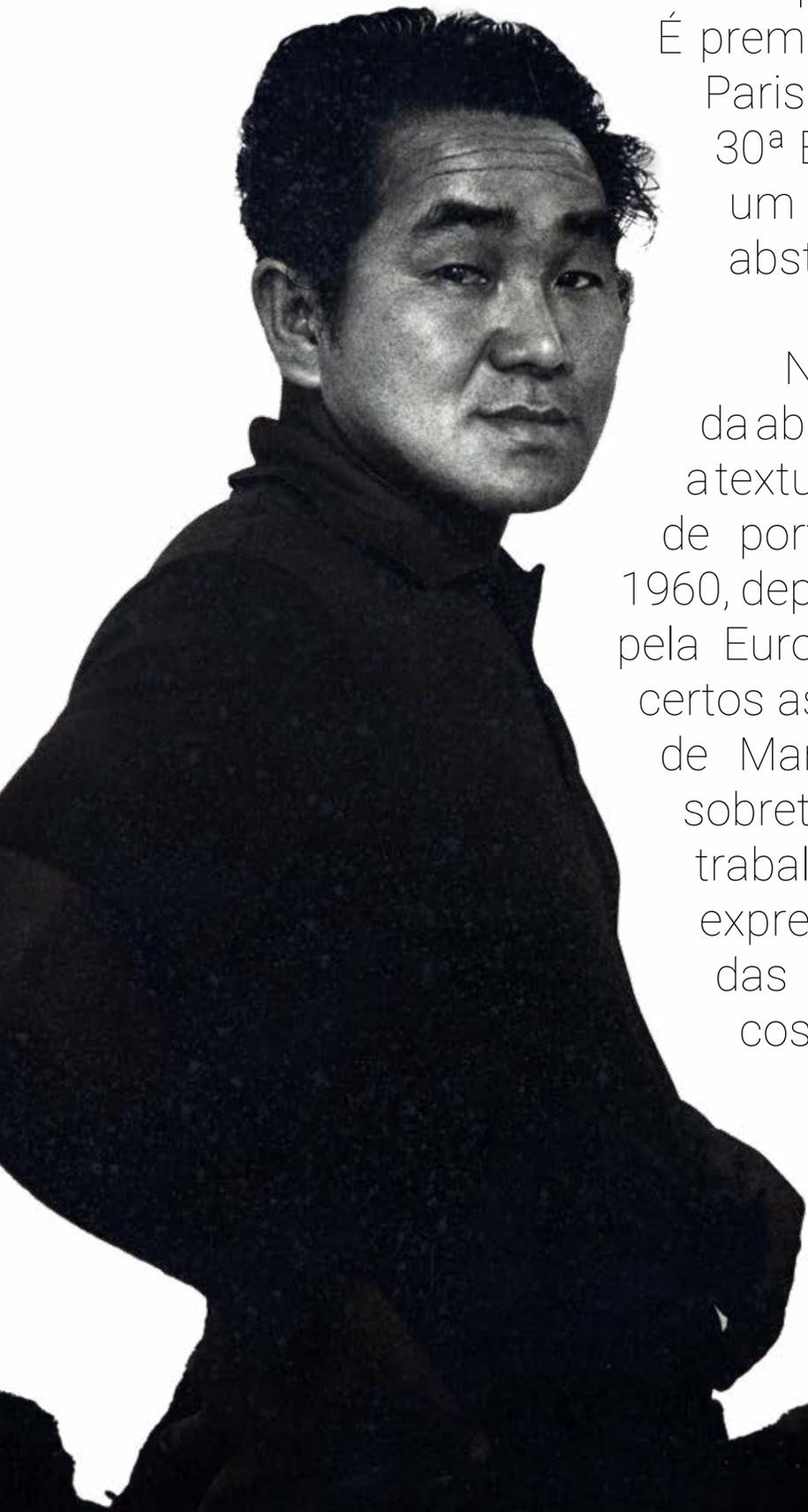
De Kobe, Japão, emigra com a família para o Brasil em 1934, para se dedicar ao trabalho na lavoura de café no interior do estado de São Paulo. Interessado em pintura, começa a pesquisar sobre o tema, como autodidata.

Em 1947, em viagem a São Paulo, conhece o pintor Tomoo Handa (1906-1996). No ano seguinte, estuda com o pintor Yoshiya Takaoka (1908 -1978), que lhe transmite ensinamentos técnicos e teóricos sobre pintura. Nesse período, integra o Grupo Seibi e participa das reuniões de estudos do Grupo 15, com Yoshiya Takaoka, Shigeto Tanaka (1910-1970) e Tomoo Handa.

Em 1957, vende seu cafezal em Lins e se muda para São Paulo para se dedicar exclusivamente à pintura. Recebe, em 1959, o Prêmio Leirner de Arte Contemporânea, com as pinturas abstratas Grito e Vitorioso, ambas realizadas em 1958. Em 1959, participa da 5ª Bienal Internacional de São Paulo, recebe o prêmio de Melhor Pintor Nacional.

É premiado na 1ª Bienal dos Jovens de Paris, e, no ano seguinte, é premiado na 30ª Bienal de Veneza. Torna-se assim um dos artistas mais destacados do abstracionismo informal brasileiro.

No início de sua trajetória no campo da abstração, explora o empastamento, a textura e o traço e se revela um colorista de porte. Em meados da década de 1960, depois de uma viagem de oito meses pela Europa, começa a se aproximar de certos aspectos do tachismo. As pinturas de Manabu Mabe são caracterizadas sobretudo pela gestualidade, pelo trabalho com manchas de grande expressividade e pelo apuro no uso das cores. Os títulos de suas obras costumam evocar emoções ou fenômenos da natureza.





Manabu Mabe

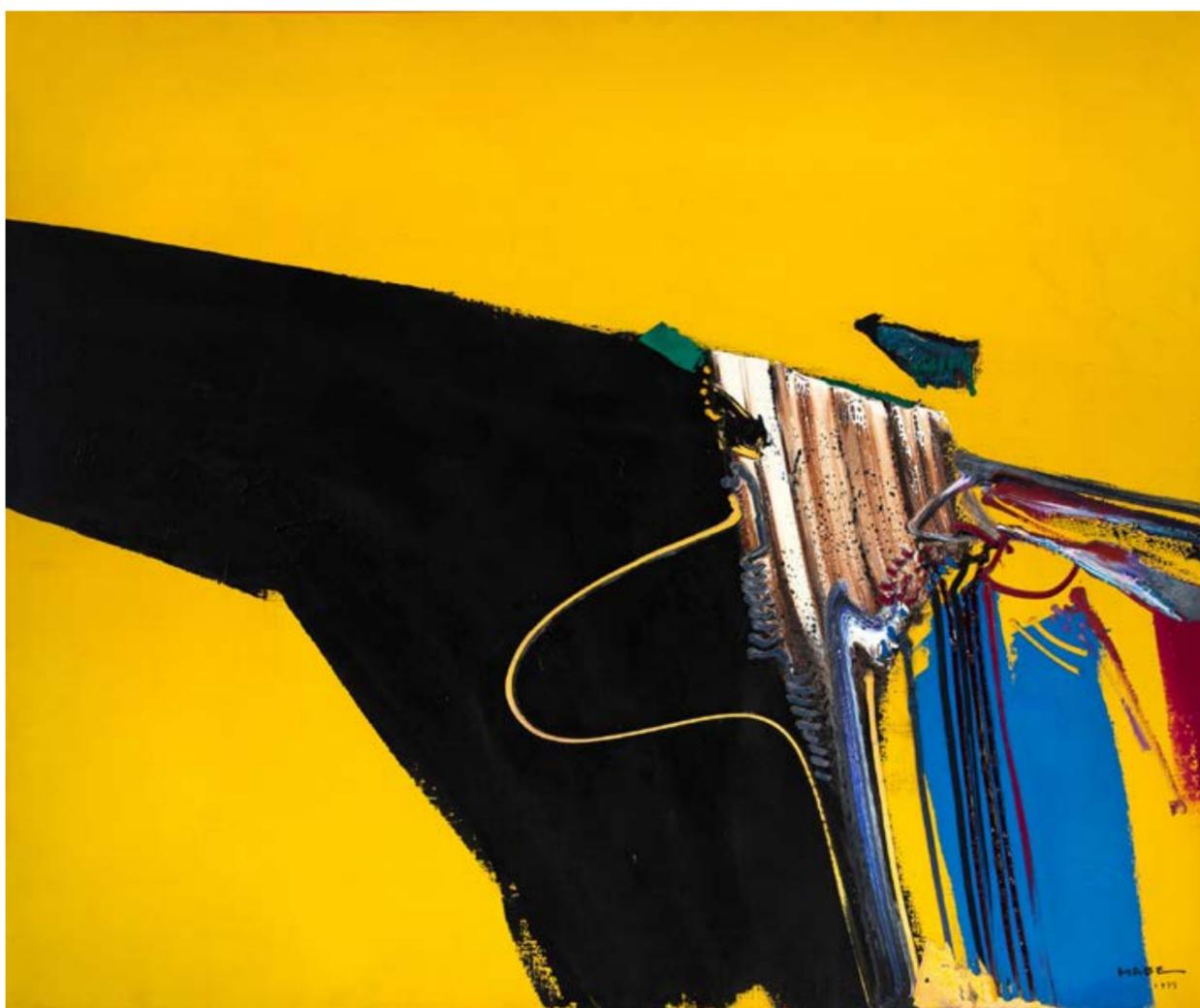
Abstração, 1960

óleo sobre tela

110 x 130 cm

assinatura inf. esq.

Participou da exposição: "A Realidade Máxima das Coisas", com curadoria de Jacob Klintowitz, na Galeria Frente, de 16 de março a 29 de junho de 2024.



Manabu Mabe

Sem Título, 1977

óleo sobre tela

102 x 127 cm

assinatura inf. dir.

Obra registrada no Instituto Mabe, sob nº 1217.



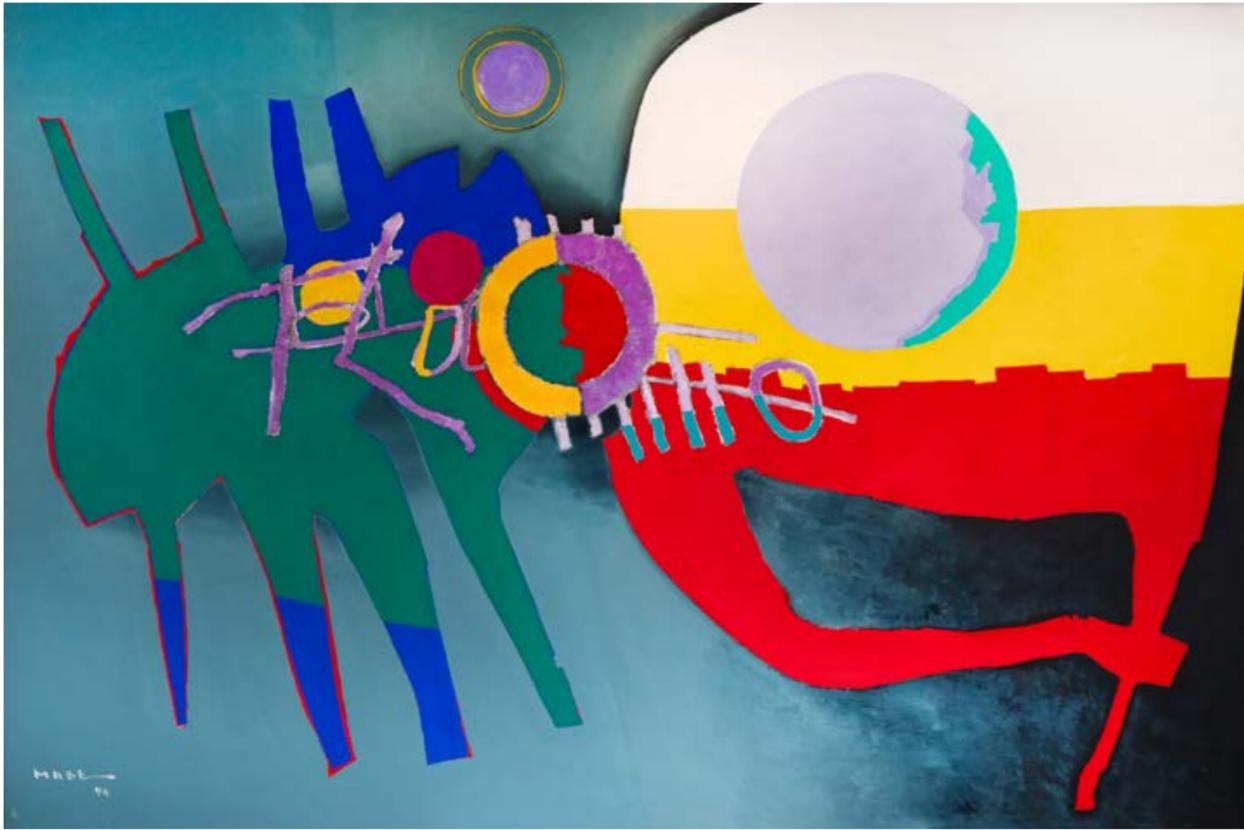
Manabu Mabe

Voz da Noite, 1979

óleo sobre tela

51 x 51 cm

assinatura inf. dir.



Manabu Mabe

Sem Título, 1994

óleo sobre tela

200 x 300 cm

assinatura inf. esq.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2790. Participou da exposição Itinerante: Manabu Mabe: Brasil - Cores Vibrantes, Museu de Arte da Prefeitura de Kumamoto, Museu de Arte da Prefeitura de Gifu, Loja Yamato, Nigata, Museu de Arte de Hiroshima, Museu de Arte Odakyu, Tokyo, Japão, 1996, reproduzido no catálogo da mostra pág. 90 e 91. Participou da exposição: "A Realidade Máxima das Coisas", com curadoria de Jacob Klintowitz, na Galeria Frente, de 16 de março a 01 de junho de 2024. Reproduzido no catálogo da mostra pág. 78 e 79.

Maria Polo



Maria Polo

(Veneza, Itália, 1937 - Rio de Janeiro, RJ, 1983).

Estuda no Instituto de Arte de Veneza, entre 1949 e 1955. Quatro anos depois, vem para o Brasil, fixando residência em São Paulo, onde inicia os trabalhos para realizar uma mostra individual, a convite de Pietro Maria Bardi. Na década de 70, começa a trabalhar com azulejos e execução de vitraux.

Polo é reconhecida por suas contribuições significativas à arte, tanto na Itália quanto no Brasil. Seus trabalhos com vitrais e azulejos se destacam por suas cores vibrantes e complexidade técnica, que capturam a luz e criam ambientes únicos e inspiradores. Sua obra é caracterizada pela sensibilidade no uso das cores e formas, resultando em composições harmoniosas e impactantes.





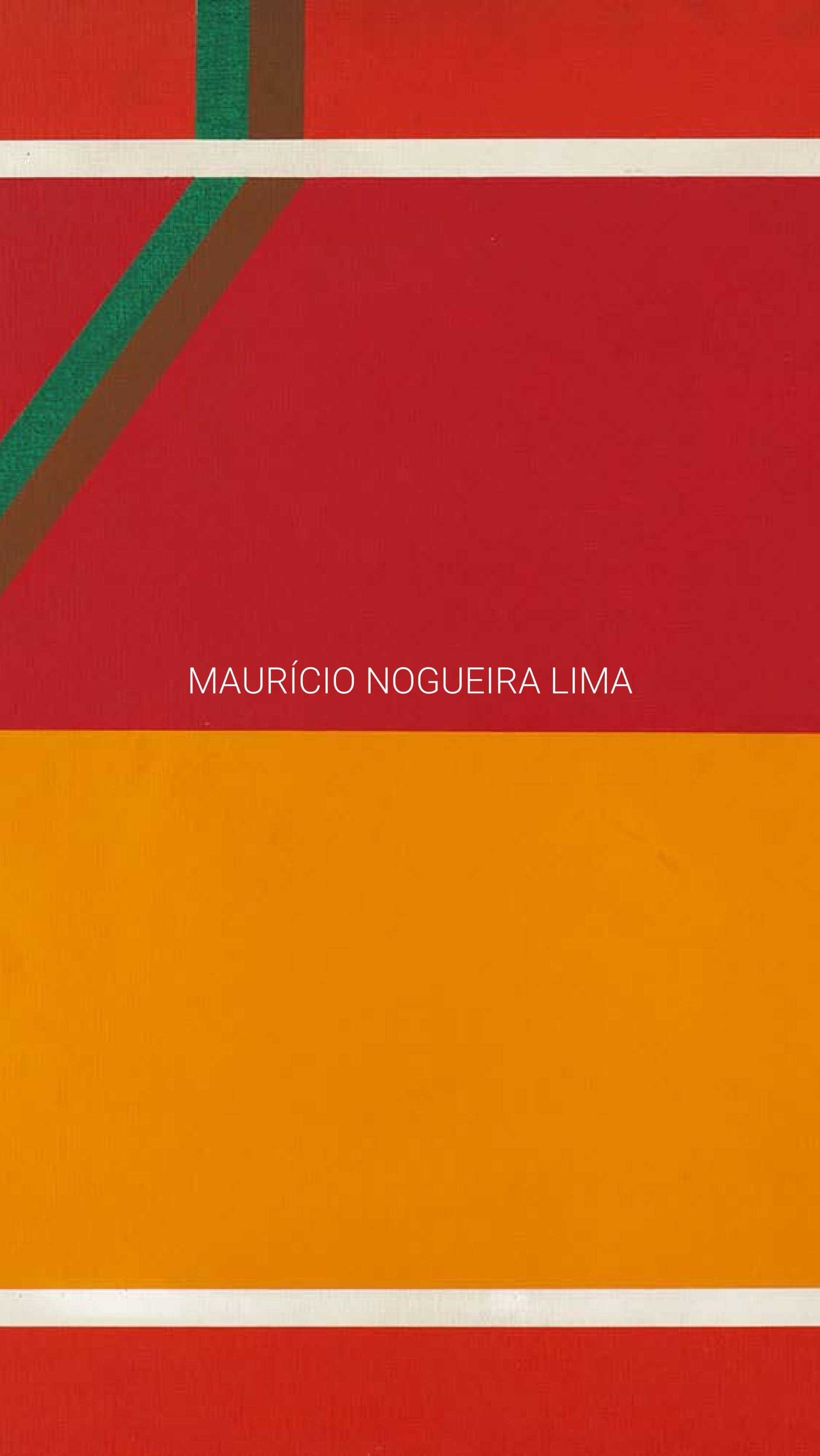
Maria Polo

Sem Título

óleo sobre tela

160 x 127 cm

assinatura no centro



MAURÍCIO NOGUEIRA LIMA

MAURÍCIO NOGUEIRA LIMA

(Recife, Pernambuco, 1930 – Campinas, São Paulo, 1999).

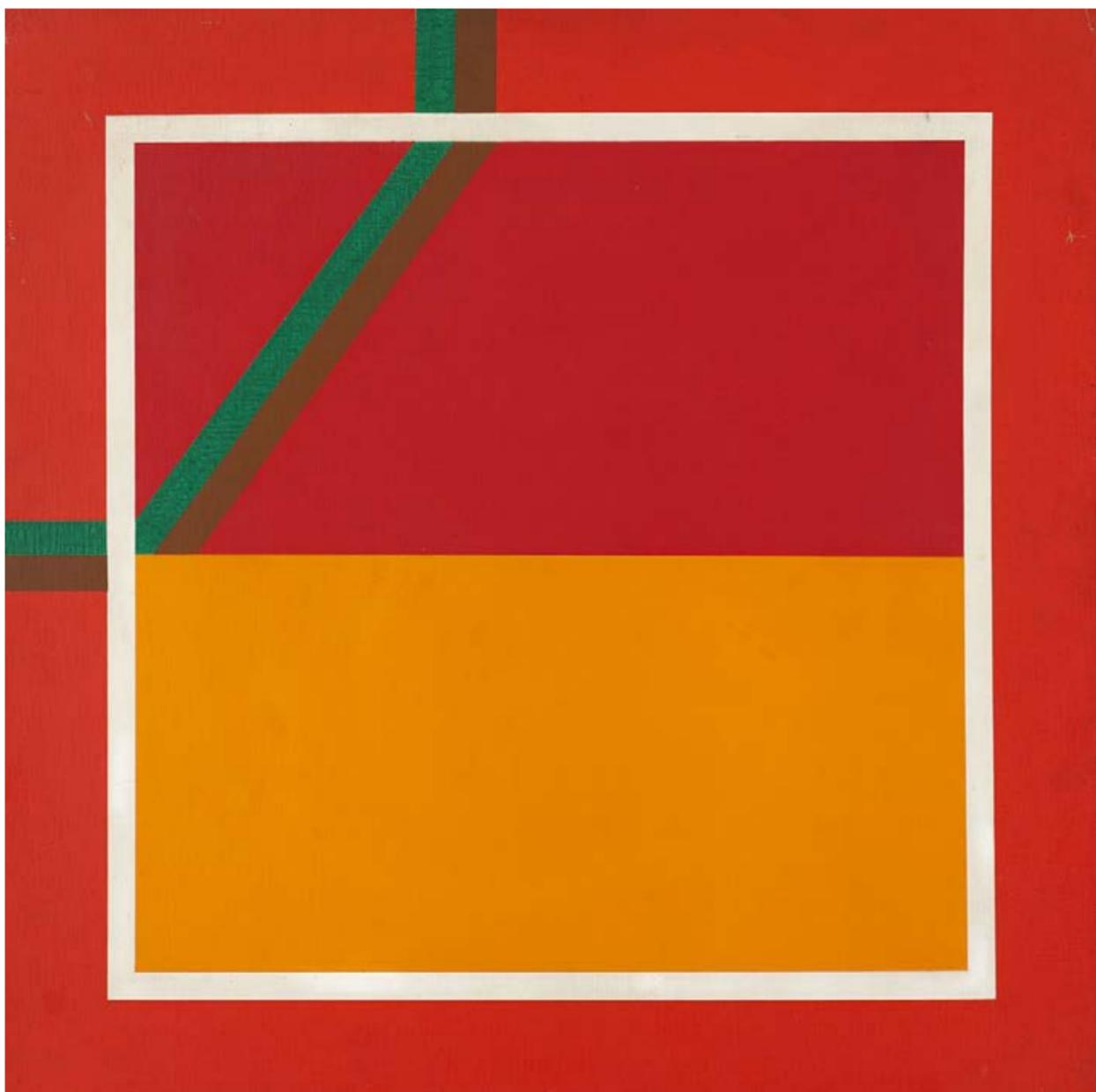
Pintor, arquiteto, desenhista, artista gráfico e professor. Transita entre a pintura e a comunicação visual, construindo trabalhos a partir da abstração geométrica, da experimentação das cores, e das imagens que percorrem os meios de comunicação de massa.

Muda-se com a família para São Paulo aos 2 anos. Entre 1947 e 1950, estuda artes plásticas no Instituto de Belas Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre. De volta a São Paulo, em 1951, frequenta cursos de comunicação visual, desenho industrial e propaganda no Instituto de Arte Contemporânea do Museu de Arte de São Paulo, onde conhece os artistas gráficos Alexandre Wollner (1928-2018) e Antônio Maluf (1926-2005), e o pintor polônes Leopold Haar (1910-1954), profissionais com quem desenvolve diversos trabalhos.

A convite do artista italiano Waldemar Cordeiro (1925-1973) integra, em 1953, o Grupo Ruptura e participa de diversas mostras de arte concreta, além de Bienais e Salões Paulista de Arte Moderna. Estuda arquitetura na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, entre 1953 e 1957.

No ano seguinte, é responsável pela criação da logomarca e programação visual da 1ª Feira Internacional da Indústria Têxtil (Fenit), em São Paulo. Em 1960, realiza as primeiras grandes instalações ambientais para indústrias automobilísticas no Salão do Automóvel e é convidado pelo designer suíço Max Bill (1908-1994) a tomar parte na retrospectiva Konkrete Kunst, inaugurada em junho no museu Helmhaus, em Zurique.





Maurício Nogueira Lima

Interferência, 1974

acrílica sobre tela

80 x 80 cm

assinatura no verso



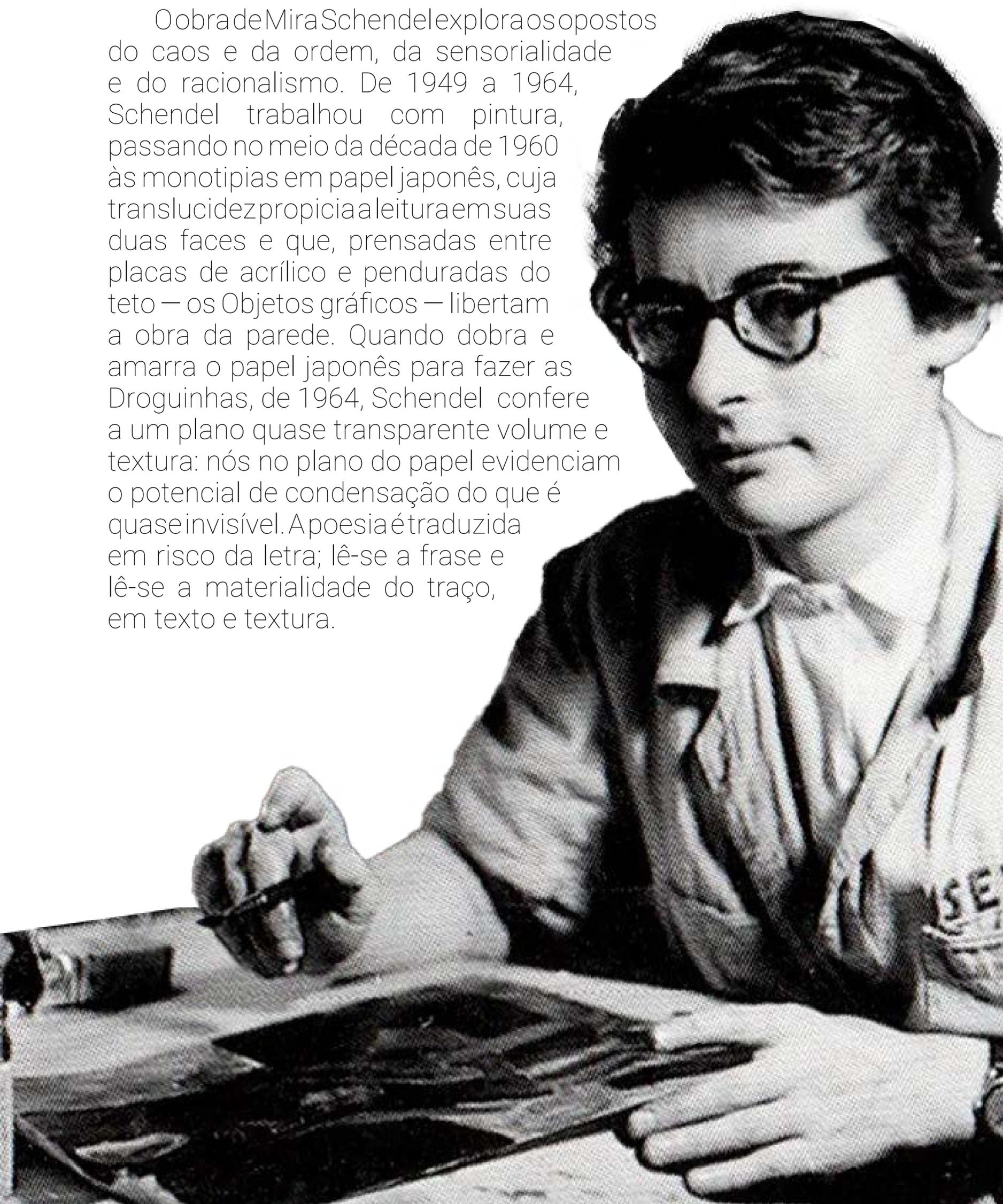
MIRA SCHENDEL

MIRA SCHENDEL

(Zurique, Suíça, 1919 – São Paulo, São Paulo, 1988).

A produção artística é constituída por séries de trabalhos, marcadas por experiências bastante diversas em relação ao formato, às dimensões, aos suportes escolhidos e à técnica adotada. Muda-se para Milão, na Itália, na década de 1930, onde estuda arte e filosofia. Abandona os estudos durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Estabelece-se em Roma em 1946 e, em 1949, obtém permissão para se mudar para o Brasil. Em 1953, muda-se para São Paulo e adota o sobrenome Schendel. Sua linguagem pictórica se simplifica progressivamente em trabalhos que exploram o tratamento dado à superfície.

O obra de Mira Schendel explora os opostos do caos e da ordem, da sensorialidade e do racionalismo. De 1949 a 1964, Schendel trabalhou com pintura, passando no meio da década de 1960 às monotipias em papel japonês, cuja translucidez propicia a leitura em suas duas faces e que, prensadas entre placas de acrílico e penduradas do teto – os Objetos gráficos – libertam a obra da parede. Quando dobra e amarra o papel japonês para fazer as Droguinhas, de 1964, Schendel confere a um plano quase transparente volume e textura: nós no plano do papel evidenciam o potencial de condensação do que é quase invisível. A poesia é traduzida em risco da letra; lê-se a frase e lê-se a materialidade do traço, em texto e textura.

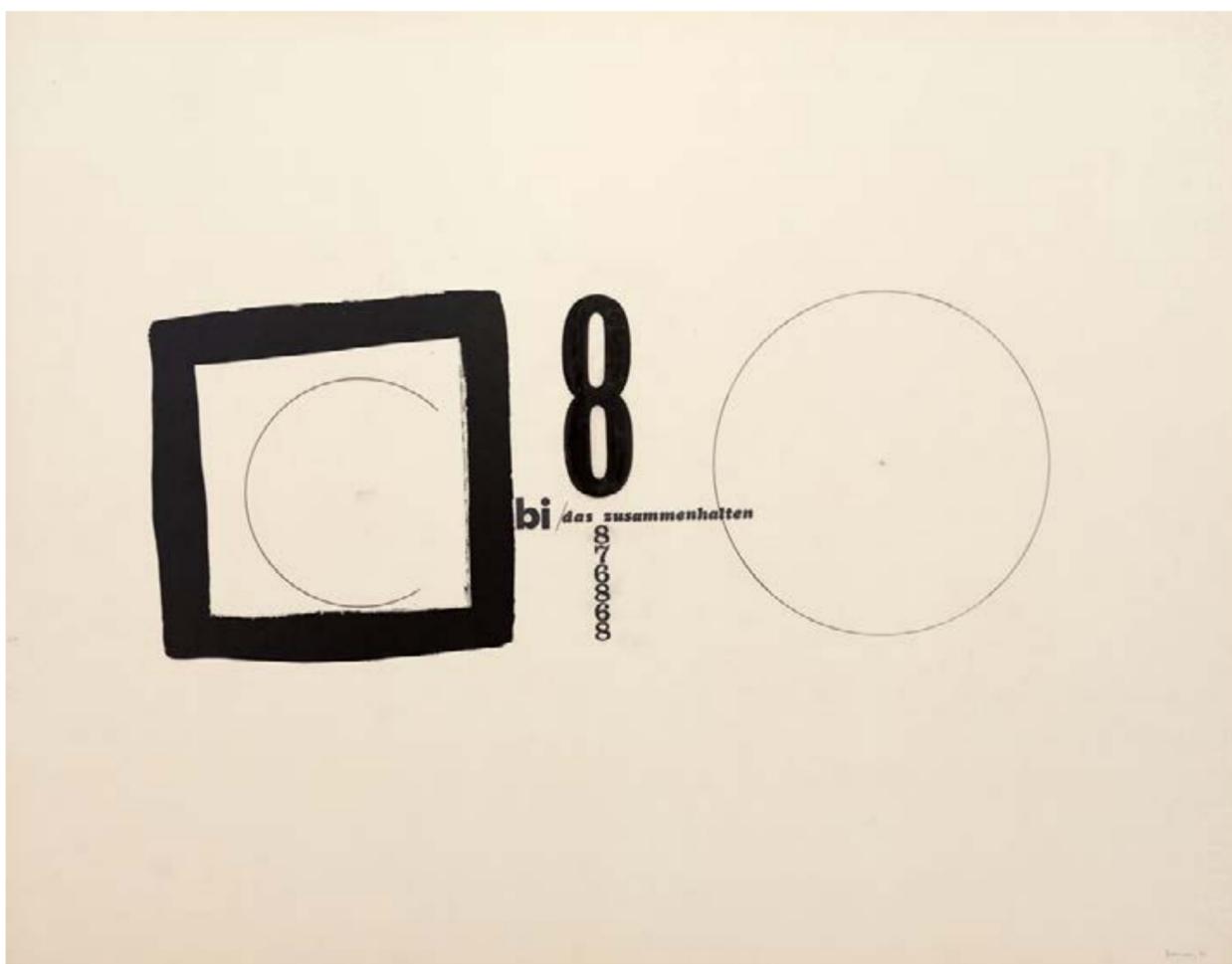




Mira Schendel

Sem Título, déc. 60
têmpera sobre madeira
65 x 95 cm

Participou da exposição "O espaço infindável de Mira Schendel", na Galeria Frente, 2015, reproduzido no livro da mostra na pág. 157.



Mira Schendel

Sem título, 1971

nanquim e letreset sobre fórmica

50 x 65 x 2 cm

assinatura inf. dir.



Mira Schendel

Sem Título, 1978

técnica mista sobre papel

40 x 29 cm

assinatura inf. dir.



Mira Schendel

Sem Título

ecoline sobre papel

40 x 30 cm



Mira Schendel

Série Itatiaia, 1978
ecoline sobre papel
49 x 25 cm
assinatura inf. dir.



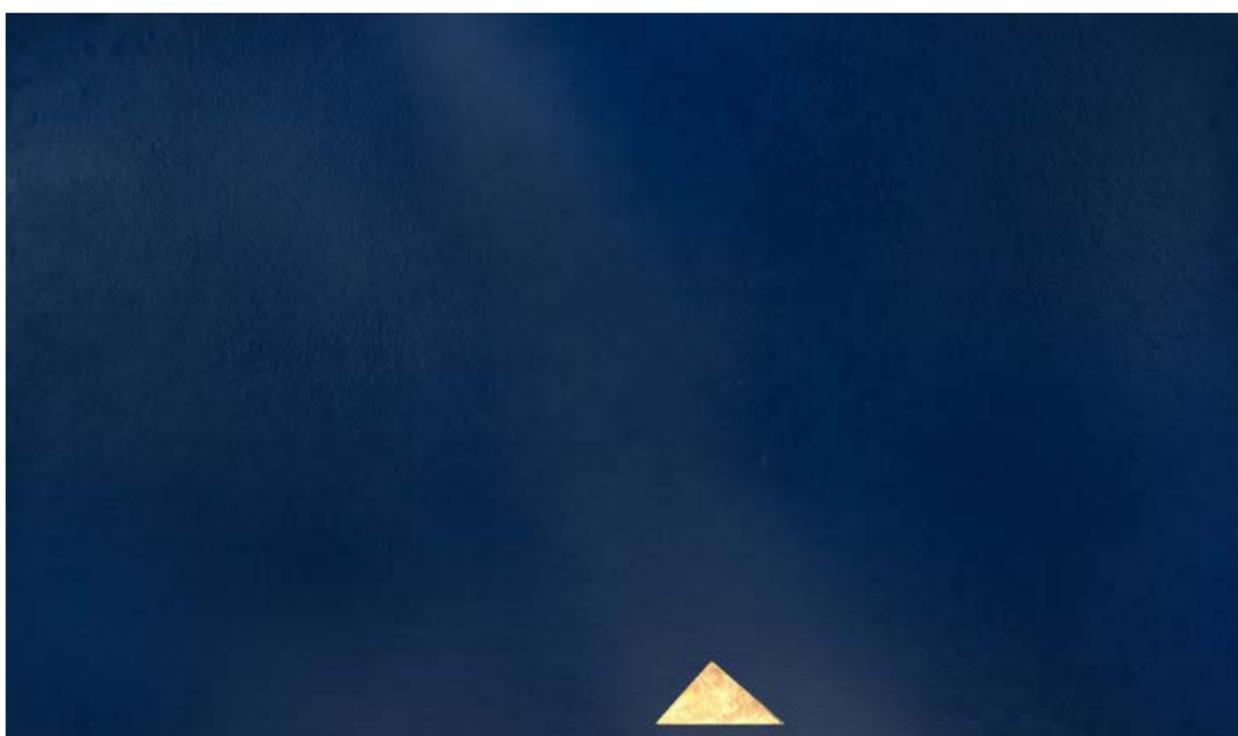
Mira Schendel

Série Itatiaia, 1978
ecoline sobre papel
49 x 25 cm
assinatura inf. dir.



Mira Schendel

Série Itatiaia, 1978
ecoline sobre papel
49 x 25 cm
assinatura inf. dir.



Mira Schendel

Sem Título, 1985

têmpera e folha de ouro sobre madeira

90 x 150 cm

assinatura no verso

Participou das exposições: Anjos com Armas na Pinakothek São Paulo no período de 21/10/2023 a 16/12/2023; Anjos com Armas na Pinakothek Artes - Rio de Janeiro no período de 16/03/2024 a 01/06/2024. Reproduzida no livro da mostra pág. 70, 84 rep.



PAULO ROBERTO LEAL

PAULO ROBERTO LEAL

(Rio de Janeiro RJ 1946 - idem 1991).

Desde o início da década de 1970, Paulo Roberto Leal produz obras em que explora as possibilidades plásticas do papel. Utiliza papéis kraft de embrulho, ou outros mais nobres, para criar estruturas de repetição ou variedade de módulos. Nessas obras, o artista destaca o caráter perecível e conceitual de sua proposta, que pode ser desfeita ou alterada a qualquer momento. Na série Armagens, apresenta papéis articulados, enrolados sinuosamente no interior de caixas acrílicas transparentes. Em seus trabalhos, mantém diálogo com a obra de Osmar Dillon, artista que trabalha com poemas visuais criados em caixas de acrílico, estabelecendo jogos entre palavras, formas e cores. Em séries como Desarmagens e Des-mov-em, percebe-se seu questionamento dos limites da pintura.

Ministra curso sobre criatividade com papel no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM/RJ e recebe prêmio na 11ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1971. No ano seguinte, integra, com Franz Weissmann e Humberto Espíndola, a representação brasileira na 36ª Bienal de Veneza. Por ocasião da mostra O Gesto Criador, Olívio Tavares de Araújo realiza filme sobre sua obra em 1977. Trabalha como curador do Museu de Valores do Banco Central até 1980. Em 1984, em parceria com Marcus de Lontra Costa e Sandra Magger, faz a curadoria da mostra Como Vai Você, Geração 80?, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage - EAV/Parque Lage, no Rio de Janeiro.

Maurício Nogueira Lima tem variada atuação no campo das artes visuais. Suas composições expandem os limites da abstração geométrica e ilustram, entre outros temas, o momento histórico e os ídolos populares dos meios de comunicação de massa de sua época.





Paulo Roberto Leal

Armagem, caramelo e vermelho, 1974
papel, colado à madeira em vidro acrílico
87 x 87 cm
assinatura no verso

Etiqueta da Vernissage Galeria de Arte. Etiqueta da Beurret & Bailly
Auktionen Galerie Widmer.

SÉRGIO CAMARGO

SÉRGIO CAMARGO

(Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1930 - idem, 1990).

Considerado um dos mais originais artistas brasileiros ligados à vertente construtiva, destaca-se por explorar os limites da forma ao realizar cortes audaciosos nos materiais, em um procedimento por ele denominado “geometria empírica”.

Embora tenha contato com trabalhos da vertente construtiva desde o início da carreira, Sérgio Camargo desenvolve uma obra independente e pessoal, sem filiar-se a qualquer grupo ou movimento. Durante dois anos (1946-1948), estuda na Academia Altamira, em Buenos Aires, onde é orientado pelos artistas argentinos Emilio Pettoruti (1892-1971) e Lucio Fontana (1899-1968). Lá, interessa-se pelo construtivismo da Argentina. Parte para Paris em 1948, onde estuda a obra do escultor romeno Constantin Brancusi (1876-1957) e faz um curso de filosofia na Sorbonne. Nesse período, familiariza-se com as esculturas de Georges Vantongerloo (1886-1965) e Henri Laurens (1885-1954).

De volta ao Brasil, produz em 1954 suas primeiras esculturas figurativas de bronze, nas quais já se evidenciam a preocupação com o volume das obras e a potência dos cortes que ordenam as massas, qualidades fundamentais de seus trabalhos posteriores. Novamente em Paris (1961), frequenta o curso de sociologia da arte ministrado por Pierre Francastel (1905-1970), na École Pratique des Hautes Études, e faz experimentações com gesso, areia e tecido, criando estruturas informes e irregulares.

Mesmo orientada pelo princípio construtivo da coerência e da lucidez integrais, a obra de Camargo não abandona o páthos de aventura característico da lírica moderna, como também observa Ronaldo Brito.

Num período em que se acredita no esgotamento da inovação e no qual se defende a superação do legado moderno, Sérgio Camargo inaugura uma trajetória em que a relação conflituosa, mas sempre atenta, com uma tradição preexistente gera uma produção inovadora e singular.





Sérgio Camargo

Canção do casal em 16 batidas, 1966

relevo de madeira

51 x 60,3 x 1,9 cm

assinado

Certificado de autenticidade do Espólio de Sérgio Camargo assinado por Raquel Arnaud, nº 15633.

SÉRVULO ESMERALDO

Sérvulo Esmeraldo

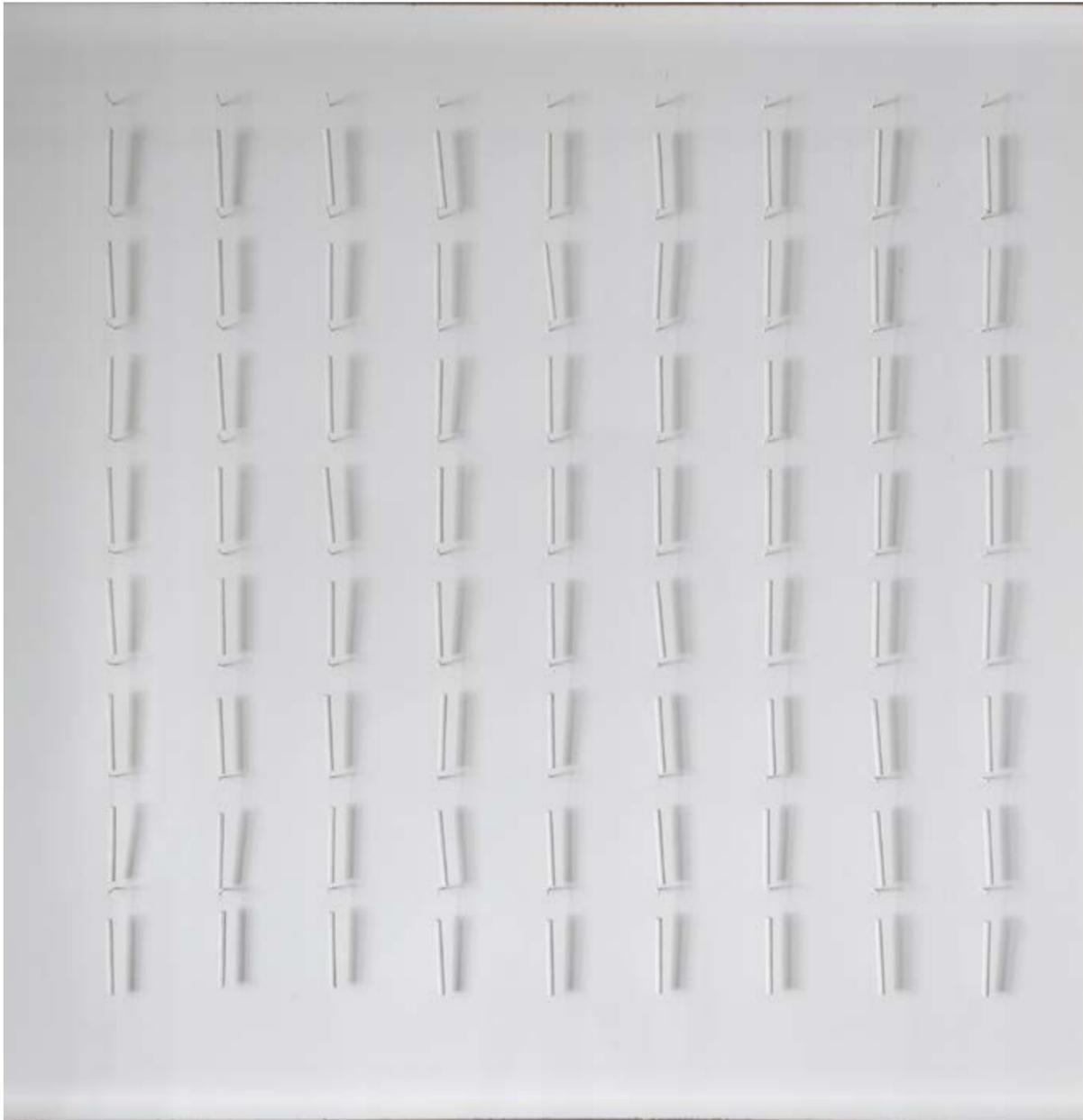
(Crato, Ceará, 1929 - Fortaleza, Ceará, 2017).

Na década de 1950, Sérvulo Esmeraldo desenvolve trabalhos figurativos. Mesmo em seu início conseguimos ver uma vontade de simplificação da figura, Esmeraldo encaminha-se paulatinamente para a abstração, realizando, em 1957, suas primeiras gravuras decididamente abstratas, as quais mantêm estreita relação com a produção de Lívio Abramo.

No mesmo ano, muda-se para Paris, onde frequenta aulas de gravura em metal com Johnny Friedlaender. No início faz trabalhos abstratos e líricos, quase informais. Suas gravuras, como os trabalhos de Friedlaender, são repletas de grafismos. Progressivamente, interessa-se pela produção construtiva e passa a lidar com formas mais regulares. Acompanha a produção dos artistas ligados à arte cinética, como Julio Le Parc (1928) e Jesús Rafael Soto (1923-2005). Na década de 1960, deixa de se dedicar exclusivamente à gravura e passa a experimentar outras linguagens. Em 1962, produz os primeiros trabalhos cinéticos, feitos com ímãs. Dois anos mais tarde, cria os Excitáveis, objetos cinéticos feitos de acrílico, que reagem ao toque do espectador e mudam de cor.

No mesmo período, realiza as primeiras esculturas. Em 1986, idealiza e organiza a 1ª Exposição de Escultura Efêmera de Fortaleza. Na mesma época, cria relevos discretos, a terceira dimensão é sugerida pela interação das faces, embora a obra seja quase plana. Na década de 1990, entre outros trabalhos, faz relevos em que sulca linhas rigorosas em superfícies bidimensionais de aço. Em 2001, radicaliza esse princípio. Trabalha com linhas regulares de aço, com as quais desenha formas geométricas tridimensionais no espaço.





Sérvulo Esmeraldo

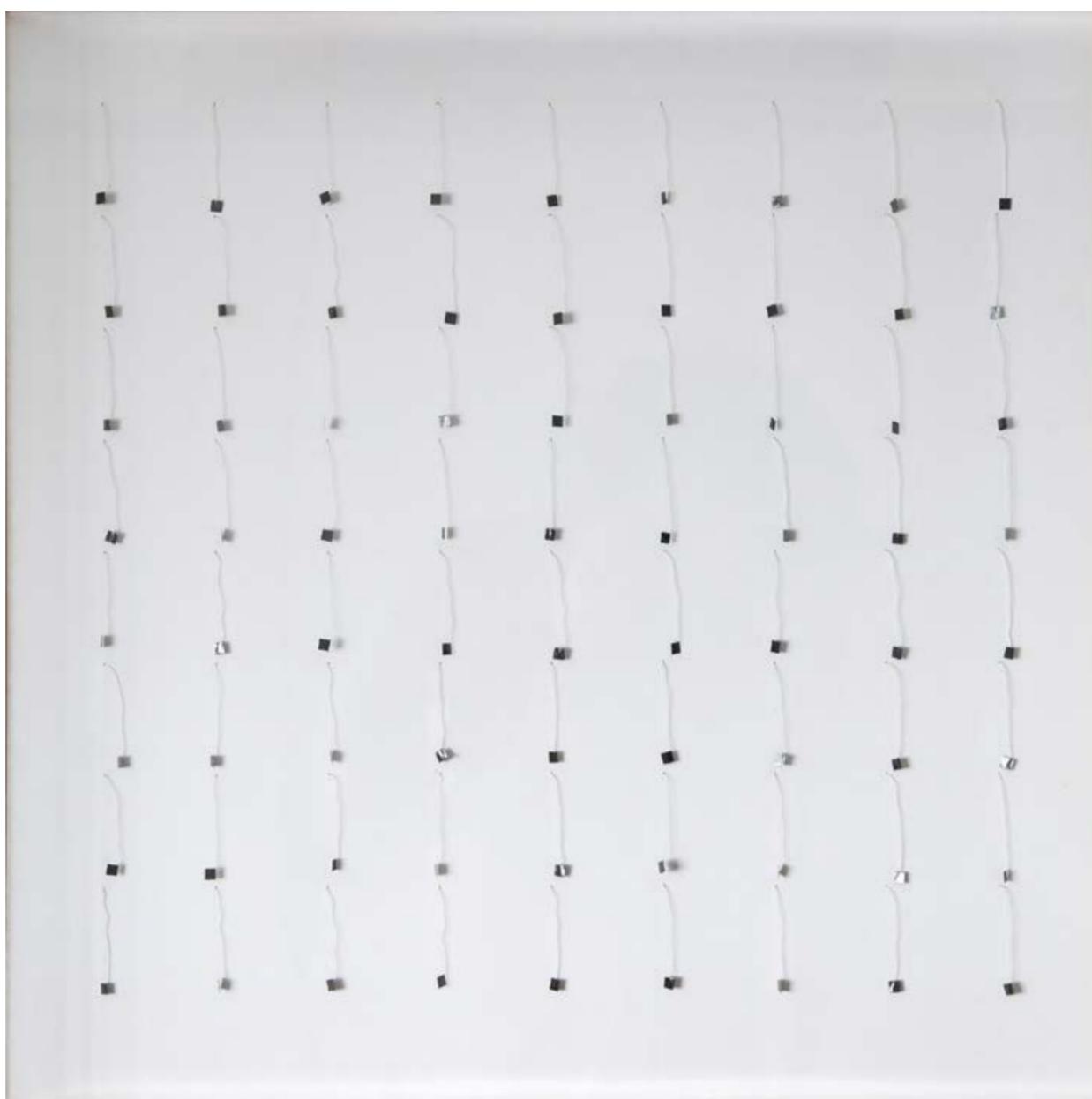
"E7111", 1971

madeira, fios e pregos pintados em caixa de vidro acrílico

50 x 50 x 8 cm

assinatura no verso

Da série excitável.



Sérvulo Esmeraldo

"E7144", 1971

madeira, fios e pregos pintados em caixa de vidro acrílico

49 x 49 x 8 cm

assinatura no verso

Da série excitável.



Sérvulo Esmeraldo

Composição XI, 1982
escultura em aço pintado
80 x 60 x 60 cm

Certificado de autenticidade emitido pela Skultura Galeria.

SAMSON FLEXOR

SAMSON FLEXOR

(Soroca, Bessarábia, Rússia, 1907 - São Paulo, São Paulo, 1971).

Ao fixar-se no Brasil, em 1948, Flexor já é um artista maduro e de rica experiência artística. Sua formação inclui a passagem de dois anos pela Académie Royale des Beaux-Arts em Bruxelas, estudos na Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts [Escola Nacional Superior de Belas Artes] e no curso de história da arte na Sorbonne, ambas em Paris (a partir de 1924). Com uma produção próxima à Escola de Paris, o artista conquista reconhecimento da crítica em sua primeira exposição individual (1927). Em 1929 participa da criação do Salon des Surindépendants, do qual é diretor até 1938. Faz parte da resistência à ocupação nazista e é obrigado a deixar a capital francesa em 1940. Passa por enormes dificuldades durante a guerra, voltando a Paris somente em 1945. Os problemas do pós-guerra, aliados ao sucesso da viagem a São Paulo acompanhando uma exposição do Grupo dos Pintores Independentes e sua mostra individual na Galeria Prestes Maia, em 1946, fazem com que decida imigrar com a família para o Brasil, em 1948.

Considerado um dos introdutores do abstracionismo no Brasil, Flexor é um artista de produção variada e independente. Da figuração cubista à abstração geométrica, e desta à abstração lírica, volta no final da vida a uma espécie de figuração orgânica e antropomórfica, sem deixar de lado a pintura de temática religiosa e os retratos. É preciso notar que da mesma forma que exerce papel importante na aceitação das correntes abstratas pelos brasileiros, o contato com o ambiente do país do fim dos anos 1940 é fundamental para o desenvolvimento pleno de tendências abstratas esboçadas em sua pintura desde o fim da II Guerra Mundial (1939-1945). Encontra um meio artístico no qual ferve a que-rela entre os partidários da abstração e os defensores da pintura figurativa de cunho nacionalista. Participa da histórica exposição inaugural do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), *Do Figurativismo ao Abstracionismo*, em 1949, a convite do crítico belga e diretor do recém-fundado museu Leon Dégand e é incentivado por ele a aventurar-se pelos caminhos da abstração geométrica pura.





Samson Flexor

Sem Título, 1963

óleo sobre tela

96 x 130 cm

assinatura inf. dir.

A obra participou da exposição "Samson Flexor - Além do moderno", com curadoria de Kiki Mazzucchelli, durante o período de 22 de janeiro a 26 de junho de 2022 no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Reproduzido no catálogo pág. 109.

TOMIE OHTAKE

TOMIE OHTAKE

(Kyoto, Japão, 1913 – São Paulo, São Paulo, 2015).

Vem para o Brasil em 1936, para visitar um de seus irmãos, é impedida de voltar ao Japão por causa de eventos ligados à Guerra do Pacífico, e fixa-se em São Paulo. Em 1952, inicia-se em pintura com o artista Keisuke Sugano (1909-1963). No ano seguinte, integra o Grupo Seibi, do qual participam Manabu Mabe (1924-1997), Tikashi Fukushima (1920-2001), Flavio-Shiró (1928), Tadashi Kaminagai (1899-1982), entre outros artistas. Após breve passagem pela arte figurativa, Ohtake explora o abstracionismo.

No início da década de 1960, emprega uma gama cromática reduzida, com predominância de duas ou três cores, o que leva o olhar do espectador a percorrer superfícies em telas que muitas vezes remetem à sensação de nebulosidade. A pulsação obtida nas telas da artista, por meio do uso das cores e dos refinados jogos de equilíbrio, revela afinidade com a obra do pintor estadunidense Mark Rothko (1903-1970).

Na década de 1980, passa a utilizar uma gama cromática mais intensa e contrastante. Dedicase também à escultura e realiza, por exemplo, a Estrela do mar (1985), colocada na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro. Em 1995, recebe o Prêmio Nacional de Artes Plásticas do Ministério da Cultura – Minc. E em 2000, é criado o Instituto Tomie Ohtake, importante centro cultural da capital paulista.





Tomie Ohtake

Sem Título, 1964

óleo sobre tela

100 x 75 cm

assinatura inf. esq.

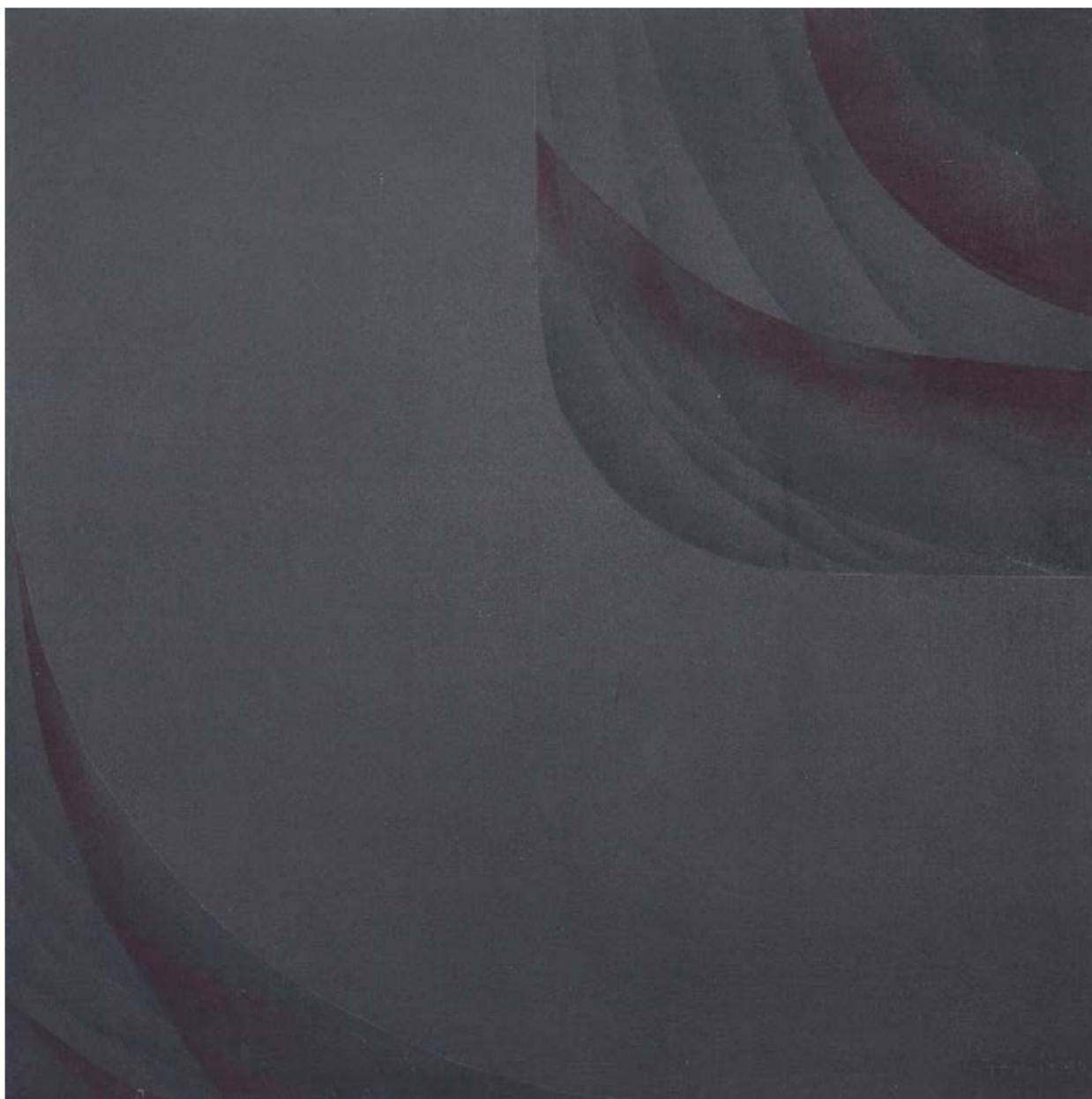
Registro no Instituto Tomie Ohtake sob nº: P- 64 -13.



Tomie Ohtake

Sem Título, 1987
acrílica sobre tela
210 x 142 cm
assinatura inf. dir.

Registrado no Instituto Tomie Ohtake sob o cód. P 87 21. Participou da exposição: "A Realidade Máxima das Coisas", com curadoria de Jacob Klintowitz, na Galeria Frente, de 16 de março a 29 de junho de 2024. Reproduzido no catálogo da mostra pág. 139



Tomie Ohtake

Sem Título, 1988

óleo sobre tela

100 x 100 cm

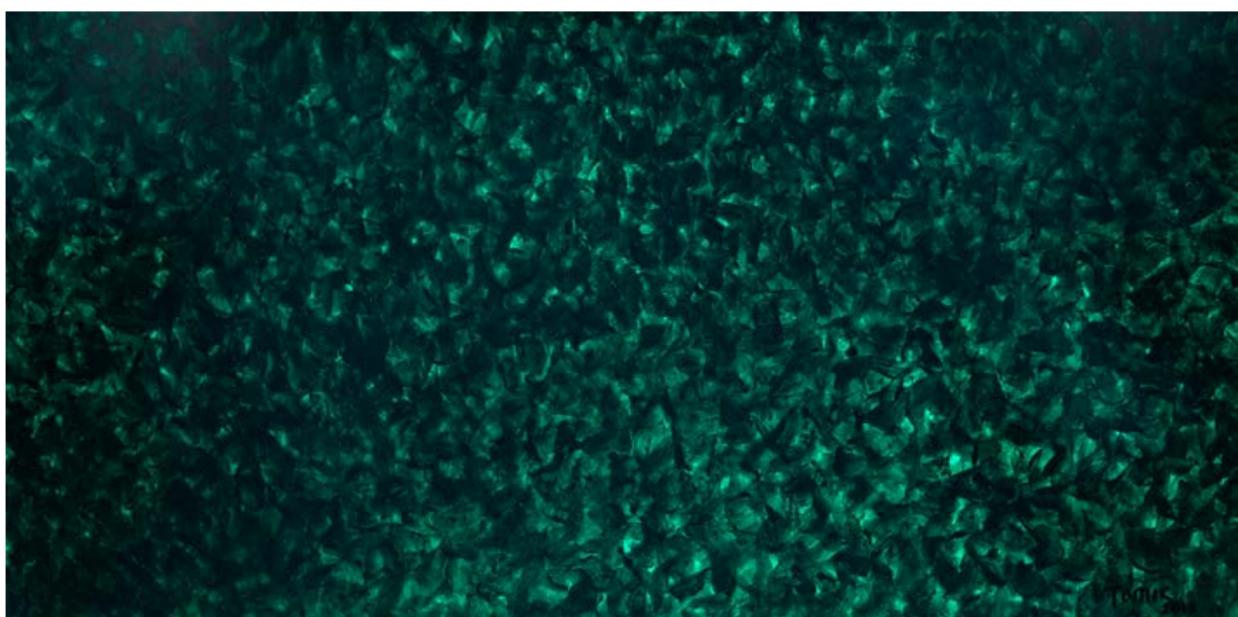
assinatura inf. dir.

Registrado no Instituto Tomie Ohtake sob o cód. P84-59. Participou da exposição: "A Realidade Máxima das Coisas", com curadoria de Jacob Klintowitz, na Galeria Frente, de 16 de março a 29 de junho de 2024. Reproduzido no catálogo da mostra pág. 138.



Tomie Ohtake

Abstrato, 1991
óleo sobre tela
100 x 100 cm
assinatura inf. esq.



Tomie Ohtake

Sem Título, 2013
acrílica sobre tela
100 x 200 cm



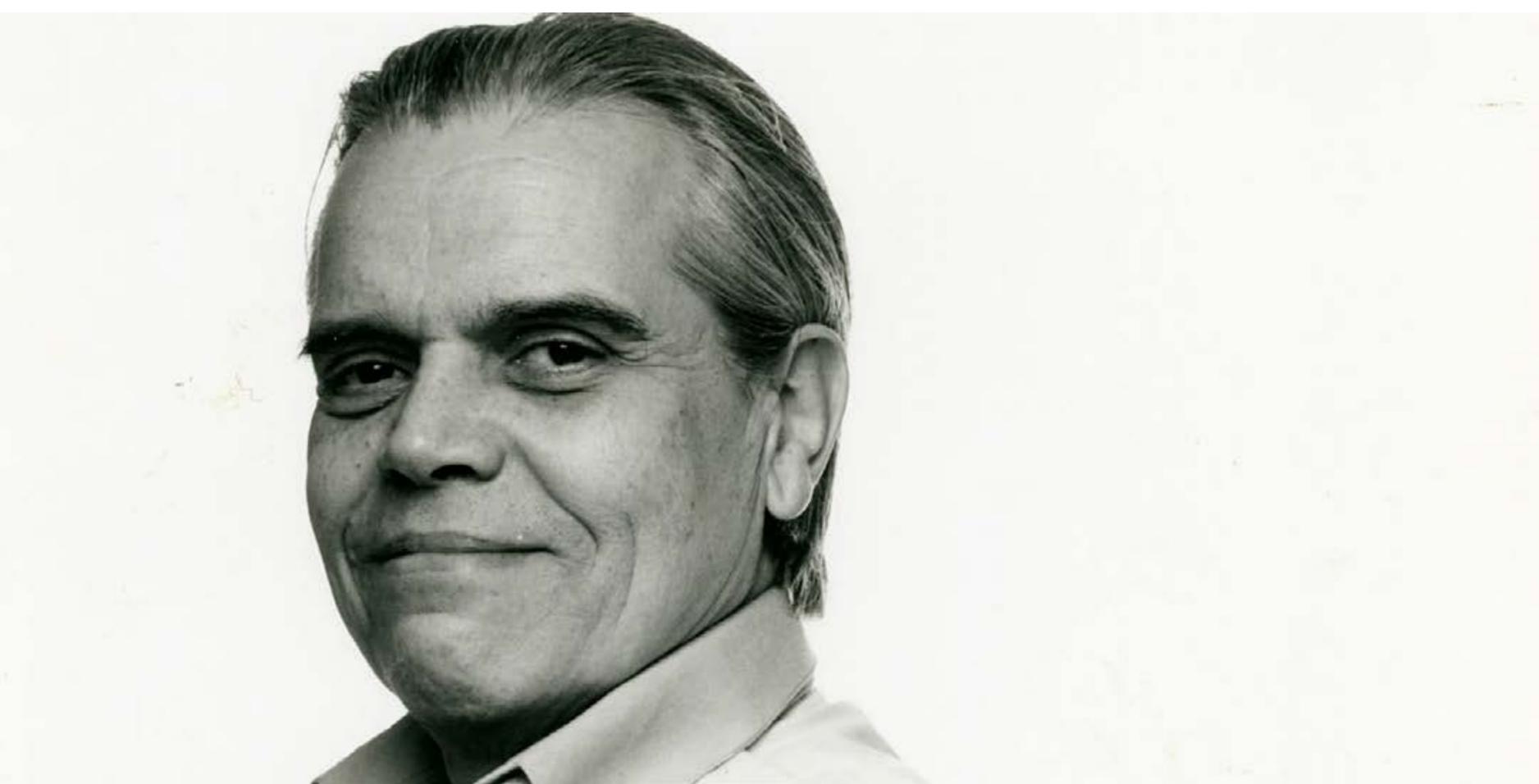
WILLYS DE CASTRO

WILLYS DE CASTRO

(Uberlândia MG 1926 - São Paulo SP 1988).

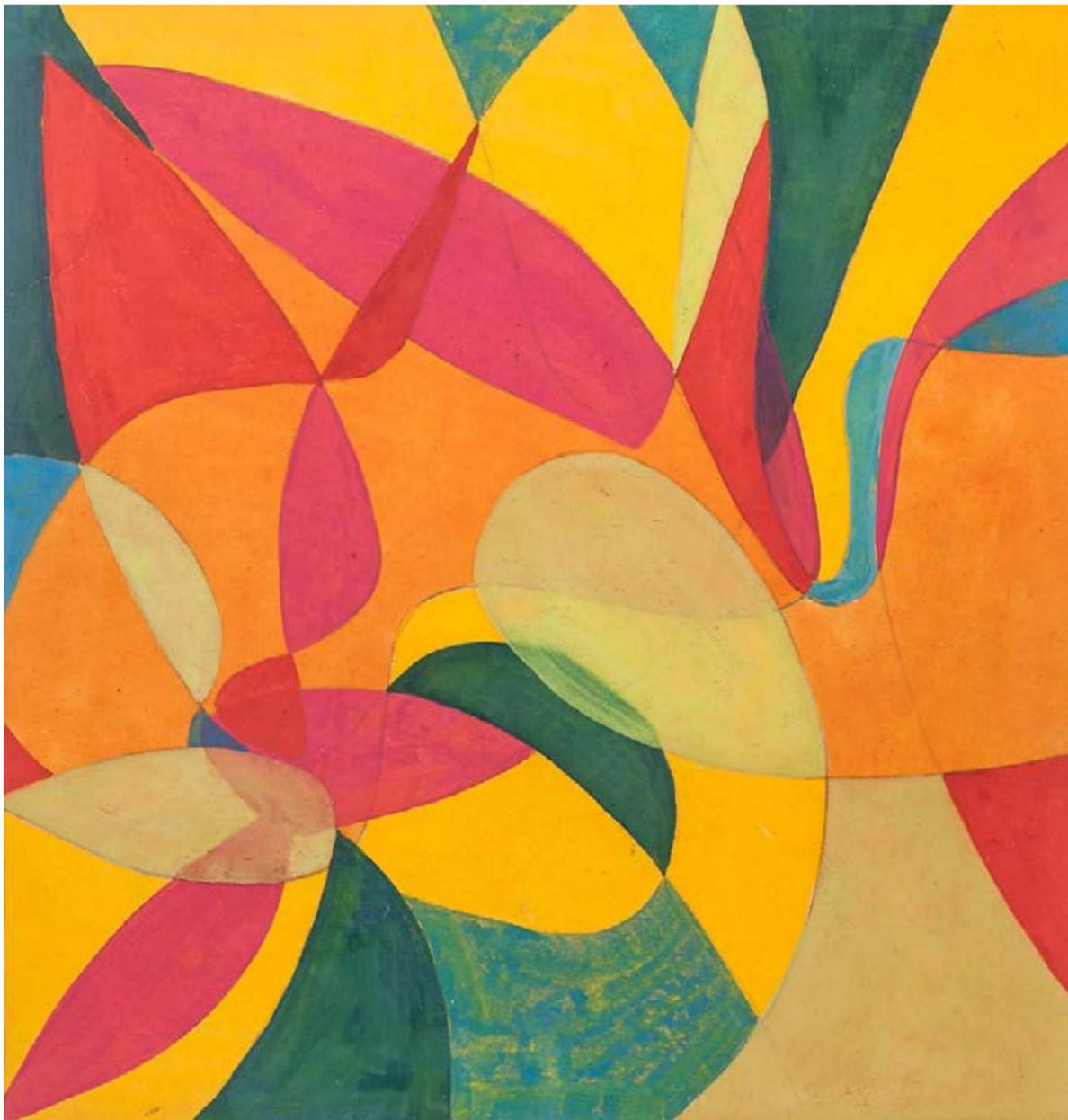
Pintor, gravador, desenhista, cenógrafo, figurinista, artista gráfico. Muda-se para São Paulo em 1941, onde estuda desenho com André Fort.

Willys realiza suas primeiras pinturas no fim da década de 1940 e, a partir de 1950, trabalha com abstração geométrica. Em 1954, funda com o artista Hércules Barsotti (1914) o Estúdio de Projetos Gráficos, no qual trabalha até 1964. Dedicar-se à programação visual e a projetos de padronagens para tecidos. Nas décadas de 1950 e 1960 trabalha também na confecção de cenários e figurinos para teatro.



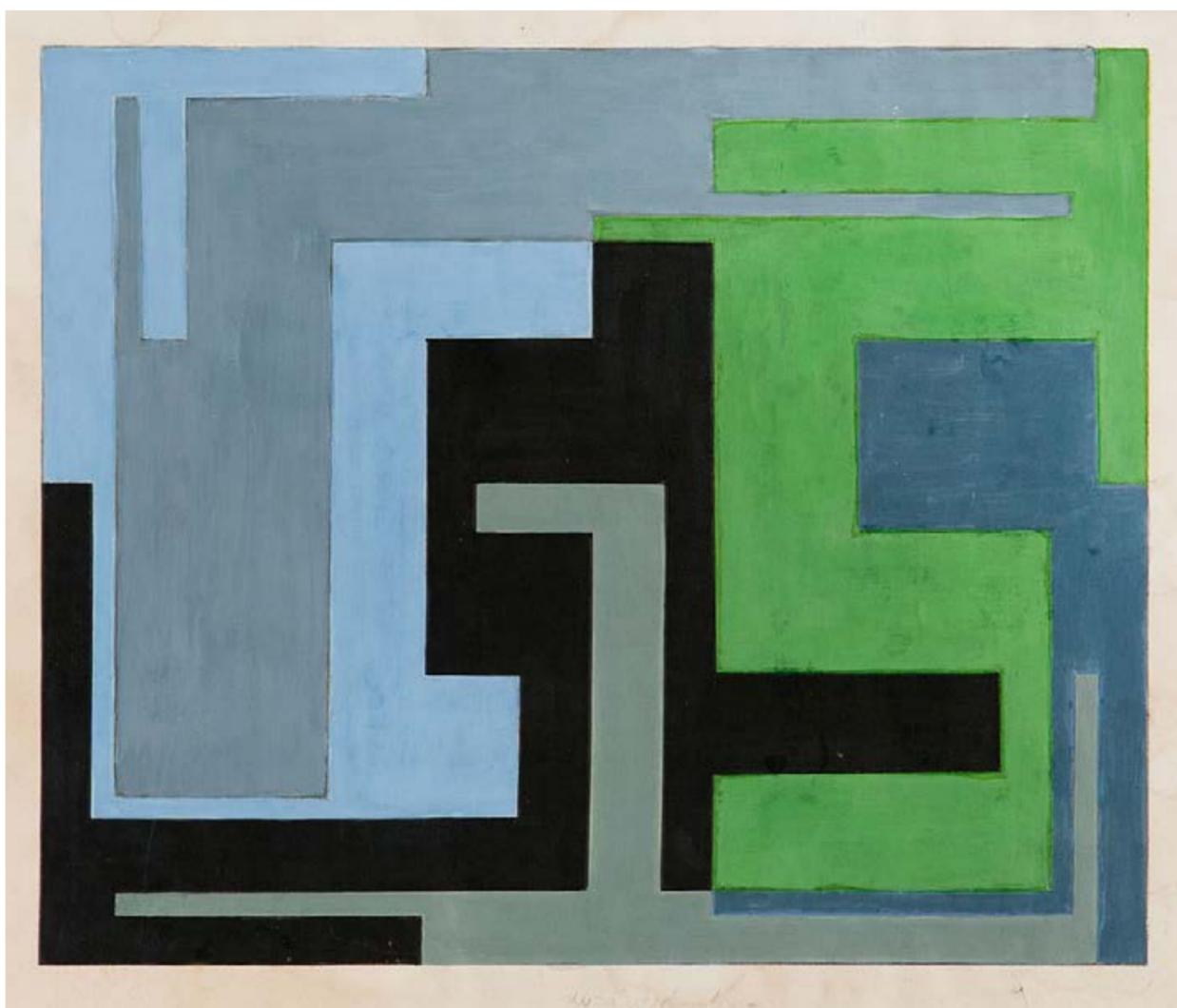
A produção do artista, na segunda metade da década de 1950, relaciona-se à dos artistas do movimento concreto. Denomina suas obras simplesmente de Pinturas, numerando-as ou indicando tratar-se de segunda ou terceira versão. Trabalha com um número deliberadamente restrito de questões: equilíbrio, tensionamento e instabilidade.

Willys de Castro explora sutilíssimas relações entre forma, cor, espaço e tempo. É um dos mais notáveis participantes do movimento neoconcreto e destaca-se por pesquisas que o levaram a ser um dos pioneiros a romper com a utilização da superfície bidimensional da tela como suporte para a linguagem pictórica. Os Objetos Ativos, para o crítico de arte Frederico Morais, são a sua maior contribuição à arte construtiva brasileira.



Willys de Castro

[Estudo para pintura], c. 1950
guache e grafite sobre papel
22x 21 cm



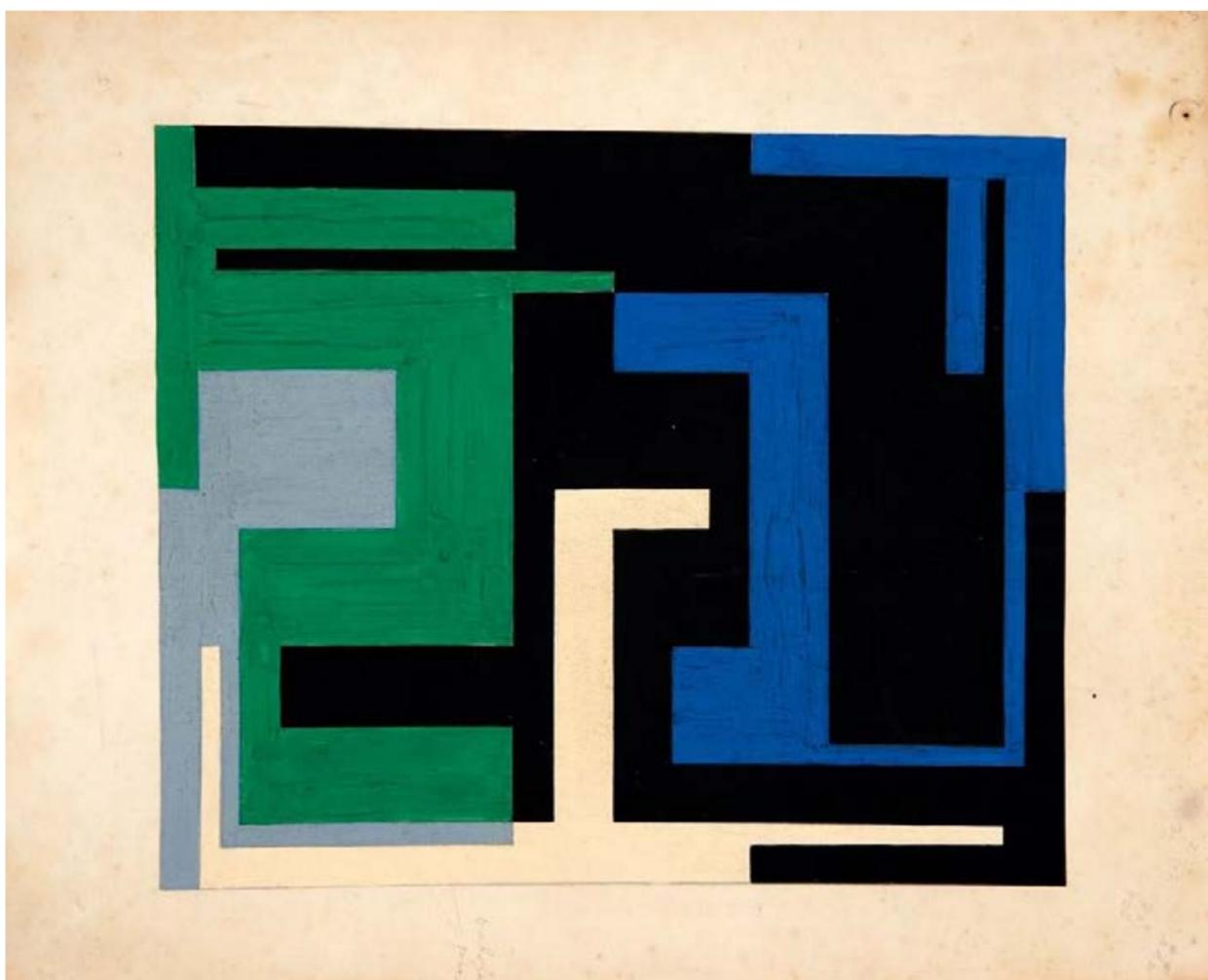
Willys de Castro

Estudo para composição VI: distribuição rítmica sobre um sistema modulado, 1953

guache sobre papel

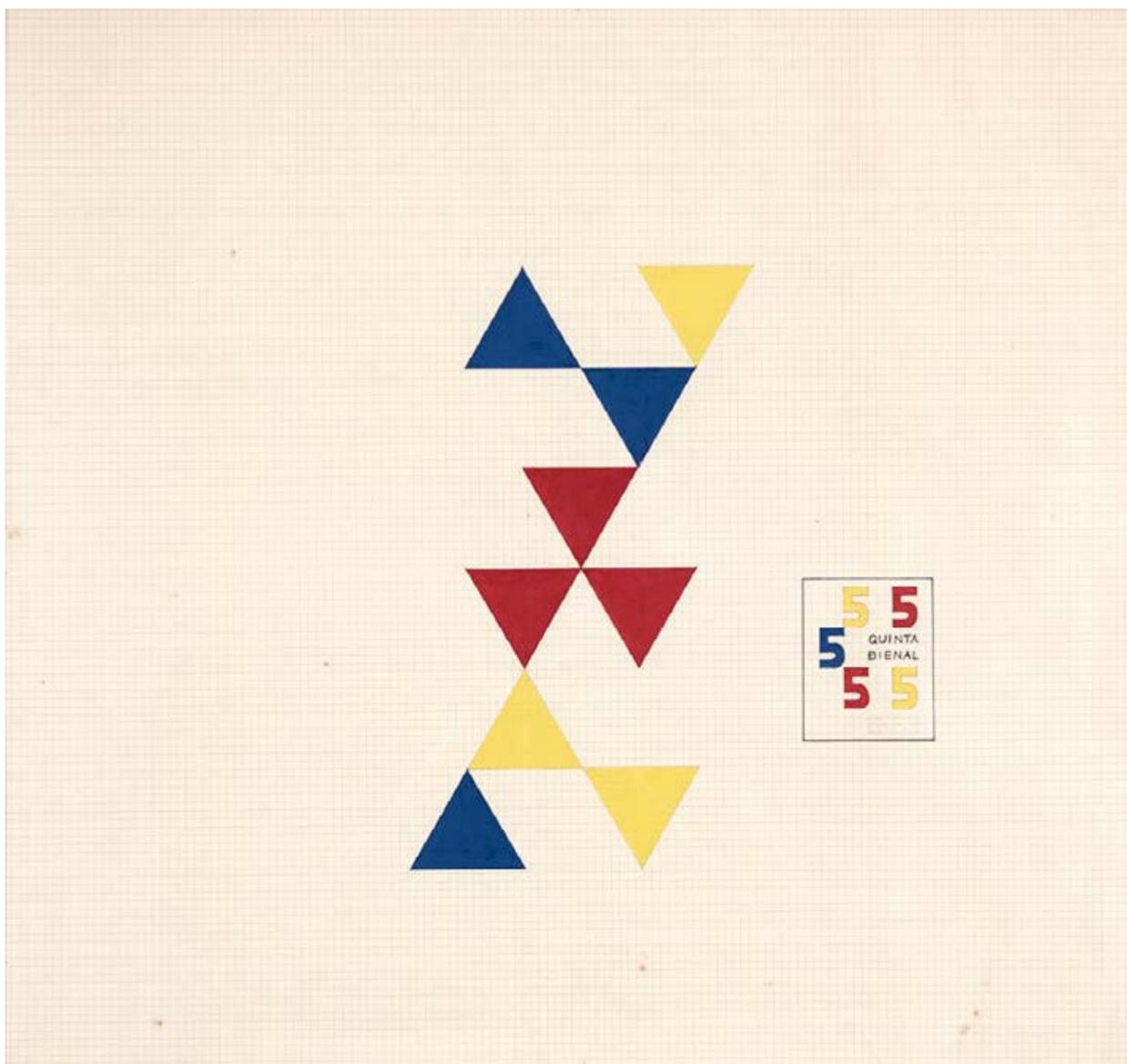
20,5 x 24,5 cm

Participou da exposição "Willys de Castro", na Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2012.



Willys de Castro

Estudo para pintura,
guache sobre papel
20 x 24 cm



Willys de Castro

Estudo para o Cartaz da 5ª Bienal de SP, 1959
guache sobre papel quadriculado
66 x 71 cm



Willys de Castro

Pluri-objeto, 1980/88

latão e cobre

100 x 11 x 13 cm

assinatura no verso

Reproduzido no livro "Willys de Castro" de Roberto Conduru, Cosacnaify, 2005, na pág. 143. Tiragem de 10 exemplares.



Willys de Castro

Pluriobjeto A6 (Maquete), 1988
acrílica sobre madeira de cedro polida
62 x 4,5 x 4,5 cm
assinatura no verso



Willys de Castro

Pluriobjeto A6

acrílica sobre madeira de cedro polida

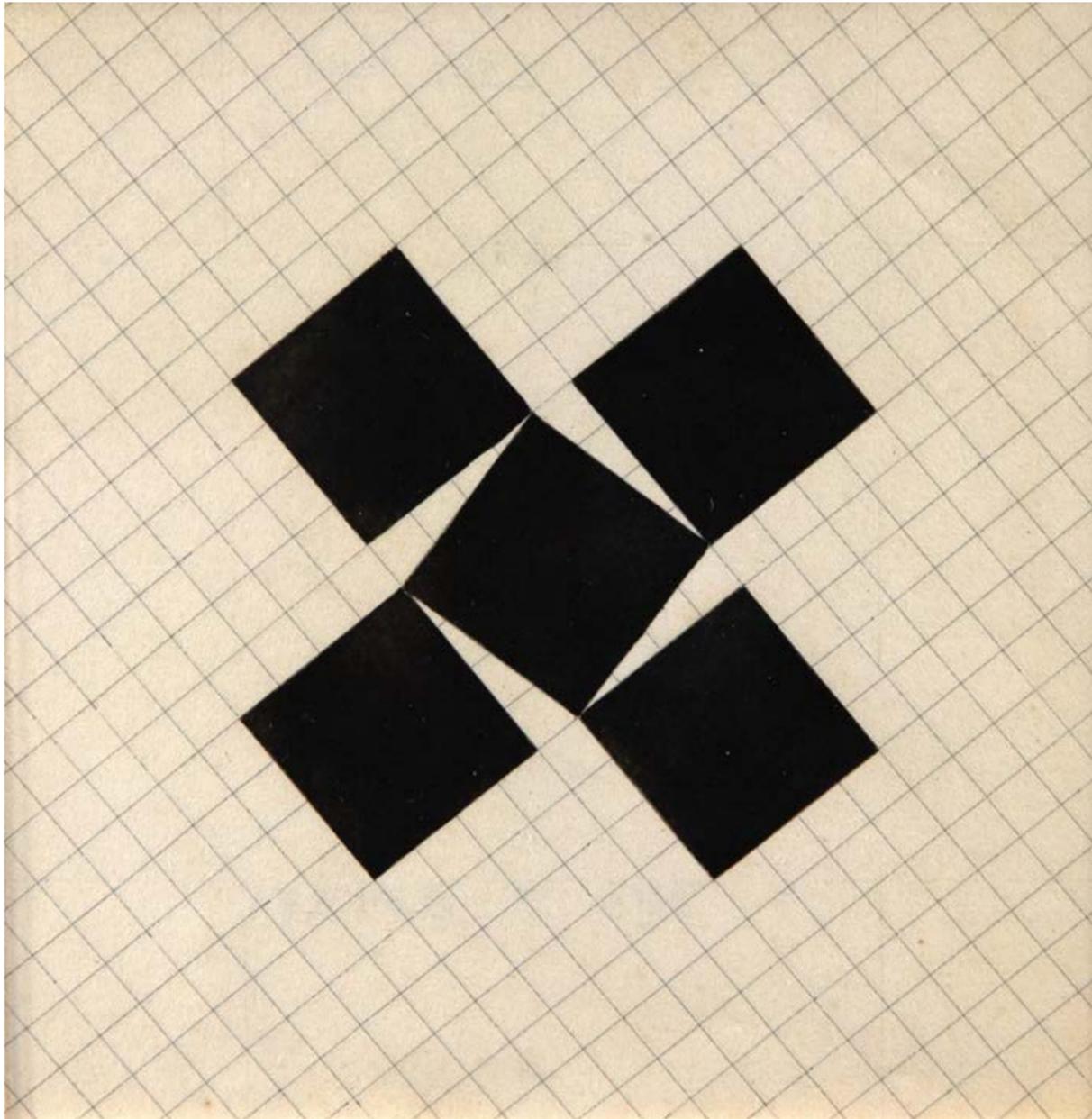
100 x 7 x 7 cm

assinatura no verso



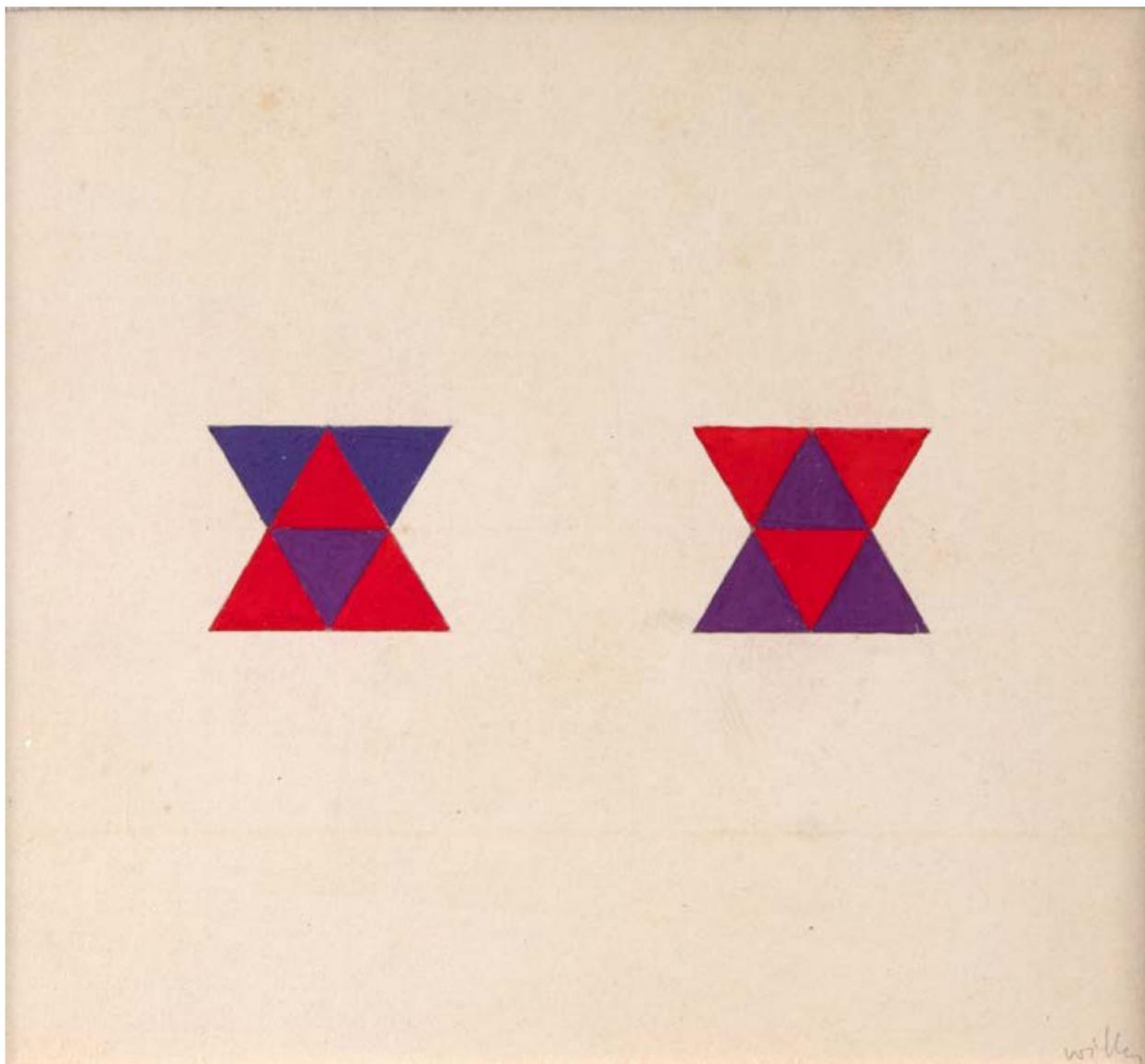
Willys de Castro

Objeto Ativo,
litografia sobre papel schoeller dobrado
27 x 27 x 3 cm
assinatura no verso



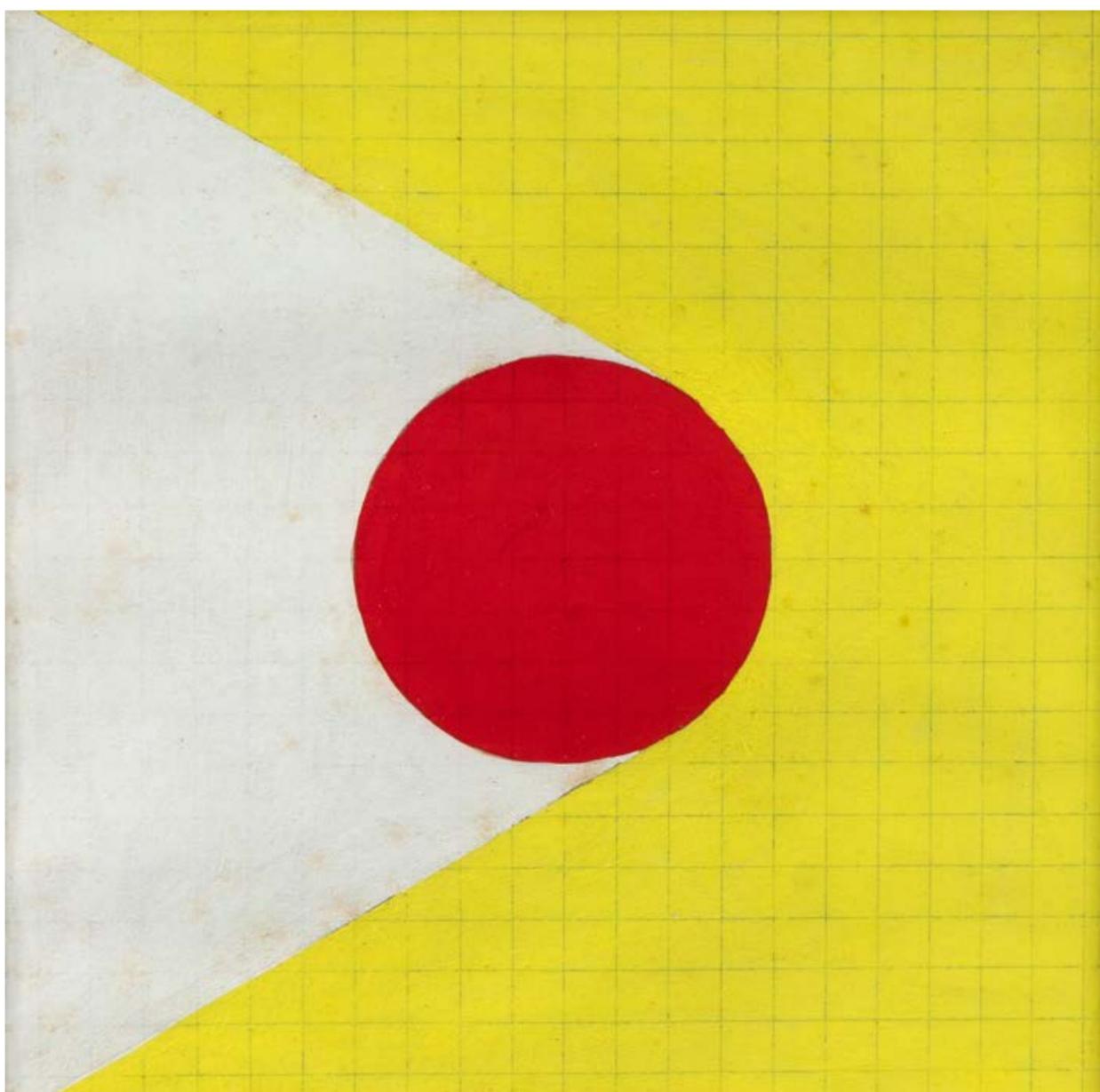
Willys de Castro

Sem Título,
guache sobre papel
10,5 x 10,5 cm
assinatura no verso



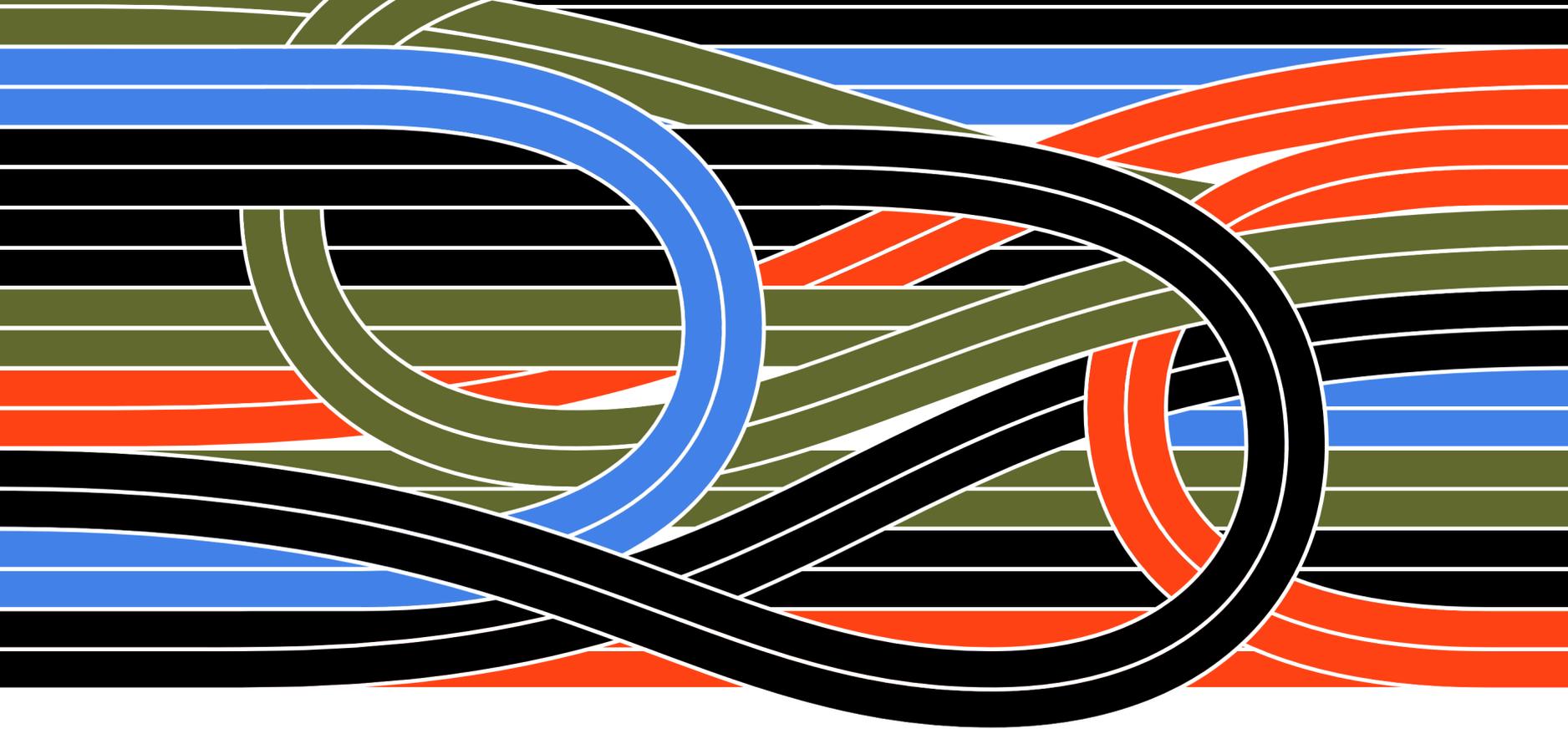
Willys de Castro

Sem Título,
guache sobre papel
9,5 x 10,5 cm
assinatura inf. dir.



Willys de Castro

Sem Título,
guache sobre papel
10,5 x 10,5 cm
assinatura no verso



GALERIA FRENTE

R. Dr. Melo Alves, 400
Cerqueira Cesar - São Paulo / SP
CEP 01417-010

HORÁRIO DE ATENDIMENTO:

Segunda a Sexta das 09:00 as 19:00
Sábado das 10:00 às 14:00

galeriafrente@galeriafrente.com.br

(11) 3064-7575 | 3578-5919
(11) 99535-6109

Confira nosso Preview

<https://www.galeriafrente.com.br/>



